

R E N A T A M Ü L L E R

ANTES DE VOCÊ

chegar

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Renata Müller



2ª Edição

© Copyright 2012 de Renata Müller Cardozo

Capa: Marina Ávila

Revisão: Bruno Naure

2ª Edição

Edição digital Kindle

Para Miguel
e
Para Kathleen

Sumário

Prefácio

1. MEG

2. Maria

3. O Urso

4. Mar de estrelas

5. O beijo

6. Estrelas no mar

7. Aquele verão

8. A calma antes da tempestade

9. Dado

10. Mais que complicado

11. O hábito e o monge

12. Recomeçar

13. Vermelho

14. O bom samaritano

15. Garota preciosa

16. Codependência

17. Os desajustados

18. Jogo de erros

19. Efeitos do clima

20. Inevitável

21. Mais sorte que juízo

22. Então viva...

23. Colocando a casa em ordem

24. Enfrentando fantasmas

25. Para o resto de nossas vidas

Prefácio

Um texto surpreendente. Um Livro Fascinante.

Quando eu li a história da Ana Maria pela primeira vez fiquei muito surpreso. Surpreso pela qualidade do texto pela profundidade da personagem e pela intensidade da história.

História que surpreende, que emociona e que até te deixa com raiva dos personagens às vezes.

Antes de você chegar certamente não é daqueles livros que você começa a ler e para no meio do caminho. Simplesmente o texto de Renata Muller não permite isso. É começar a ler e parar só quando o último ponto final do livro chegar.

Ana Maria não tem uma história de vida fácil e esse livro não é nenhum conto de fadas, mas ela traz alguns ensinamentos que eu não esqueci e certamente o leitor também não vai esquecer. E Renata Müller com seu texto atraente e envolvente conduz o leitor com maestria o leitor por entre a vida de Ana Maria e suas aventuras.

Boa Leitura!

Bruno Naure é jornalista e revisor

1. MEG

Tinha alguém me seguindo. Não sei quando foi que eu percebi isso, mas a sensação de alguém me observando estava lá. Minha colega, Samantha – que era chegada nessas coisas de sobrenatural, percepção extrassensorial e coisas genéricas de séries de TV – havia dito que ou eu estava sendo perseguida, ou eu “era objeto de possessão demoníaca”. Como eu não acreditava em fantasmas ou demônios e não me achava interessante o bastante para algum psicopata tomar nota, eu deveria estar simplesmente maluca.

Poderia ser só uma impressão recorrente. Ou talvez o Pedro houvesse tido uma recaída. Só que ele estava no trabalho naquela hora e eu sabia que ele não andava cabulando o serviço porque eu revistava a carteira dele.

Na hora em que eu saí do serviço, estava ventando. O outono havia chegado, mas sempre havia vento naquela bendita cidade. Estava atravessando a rua no semáforo e o vento bateu em mim com tanta força que quase me fez perder o equilíbrio. Meu cabelo voou em todas as direções, feito uma medusa. Meu elástico tinha caído no chão. Baixei para pegar e depois tive que correr para atravessar antes de o sinal abrir para os carros.

Foi quando eu parei na calçada para amarrar o cabelo, que vi a caminhonete. Era como em um daqueles filmes em que a pessoa que está para morrer vê a vida toda passar diante dos olhos. Exceto que eu não estava morrendo, mas eu me lembrava de já haver visto aquela caminhonete mais de uma vez.

Tentei pegar o número da placa, mas o semáforo abriu e ela arrancou rápido, cantando pneu. Tudo que eu consegui guardar foram as letras, MEG. Parecia nome de gente. O nome daquela atriz que a Marina dizia que achava uma fofa, das comédias românticas

de sexta à noite, de antes de ela arranjar um namorado. Aquilo era um sinal. Só podia ser isso. Era sinal de que eu iria receber a minha carteirinha de maluca.

Prendi o cabelo como deu, mas o vento ainda estava tão forte que não tinha como fazer um rabo-de-cavalo decente. Uns fios escapavam e ficavam voando em volta do meu rosto. Se eu abrisse a boca para respirar, comeria cabelo. Era uma das coisas que eu não gostava naquela cidade. Ela não conseguia decidir. Ou era quente de rachar, ou tinha aquele vento gelado que parecia que iria levar a minha roupa embora.

Já havia escutado várias histórias, lendas urbanas, de coisas que o vento havia feito. Tipo a da mulher que estava esperando o ônibus e a lufada fez com que ela fosse parar na rua, na frente de um caminhão PAM! Atropelada. Algumas vezes eu acreditava que essa história poderia ser verdade, especialmente quando achava que eu mesma iria ser levada embora. Talvez eu fosse para Oz, igual à Dorothy do filme.

Peguei o ônibus lotado no terminal. Era uma sensação bem próxima de ser uma sardinha. Exceto que sardinhas não têm cheiro de suor e não ficam tentando se apalpar na latinha. As pessoas mais espertas estavam sempre com fones de ouvido no ônibus. Eu havia desistido de comprar qualquer tipo de eletrônico. Eu sempre dava um jeito de perder, na rua ou em casa. No final das contas, era muito caro ser avoada. Era mais barato ficar ouvindo as pessoas conversando alto sobre coisas idiotas que não me diziam respeito. Eu quase tinha vontade de me intrometer algumas vezes.

Fiquei olhando para fora, tentando me segurar da melhor forma possível, já que o motorista parecia ser um piloto de *Fórmula 1* aposentado. Vi uma mulher fazer o sinal da cruz enquanto o ônibus passava por cima da ponte. Era exatamente como eu me sentia, como se estivesse entregando a minha alma, mas eu já estava habituada com a sensação.

Quando saí, o ônibus já havia esvaziado. Desci um ponto antes, para ficar na frente da locadora. O balconista me conhecia desde a época que eu ainda fingia ser uma boa garota. Ele me chamava de Amélie, por causa da Amélie Poulain do filme.¹ Naquela época eu tinha cortado o meu cabelo curto e tinha ficado parecido com o da personagem. O cabelo já havia crescido tinha muito tempo, mas o rapaz continuava me chamando daquele jeito. Acho que ele deveria gostar do filme, ou qualquer coisa assim.

— Amélie, eu consegui o filme que você queria! — o balconista disse, ao me ver.

Ele era um tipo desengonçado, meio alto, magrelo e ruivo. A Marina antigamente achava que ele tinha alguma coisa por mim e eu achava que ela tinha razão. Não que ele não fosse atencioso com todos os clientes, mas ele sempre parecia excessivamente feliz quando me via.

Ele tirou a caixa de debaixo do balcão, como se fosse alguma coisa proibida. Se fosse alguma coisa ilegal, ele não poderia fazer mais segredo. Uma mulher gorda, que estava parada na frente da prateleira dos lançamentos, deu uma olhada atravessada. Pela cara dela, deveria estar achando que era um filme pornô. Deveria ser uma daquelas carolas religiosas, que passam os dias na igreja e de noite transam com a luz apagada.

O filme não tinha nada de pecaminoso. Era só um filme velho que eu já tinha visto algumas vezes. *Gente como a Gente*, era o filme. Se a velha visse o “como” do título escrito na capa, iria provavelmente achar que ele queria dizer outra coisa. Quando uma pessoa tem a mente suja, tem a mente suja. Iria acabar lendo “Gente come Gente”, um pornô sem escrúpulos, ou um filme estranho sobre canibalismo.

— Tive que mandar vir da filial — ele continuou, alheio aos meus pensamentos.

— Obrigada, você é um anjo — agradei, mas não conseguia lembrar o nome dele.

Era Ilson? Wilson? Nilson?

Tirei o dinheiro do bolso para pagar a locação, mas ele segurou a minha mão.

— Por conta da casa, Amélie — falou e demorou um pouco mais para soltar minha mão do que precisava. Não que ele precisasse ter segurado em primeiro lugar.

A cara da velha era de quem iria dizer “pouca vergonha”, ou qualquer coisa do gênero. Era bem aquele tipo de gente que não pode ver ninguém segurando a mão de outra pessoa sem ter segundas intenções. Ele tinha segundas intenções, claro. Quando é que homem não tem segundas, terceiras, quartas intenções? Pergunte ao Pedro.

— Valeu, — congelei, como é que era mesmo o nome dele? Ortelino Troca-Letras? — Otis. Obrigada.

Era a única pessoa no mundo que deveria se chamar Otis. Esse era o tipo de nome de pessoas que já nasceram velhas. Eu não conseguia imaginar uma criança chamada Otis. Quem era o pai que dava para o filho nome de elevador?

Peguei o filme e guardei na bolsa. É claro que tratei de me mandar dali antes que ele inventasse que tinha direito de me convidar para qualquer coisa idiota e eu me sentisse na obrigação de aceitar porque ele havia me dado uma locação.

Saí para a rua escura. Tinha noites em que a iluminação pública parecia não ser o bastante para iluminar tudo que deveria ser iluminado. Por sorte, eu estava apenas a duas quadras de casa.

O vento mexia as folhas das árvores, fazendo as sombras dançarem. Quando as sombras mexiam daquele jeito, davam a impressão de que algumas coisas eram maiores. Já estava quase em casa, quando um cachorro fuçando no lixo me fez dar um pulo. Dei dois passos antes de perceber que não era um cachorro, mas um rato. Pelo tamanho deveria ser um rato mutante. Só deveria comer

frango cheio de hormônio. Ou, talvez, fosse uma experiência genética que não tinha dado certo.

Subi a escadinha da frente de casa correndo. Minha mão tremeu tanto que quase não consegui colocar a chave na fechadura. Pareceu uma eternidade antes que eu conseguisse entrar e fechar o rato-mutante-alienígena para fora, ou para qualquer mundo de onde ele houvesse vindo.

Fiquei com as costas grudadas na porta por alguns segundos, só me mexendo para acender a luz do lado da porta. Nessas horas eu odiava chegar a uma casa vazia. Não havia ninguém que eu pudesse chamar para me socorrer de ratos, baratas e coisas nojentas. O Pedro só chegava pela meia noite, isso quando ele não parava em um bar e me chamavam para buscar ele de madrugada. Minha mãe era quem fazia isso, quando ela estava viva. Mais uma das heranças que ela tinha deixado para mim. Isso e um peito chato.

Quando decidi que o rato não iria arrombar a porta atrás de mim, fui passeando pelo andar de baixo e acendendo as luzes. Tirei o filme da bolsa, antes de jogá-la no sofá da sala, e coloquei-o no aparelho. Deixei-o rodando enquanto ia para a cozinha esquentar as sobras do almoço no microondas.

Eu alugava muitos filmes, mas não era tanto para assistir. Eu precisava de barulho em casa. Era algo parecido com o que eu fazia acendendo as luzes. Era para não sentir o silêncio e o fato de a casa estar vazia.

O macarrão esquentado no microondas não esquentava por igual. Uma garfada parecia tremendamente quente e a outra fria de geladeira. Comi o macarrão frio-quente enquanto passeava pela sala. Acabei encostando-me no sofá de baixo da janela que dava para a rua. As aulas do colégio noturno ali perto deveriam ter terminado mais cedo. Havia vários grupinhos passando e falando alto. Uns rapazes estouravam bombinhas para assustar as meninas.

Sorri, vendo uma das garotas pular como uma desesperada. Quase achei que ela houvesse visto o rato gigante. Se a saía dela

não fosse tão justa, talvez tivesse levantado naquela hora. Talvez fosse exatamente isso que o rapaz quisesse. A menina tentou dar uns tapas fingidos no rapaz, que estava quase se contorcendo de tanto rir.

Como eu estava olhando na direção deles, percebi quando passaram por algo que estava meio que escondido na sombra. Quase parecia um fantasma, um vulto no escuro. Primeiro achei que era um parente do "rato-mutante-do-espaco-sideral". Quase dava para imaginar os olhos brilhando no escuro. Depois, percebi que era mesmo um homem. A garotada passou por ele sem dar uma olhada. Talvez fosse mesmo um fantasma, alguém que não existisse de verdade ali, fruto da minha imaginação.

Só que ele saiu do lugar. Mancou e entrou em uma caminhonete que estava estacionada bem ali. Se eu conseguisse ver a placa, tinha certeza de que ela leria MEG.

Era oficial. Eu tinha um perseguidor.

2. Maria

O nome no meu crachá era “Maria”. Eu trabalhava em um Café no centro da cidade. Ficava em um prédio velho, mas que havia sido reformado e pintado em um tom pastel que era o que todos achavam que uma construção antiga deveria ter. Era um lugar pequeno, mas bonito. Daqueles lugares que os engravatados frequentam para se sentirem sofisticados.

Eu, que nunca fiz cursinho de inglês, passava o dia falando em termos de *brownies*, *cupcakes* e *muffins*. No primeiro mês de serviço, eu tinha engordado três quilos. Depois, quando tudo deixou de ser novidade, parei com os doces, mas os quilos ficaram. Eu continuava viciada em café expresso, porém.

Nós usávamos aventais pretos, com camisa branca e calças sociais. Era a versão que a Sofia, a proprietária, tinha de um uniforme. Apesar das funcionárias estarem monocromáticas, ela gostava bastante de cores e costumava usar vestidos coloridos, alguns demais para o meu gosto. Algumas estampas eu não usaria se me pagassem, mas tudo parecia ficar bem nela, que era loira, alta e sueca. Falava português com um sotaque engraçado e eu acreditava que o vocabulário dela deveria ser maior do que o meu.

Sofia me chamava de Maria porque dizia que eu era parecida com a filha dela, que estava na Suécia. Mostrou para nós a foto naquele dia. De onde ela viu alguma semelhança, eu nunca saberia dizer. Nenhuma das outras duas que trabalhavam lá concordaram com a chefe, nem se fosse só para puxar o saco. Sofia guardou a foto dizendo alguma coisa do tipo:

— É a estrutura óssea.

Pensei se eu deveria me desculpar por não me achar parecia com a sua Maria. Talvez eu devesse agradecer, afinal a filha dela parecia uma modelo. O que eu não entendia era por que a filha dela

se chamava Maria. Suecos não deveriam ter nomes diferentes e exóticos? Maria era mais simples até que o meu próprio nome.

Sofia foi para trás da caixa registradora, para receber o pagamento de um cliente e nós continuamos na conversa de antes, já que o movimento estava fraco.

— Perseguidor, Mariazinha? — foi Patrícia quem perguntou.

Ela era um ou dois anos mais velha que eu e tinha um jeito de responsável. Quando a Sofia não estava, era ela quem atendia no caixa. Era magra como uma vara e eu não sabia exatamente qual era a cor original do cabelo dela. Geralmente ela alternava entre o loiro e o ruivo, em todos os tons disponíveis em caixinhas. Naquele dia estava um vermelho vibrante.

— Deve ser um admirador secreto — essa foi a opinião da Samantha.

Samantha era um pouco mais arredondada do que a Patrícia e tinha cara de criança. O cabelo dela era castanho e ondulado. Eu achava bonito. Em todo o jeito dela, desde as presilhas de cabelo em forma de coração, até as unhas pintadas em cor de rosa, atestava que ela era uma romântica. Eu chamava a de Samy, porque me parecia doce como filme da *Sessão da Tarde*. Era bem isso que ela era, romântica e doce, daquele tipo de garota que acredita em horóscopo e se apaixona por um sujeito diferente toda semana. Frequentemente, o sortudo da semana era algum cliente. Às vezes, ela escrevia o telefone dela em um guardanapo e deixava cair sobre a mesa. Nenhum deles jamais havia ligado, mas isso não fazia a Samy desistir.

Ela tinha esperanças. Talvez fosse uma pessoa que nunca teve porcaria acontecendo na sua vida. Provavelmente ela ainda acreditava em Papai Noel. A vida é sempre mais fácil quando você ainda acredita nas coisas.

— Um amor platônico — Samy completou, com um olhar sonhador.

— Ou um assassino serial — a Patrícia era bem mais cínica.

— O que é que cereal tem a ver com isso? — a primeira quis saber.

A parte de ser ingênua da Samantha implicava que ela não era muito esperta. Faltava nela aquela malandragem para viver no mundo real. Enquanto ela ainda morasse com os pais, eu estaria tranquila com relação a ela, mas quando tivesse que se virar sozinha, eu tinha medo do que poderia acontecer a ela.

A Patrícia foi quem fez a gentileza de explicar:

— Serial, menina. Tipo, em série. Aqueles malucos que saem por aí matando mulher só porque uma garota na escola deu o pé na bunda deles — e olhou para mim: — Eu só não sei por que alguém iria implicar com você. Você tem uma cara bem genérica.

— Nada de especial — Samy concordou.

Não conseguia deixar de concordar com elas. Eu não tinha nenhuma característica marcante. Era a pessoa mais “quase” que eu conhecia. Era quase alta, meu nariz era quase pequeno, era quase magra, quase bonita. A única coisa que eu tinha demais, era o fato de ter uma aparência comum.

— Você é muito bonita — a Sofia tinha chegado para escutar o final da conversa.

Não sei se o padrão europeu dela era muita indicação, mas eu não me sentia mal com relação à minha aparência. Nunca havia me dado trabalho por ser feia ou ser bonita. Realmente não me importava. Até pensava que, se eu fosse mais feia, eu não teria tantos problemas.

Patrícia olhou para a Samy e deu um cutucão nas costelas da garota:

— Seu apaixonado da semana está aí.

A Samy correu para atender o sujeito, que mais parecia um urso que um ser humano. Era o tipo de sujeito que desconhecia o asseio.

Barbudo, que parecia que não tomava banho havia semanas.

— Quer pegar um cinema hoje? — Patrícia perguntou. — Não dá para dizer que está sem dinheiro, porque o pagamento sai hoje.

— Não dá, não.

Ela iria me perguntar o porquê. Eu sabia que ela iria. Fazia tempo que ela estava tentando ser minha amiga, por algum motivo esquisito. Eu não era bem muito agradável de ser amiga. Ela deveria tentar fazer amizade com a Samy, que era uma boa garota.

Há muito tempo eu não era uma boa garota. Achava estranho que elas não notassem isso. Como é que eu iria explicar que eu não podia sair em uma sexta à noite porque precisava espreitar um cara para roubar a carteira dele?

Por sorte um grupo de estudantes entrou e me poupou uma mentira. Eu não queria mentir para a Patrícia. Ela não iria entender a verdade. Samy só iria achar que eu era maluca. Talvez a Sofia entendesse. Ela era mais velha, deveria saber que a vida não era um conto de fadas. Porcarias acontecem toda hora, para algumas pessoas mais do que para as outras. A porcaria na minha vida se chamava Pedro.

Meus pais eram o casal mais lindo do mundo. Ao menos quando estavam juntos, eles eram. Meu pai não era dado a ficar por perto por muito tempo. Todas as vezes que ele saía, parecia que ia brigando. Quando ele voltava, trazia brinquedos, flores e um olhar de malandro. Agia como se nada tivesse acontecido.

Minha mãe virava o rosto e cruzava os braços. Fingia que não estava dando bola para ele, que não se importava se ele ia embora ou ficava. Ele chegava nela com jeito e logo ela estava sorrindo e dando tapas de brincadeira no ombro dele.

Da última vez em que ele foi embora, ele e a mãe estavam gritando dentro de casa. Todas as brigas deles pareciam feias, aquela não havia me parecido pior que as outras. Quando eles

começaram, meu irmão me pegou pela mão e saímos para a rua. Giovani sempre fazia isso, desde que eu era bem pequena e chorava quando eles brigavam. Acho que ele tinha medo que a briga sobrasse para nós, mesmo que nunca nenhum dos dois houvesse levantado a mão para nos bater.

Fiquei sentada nos degraus da frente de casa. Estava tentando escutar o que estava passando no lado de dentro, para tentar adivinhar quanto tempo nós ainda teríamos que ficar do lado de fora. O Gigio chutava pedrinhas na rua, resmungando alguma coisa a meia voz.

Finalmente, meu pai saiu pela porta. Saiu rápido e tropeçou em mim. Por pouco não escorregamos os dois pelos degraus da varandinha na frente de casa. Meu pai recuperou o equilíbrio e olhou para mim cheio de raiva.

— Você é insuportável — ele disse em um tom de quem estava constatando alguma coisa.

Fiquei completamente chocada. Aquele era o meu pai. Ele sempre me chamava de sua menininha linda, mesmo eu não tendo nada de especial. Meu lábio tremeu e eu estava prestes a começar a chorar. Vi minha mãe parada no vão da porta, cobrindo a boca com a mão, como se estivesse tentando não chorar.

— Vai embora! — Ela gritou para ele. — Eu não quero te ver nunca mais!

Meu pai virou as costas e foi embora. Quando me lembro daquele dia, ainda lembro de como a mandíbula dele tinha ficado cerrada. Ele não disse nada quando foi, nem por bem, nem por mal, mas não foi a última vez que ele veio.

Apareceu na casa mais algumas vezes, mas minha mãe tinha mandado trocar as fechaduras. Ele gritava na rua, até cansar ou algum vizinho chamar a polícia. Se dependesse de mim, as portas estariam abertas. Iria me esforçar para o meu pai gostar de mim de novo. Mas minha mãe não queria saber disso, então eu tapava os

ouvidos e cantarolava músicas idiotas que eu aprendia na escola porque eu não aguentava escutar meu pai gritando.

Foi uns meses depois que ela mandou meu pai não voltar, que o Pedro apareceu. Pedro com o seu uniforme de segurança, pendurado para secar do lado do nosso uniforme da escola. Pedro na mesa do café da manhã, com seu cabelo ralo e bigode fino. Pedro que parecia velho, tão mais velho que a minha mãe.

O Pedro buscava a gente na escola, quando minha mãe não podia. Meu irmão não queria que ele aparecesse lá e se escondia. Eu queria fazer o mesmo, mas meu irmão era quatro anos mais velho do que eu. Sem a carona, ele conseguia voltar para casa sozinho. Eu não. As professoras não deixavam.

Foi logo depois que eu completei oito anos que os dois casaram. Eu estava no quarto da minha mãe, enquanto ela se vestia de noiva. Ela parecia tão bonita e tão jovem que eu não conseguia imaginar por que ela queria se casar com o Pedro e não com meu pai.

Fiquei olhando para a ponta dos meus sapatinhos. Tinham me dado daqueles sapatinhos envernizados para usar na cerimônia. Eu sempre quis usar daqueles sapatinhos e deveria estar feliz com isso, mas eu não conseguia me animar.

— O que foi, Ana Maria? — minha mãe perguntou, ainda estava terminando de fazer a maquiagem e tinha me visto pelo reflexo no espelho.

— Por que você vai casar com o Pedro? — perguntei, mesmo sabendo que ela poderia não gostar da pergunta.

— Você não gosta do Pedro?

Fiz que não com a cabeça.

— Por quê, Ana Maria?

— Não gosto do cheiro dele. Ele é velho e feio.

Minha mãe sorriu, estava sendo indulgente comigo. Ela poderia ter brigado comigo e me mandado nunca mais repetir aquilo, mas

tudo que ela fez foi tentar explicar.

— Eu gosto dele. Ele me faz sentir mulher. Você é criança demais para entender essas coisas. Às vezes ser bonito não adianta nada, se a pessoa não fica por perto. É melhor ter uma pessoa confiável, do que...

Tinha certeza de que ela iria dizer do que seu pai. Ainda estava magoada. Talvez eu também estivesse magoada, um pouco com meu pai, um pouco com minha mãe, um pouco com o Pedro. Eu não conseguia entender como é que o meu pai iria deixá-la se casar com aquele sujeito. Também não entendia porque a minha mãe não poderia perdoá-lo. Se ela houvesse aberto a porta em qualquer uma daquelas vezes, não seria o Pedro sentado no lugar do meu pai na mesa dali em diante.

3. O Urso

Eu tinha uma regra, nos dias de pagamento: eu voltava para casa direto depois do serviço. O único lugar que eu me permitia desviar era para devolver algum filme na locadora, mas ainda assim não me parecia exatamente com um desvio, já que ficava mais ou menos no caminho para casa.

O problema é que a conversa com Patrícia tinha me lembrado de coisas que eu queria esquecer. Ao invés de ir para casa, então, eu fiz um desvio a pé. Queria sentar em uma pedra e olhar o mar. Era uma coisa idiota para se fazer, eu sabia disso. Não tinha nenhuma utilidade, mas algumas pessoas pareciam achar que isso fazia bem.

Se fazia bem ou não, eu não tinha certeza. Também não sabia se isso ajudava a limpar a cabeça dos pensamentos ruins, ou se era pura e simples bobagem. Fazia oito anos que a minha mãe tinha morrido. Não era uma ou duas horas olhando para o mar que iria mudar isso. Eu continuava sozinha e continuava tendo que aguentar o Pedro.

Algumas vezes o que me torturava era o fato de que o idiota era a pessoa mais próxima de mim. Quando eu pensava nisso, eu tinha vontade de gritar. Só que, sentada naquela pedra, olhando o mar calmo da baía mexendo sem fazer ondas, eu pensava no que seria se eu caísse dali. Eu não sabia nadar. Ninguém nunca tinha tomado tempo para me ensinar. Aquela seria a morte mais patética do mundo: afogada em um mar calmo.

Pensei que se fosse para eu morrer, eu preferiria não saber o que iria acontecer. Alguma coisa de repente. Atropelada por um ônibus e bala perdida estavam no alto da minha lista.

Resolvi que aquele não era o dia que eu iria me encontrar com o Criador e levantei-me para ir embora. O problema é que sempre que eu estou distraída demais, ou relaxada demais, alguma coisa tem

que dar errado. Ou, talvez, eu fosse simplesmente a pessoa mais azarada do mundo.

Só depois que eu me levantei e comecei a ziguezaguear pelas pedras foi que eu percebi que eu não estava sozinha ali. Havia um grupinho de pré-adolescentes vindo na minha direção. Se eu tivesse esperado mais um pouco para levantar, era provável que eles não houvessem me visto. O problema foi que eles viram.

— Ei, tia, tem um dinheirinho? — um deles perguntou, com um sorriso meio idiota no rosto.

Vai tomar banho, foi o que eu pensei naquela hora. Eu não era velha o bastante para ter sobrinho daquela idade. Não respondi, fingi que não tinha escutado, que era geralmente a melhor abordagem nesses casos. Quer dizer, seria a melhor abordagem, se eles não estivessem bloqueando o meu caminho.

Não sabia o que *andavam* dando para as crianças para eles crescerem tanto. Aqueles não tinham nem pelo no rosto e já eram da minha altura.

— Compra uma cerveja para a gente — um dos outros falou, em tom de quem estava fazendo um comando.

Olha bem para a minha cara, era o que eu queria dizer. Ao invés disso, fiquei quieta. Conhecia aquele olhar no rosto deles. Não eram nem adolescentes ainda, mas já estavam chapados.

— Dá a bolsa, tia — o garoto mandão, que parecia ser o chefe, falou em um tom de quem não se importa com coisa alguma.

— Se quer dinheiro, vai trabalhar — respondi, sem pensar.

Eu estava sendo inconsequente, eu sabia disso. O problema era que eu não conseguia aturar aquele tipo de gente.

O garoto puxou a minha bolsa, mas eu segurei. Por um instante fiquei imaginando se a minha bolsa de camelô iria aguentar ser puxada de um lado para outro daquele jeito. Se arrebentasse, estava tudo acabado. O moleque iria pegar a minha carteira e eu nunca iria

ver para onde ele havia corrido. Depois, eu teria todo o trabalho para fazer os meus documentos de novo!

Soltei um berro pensando nas filas para tirar a segunda via da identidade. O garoto se assustou e eu dei um empurrão nele, que tropeçou e caiu de traseiro no chão. Peguei impulso para correr, mas o outro moleque segurou o meu braço. Chutei a canela dele, mas ele não me soltou. Ao invés disso, fui empurrada para o chão.

Fiquei olhando para eles, sentada e agarrada à minha bolsa. Estava em desvantagem. Não tinha ninguém que pudesse me ajudar. Era uma das coisas que eu sabia sobre aquele exato tipo de situação: se eu gritasse por socorro, não iria aparecer ninguém. Ninguém iria escutar, ninguém veria nada.

Se aqueles garotos queriam o meu dinheiro, eles iriam levar. O máximo que eu poderia fazer era aceitar a situação com dignidade. A questão era que eu não me importava em parecer digna. Todo o meu pagamento estava na minha bolsa. Eu iria morrer de fome.

Fiquei preparada para arranhar e morder o primeiro que chegasse ao meu alcance. Quando você chega ao fundo do poço, é capaz de qualquer coisa, ou era o que eu pensava. Se ele estivesse armado, a coisa seria diferente.

— Ei!

Os moleques viraram para ver quem era que estava vindo e perturbando a tentativa de assalto deles. Seja quem fosse, estranhei que ele não soubesse que ninguém mete o nariz nesse tipo de coisa. Todo mundo passaria reto, mesmo se eu estivesse desesperadamente gritando por socorro, o que não era o caso.

— Isso não é contigo, tio – o chefinho desafiou o sujeito.

— Se manda — o sujeito veio chegando perto.

Estava demorando para chegar, porque estava com o pé quebrado, imobilizado numa daquelas botas que se usa em lugar de gesso.

O garoto hesitou e o sujeito conseguiu chegar o quão perto ele queria, para se colocar entre eu e os garotos.

— Eu disse: se manda — o tom dele era gélido. — Ou eu arrebento a cara do primeiro que der um passo na minha direção.

Quatro contra um é diferente de dois contra quatro, especialmente se são dois adultos. Especialmente se um dos adultos parecia um urso peludo. O sujeito era o paquera da Samy, o cara que aparecia de vez em quando no Café. Eu não tinha reparado que ele estava com o pé quebrado, mas eu também não era conhecida por ser observadora.

O chefinho deu uma pensada e pareceu achar que não valia a pena. Era melhor viver para roubar outro dia. Fora que, se o urso desse um couro nele, com certeza perderia o respeito dos colegas. Nunca iria sobreviver à gozação de ter apanhado de um cara com o pé quebrado.

— Cai fora — o urso repetiu.

Os moleques acabaram indo, mas estavam fingindo que a escolha tinha sido deles. O urso ficou olhando para eles irem. O rosto dele estava tão irritado que parecia congelado.

Comecei a me levantar, pensando no que eu diria para ele. Agradecer era a primeira coisa que eu faria, mas ele não me deu tempo para falar nada.

— Vem comigo — ele mandou e saiu mancando.

Eu segui, tentando juntar o meu fôlego para falar. Ele em direção à rua e só quando ele parou do lado de um carro, foi que eu consegui alcançá-lo. Destrancou a porta e me disse:

— Entra aí — deu a volta e entrou do lado do motorista.

Ele parecia estar esperando. Eu estava me decidindo se entrava no carro ou não. Que mal poderia haver em pegar uma carona com o sujeito que tinha acabado de salvar a minha pele? O problema era que ele tinha uma picape pedra, e na placa as letras MEG.

4. Mar de estrelas

O carro estava subindo por uma estrada de terra, na encosta de um morro. Já estávamos andando fazia mais de vinte minutos em uma direção que eu nunca havia ido antes. Umhas poucas casinhas no caminho foram ficando espaçadas e, por alguns instantes, contemplei a minha própria burrice.

Eu era muito lesada por haver entrado naquele carro. Não sabia por que eu tinha feito aquilo. O sujeito andava me perseguindo. Eu sabia disso. Eu não tinha motivos para confiar nele, para confiar que ele não quisesse me fazer mal. A questão era que eu não estava me importando.

Meu coração estava batendo forte e eu me sentia um pouco empolgada. Eu deveria ser maluca. Ou o pânico, ou a adrenalina, deveria estar me deixando naquele estado de entusiasmo. Eu não estava realmente dando importância para o fato de estar em um carro com um sujeito que poderia muito bem ser um homicida-psicopata-assassino.

Finalmente, ele resolveu quebrar o silêncio:

— Você não deveria pegar carona com estranhos — ele me disse.

Era cômico que ele estivesse dizendo aquilo justamente naquela hora, depois que eu já estava no carro e estava pensando que ele planejava minha morte iminente. Era como se ele quisesse me dar uma lição de moral.

— Isso não é carona. Você está indo para o lado oposto ao que eu moro — achei que valia a pena mencionar.

Ele pareceu não me dar mais atenção e eu olhei para ele. A noite estava clara e, mesmo sem iluminação pública, eu conseguia vê-lo. Surpreendia-me como ele poderia se parecer com um urso. Era a barba, provavelmente. Sem ela, a aparência dele deveria ser

agradável. Ao menos a testa, os olhos e o nariz dele eram agradáveis. Era estranho falar na aparência agradável do cara que poderia vir a ser o seu assassino.

Imaginei se ele usava uma barba para disfarçar um queixo fraco. Queixos eram importantes para mim. Super-heróis tinham sempre queixos quadrados e fortes. Era um sinal de caráter. Eu baseava essa teoria também no Pedro. O queixo dele definitivamente era fraco.

— Você está com medo? — ele perguntou, depois de uma longa pausa.

Naquela hora, a estradinha estava subindo ladeando o morro e, olhando para a minha direita, eu não conseguia ver nada além de um precipício escuro.

— Sim, muito medo — foi o que eu respondi.

— Eu não vou te machucar — ele disse, mas a voz dele não tinha inflexão alguma. Ou ele não se importava, ou ele estava mentindo.

— Não é disso que eu tenho medo. Tenho medo de ir parar lá embaixo —apontei o barranco.

— Você é estranha — ele disse mais como uma constatação do que qualquer outra coisa.

Eu era estranha? Quem era que andava me espionando nas últimas semanas? Precisa um maluco para reconhecer outro, não é assim?

— Você entra no carro com uma pessoa que você não conhece, não sabe para onde está indo e não está com medo. Você não assiste telejornal? — ele perguntou naquele tom meio desbotado.

— Não assisto — respondi. — Só tem desgraça.

— Também não adianta ficar alheia e acreditar em tudo que qualquer maluco te diga. Você quer virar a desgraça do jornal?

— Não adianta chorar pelo leite derramado — ergui os ombros.

Naquela hora ele me olhou e eu me assustei. Não foi porque os olhos dele estivessem tentando ler a minha alma, ele parecia estar curioso, mas porque eu tive medo que ele se distraísse e o carro caísse do barranco.

— Você é ingênua — ele disse e voltou a olhar para frente. — Ou suicida.

Fiquei olhando para ele, boquiaberta. Estava surpresa que ele conseguisse me ler tão bem. Não que eu fosse suicida. Eu não pensava que seria capaz de conscientemente acabar com a minha vida. A questão era que eu havia chegado ao ponto em que não me importava mais com o que pudesse me acontecer. Eu queria ficar viva, claro, e de preferência sem arranhões. Só que os piores machucados geralmente não são os visíveis.

— O que foi? — ele perguntou, sem olhar para mim, mas deveria ter percebido que eu estava encarando.

— Como é que você consegue dirigir com o pé quebrado? — foi a primeira coisa que me ocorreu perguntar.

— Câmbio automático. Eu quebrei o esquerdo.

Fiz um “ah”, apesar de aquela não ser realmente a questão que estava me intrigando. Eu não sabia sequer se a resposta dele deveria fazer algum sentido. O que me intrigava era por que ele andava me perseguindo? E, claro, a segunda grande pergunta: para onde ele estava me levando?

Finalmente passamos por uma cerca de arame que estava aberta e chegamos ao fim da estrada. Estávamos no alto do morro, em um descampado. Havia duas antenas lá. A recepção de celular deveria ser bastante boa. Por um segundo me arrependi de não ter um.

Parou o carro. Por uns instantes achei que ele iria me dizer alguma coisa, mas depois ele pareceu mudar de ideia. Abriu a porta e desceu.

Tinha deixado a chave na ignição e imaginei se eu deveria aproveitar a oportunidade para tentar roubar o carro e fugir. Em seguida lembrei que eu não sabia dirigir e que o mais provável era de que, se eu tentasse, acabaria de cabeça para baixo no barranco. Abri a porta, então, e desci atrás dele.

Eu realmente havia me colocado em uma posição vulnerável. Não havia ninguém por perto. Se ele tivesse uma arma, poderia fazer o que quisesse comigo e me deixar ali para ser encontrada Deus sabe lá quando. Isso me fez tremer, enquanto caminhava em direção à traseira da caminhonete.

O sujeito havia baixado a tampa da caçamba e sentado ali. Não parecia estar realmente se importando comigo ou com a minha companhia.

— Você está com medo? — perguntou, mas não me olhou.

— Não — e percebi que, apesar de estar super-racionalizando, eu não estava com medo.

— Por quê?

— Porque eu acho que consigo correr mais rápido que você com esse pé quebrado.

Ele sorriu. Samy tinha razão em achar que ele era bonito. Se bem que eu poderia estar enganada. Todo mundo parece bem à meia luz. Apesar disso, o sorriso dele não me pareceu muito verdadeiro.

Olhei na direção em que ele estava olhando e minha respiração ficou presa na garganta. Era quase toda a cidade lá embaixo. Milhares e milhares de luzes brilhavam como se fossem estrelas. Era a coisa mais linda que eu já havia visto em toda a minha vida.

Acabei sentado na beirada da tampa a alguns palmos de distância dele. Balancei as pernas, como se fosse criancinha. Estava me sentindo bem pequena naquela hora.

— Qual é a sua? — acabei perguntando.

— O quê?

— De sequestrar garotas.

— Eu não te sequestrei — ele não pareceu se importar com a minha acusação.

— Você me mandou entrar no carro. No meu dicionário, isso é sequestro.

— Você poderia ter ido embora. Eu não iria atrás de você.

— Eu não acredito nisso — falei e olhei bem para ele. — Eu sei que você anda me vigiando.

— E entrou no carro mesmo assim? — dessa vez ele me olhou. Mais uma vez eu estava conseguindo arrancar uma expressão intrigada dele.

— Eu estava curiosa — confessei. — Mas, como dizem, a curiosidade matou o gato.

— Não se preocupe. Você não é o meu tipo.

— Isso não é coisa que se diga para uma mulher.

— Não é o tipo de moça que eu sequestro.

Ele estava brincando, mas eu não conseguia dizer com absoluta certeza. Por algum motivo, eu não conseguia ter medo dele. Na verdade, o *voyerismo* dele me empolgava. Fazia pensar que havia alguma coisa a mais na vida do que a chatice habitual. Se eu ousasse colocar em palavras, poderia dizer que aquela noite estava sendo a mais empolgante dos últimos anos.

— Por que foi que você me ajudou?

Ele não me respondeu. Ao invés disso tirou do bolso um antigo conhecido meu. Acendeu e me ofereceu, mas eu não fumava mais. Apesar disso, o cheiro me deixou com vontade. Acho que talvez porque me lembrasse de tempos em que as coisas pareciam mais fáceis. Não digo que realmente fossem, mas pareciam assim.

— Obrigada por ter me ajudado — falei, quando ele pareceu não estar mais me dando atenção.

Ficamos quietos enquanto ele fumava. Tinha alguns conhecidos que não paravam antes de estarem queimando os dedos, mas ele jogou fora quando chegou à metade. Nunca tive tanta vontade de tragar quanto naquele momento, mas era uma criatura teimosa. Se eu tinha parado, eu tinha parado, não iria mudar de ideia.

Ele deitou as costas na caçamba e ficou ali, com as pernas para fora e o torso deitado. Colocou a mão no meu ombro, mas meio que me deu a opção de deitar ou não. Acabei cedendo. A sensação era estranha. Eu estava desprotegida e aquela posição colocava isso de uma forma mais evidente. Um calafrio percorreu o meu corpo.

Finalmente relaxei o bastante para deixar meus olhos subirem até o céu. Não havia uma nuvem acima de nós e as estrelas eram lindas.

— Uau — deixei escapar. — Geralmente eu não consigo ver tantas estrelas.

— É por causa da poluição visual — ele disse, sem me olhar.

Eu não sabia o que era poluição visual, mas dava para ter uma ideia.

— Você sabe o nome das constelações? — perguntei.

— Não exatamente — ele inclinou o corpo um pouco para o meu lado, nossas cabeças quase se tocaram, e apontou para o céu. — Meu irmão dizia que aquela lá se chamava “Cachorro Mijando”.

Isso me fez rir e me deixou subitamente relaxada. Se ele era capaz de fazer uma piada, talvez ele não fosse um maluco que quisesse me matar. Naquela hora ele me olhou. Não sei por que, mas me flagrei me inclinando para ele me beijar.

Foi a primeira vez que beijei um sujeito com barba. Não foi tão estranho quanto eu esperava. Cheguei à conclusão de que era melhor do que beijar alguém com barba por fazer. Barbas por fazer

são espinhosas, machucam. Uma barba curta como a dele só me fazia cócegas.

Ele virou de barriga para cima de novo, com um braço embaixo da cabeça. Estava parecendo casual e despreocupado, como se nada daquilo tivesse mesmo acontecido. Tive certeza naquela hora de que ele não iria me fazer nada de mal e eu não sabia que isso deveria me fazer sentir reconfortada, mas fez.

Fui eu quem tomou a iniciativa para um segundo beijo. Eu deveria estar maluca, porque estava pensando que aquele era o melhor encontro que eu já tinha tido em um bom tempo. Isso também me deprimia um pouco em relação às porcarias de encontro que eu havia tido. Isso também me lembrava que eu estava há muito tempo sem transar. Esse é o problema com beijos. Com exceção do meu primeiro beijo, todos os outros haviam sido seguidos pelo desejo ardente de ser tocada de todas as formas possíveis e imagináveis. Já havia me colocado tão a mercê dele que não me importava mais.

Não consegui deixar de pensar que aquela seria a primeira vez que eu iria transar na caçamba de uma caminhonete. Menos um item na minha lista de lugares para transar antes de morrer. Não que a caçamba de uma caminhonete estivesse na lista.

5. O beijo

Já tinha passado da meia noite quando cheguei à minha casa. Estava tudo em silêncio e as luzes, apagadas. Não sabia se o Pedro tinha voltado, ou se ele havia feito seu tradicional desvio ao bar da esquina.

Subi em silêncio e logo os roncoss me avisaram que ele estava em casa. Se eu não trancasse sempre a minha porta, era possível que ele resolvesse me esperar acordado. Assim, era apenas como se eu tivesse ido dormir mais cedo.

Entrei quieta no quarto dele. Estava acostumada a fazer isso. Todo início de mês era a mesma coisa, já havia virado rotina. Pedro sempre deixava as calças em cima da cômoda e eu tateei os bolsos até achar a carteira.

Levei-a comigo até o banheiro. Enquanto esperava a água esquentar, abri a carteira e tirei o dinheiro. Já não tinha tanto quanto deveria ter. Se eu procurasse nos lugares de sempre, encontraria a bebida, que o Pedro fingia que não comprava e eu fingia que não sabia.

Deixei para ele uma nota de vinte. Era quase como a mãe que deixava a mesada para o filho que não sabe cuidar do seu dinheiro. De vez em quando, também, deixava dinheiro onde eu sabia que ele iria encontrar.

Imaginei o que o Pedro deveria pensar sobre eu pegar o dinheiro do pagamento dele. Nos primeiros meses que eu havia feito isso, talvez ele não houvesse notado. Eu não era tola o bastante para achar que ele não iria reparar depois de eu fazer isso todo mês um ano inteiro. Achava que ele não deveria se importar tanto, já que havia comida na geladeira e todas as contas estavam sendo pagas. Eu só sabia que não iria passar de novo pela humilhação de ter a luz cortada.

Deixei a carteira e o dinheiro em cima da pia, enquanto entrava debaixo do chuveiro. Eu não tinha o costume de tomar banho com o Pedro em casa. Como se dizia: prudência e canja de galinha não faziam mal a ninguém, mas eu precisava de um banho.

Entrei debaixo do chuveiro sem me preocupar em manter o meu cabelo seco. Eu estaria com uma cabeleira de medusa no dia seguinte, de dormir sem secar o cabelo, mas não estava me importando muito. O que eu queria era pensar.

O nome do sujeito era Bruno, tinha me dito no carro, quando eu perguntei. Até estar do lado dentro da porta, eu não tinha tido certeza de que ele iria realmente me levar para casa. Ganhou um ponto positivo na minha média por isso. O segundo ponto ele tinha ganhado por não ter fingido que não sabia onde eu morava.

Não perguntei por que ele estava me seguindo ou o que ele queria com isso. Não sabia como ele poderia interpretar aquele tipo de pergunta. Ao que eu sabia, ele poderia surtar e resolver acabar comigo se eu tocasse em qualquer ponto delicado.

O que estava me deixando aborrecida sobre aquela situação era que aquele foi o melhor encontro que eu tinha tido nos últimos anos. Eu não era uma romântica. Não era uma boa garota e não me iludia com relação a isso. Talvez eu estivesse indo longe demais até para os meus próprios parâmetros, mas eu não estava me censurando. Na verdade, eu duvidava que veria aquele sujeito de novo.

Era muito fácil, as pessoas passarem pela minha vida e não voltarem. Quando eu ainda era uma boa menina, eu me importava com isso. Ser uma boa menina, porém, parecia ter sido em uma outra vida.

Devolvi a carteira do Pedro depois de vestir o meu pijama. Ainda tive a decência de colocar mais alguns passes de ônibus ali dentro. Nunca deixava passes demais com ele. Quando descobriu as pessoas perto do terminal que compravam os passes, ficou sem ter como ir para o trabalho. Bebida era um vício sério. Eu não estava

trabalhando quando ele fez isso, então, para ter dinheiro, o Pedro vendeu a televisão que o meu irmão tinha deixado quando foi embora.

Quando eu fui deitar, estava pensando nisso e pensando no meu irmão. O Gigio tinha ido embora bem na época em que eu já poderia chamar as coisas de complicadas.

Talvez tudo tenha sido complicado depois que a minha mãe tinha morrido, mas ele tinha feito as coisas não parecerem tão ruins. Eu ainda era uma boa garota, não sei se por índole ou por medo.

Eu tinha medo que o Pedro resolvesse mandar a gente para um abrigo de menores. Não tínhamos ninguém que pudesse tomar responsabilidade por nós. Eu achava que o Pedro estava fazendo tudo pela bondade do coração dele e não queria que ele tivesse motivos para mudar de ideia. Eu lavava as roupas deles, cuidava do serviço da casa e fazia a comida. Meu irmão estava com dezesseis anos e o Pedro arranjou para ele um emprego em uma oficina mecânica perto de casa.

Não foi muito tempo antes que o Gigio começasse a cabular serviço para andar com os garotos ricos. Eles queriam montar uma banda e o meu irmão tinha o violão velho que meu pai tinha deixado. Ele tinha escondido da minha mãe para ela não jogar fora.

Como o Pedro trabalhava à noite, acabou que eles ensaiavam em nossa casa. Primeiro fiquei aborrecida, porque eu precisava manter a casa limpa. Depois, como o Pedro não percebia nada, resolvi que gostava do barulho e da companhia.

Eles não tocavam muito. Passavam mais tempo fumando, bebendo ou beijando as namoradas. Sempre havia uma namorada nova. Algumas delas eram legais, outras tinham pena da menina órfã.

Comecei a gostar de quando eles vinham, porque a geladeira andava vazia demais. Os garotos ricos não passavam fome. Eles sempre traziam alguma coisa para comer, ou pediam uma pizza.

Meu irmão me mandava para a cama às nove horas e eu obedecia reclamando, porque eu já tinha treze anos e achava que não precisava dormir tanto. Eles não tocavam mais depois disso, mas só iam embora depois das onze. Eu imaginava o que eles ficavam conversando depois que eu ia para a cama.

Uma vez estava tudo quieto e eu desci para tomar água. Achei que todo mundo tinha ido embora, a luz estava apagada. Mesmo assim eu não fiz barulho. Escutei a respiração pesada do João quando entrei na sala. Dos meninos ricos, ele era o mais bonito. Tinha o cabelo meio de surfista, mas não era bronzeado. Às vezes eu pensava que queria beijar o João.

Ele estava sentado no sofá e a loira estava com a cabeça no colo dele. Entrei na cozinha antes que eles me vissem, minhas mãos tremendo e meu coração batendo forte. Eu sabia que eles estavam fazendo alguma coisa que eu não deveria estar vendo.

Tinha alguém fumando na cozinha e eu quase gritei de susto. Só que era só o Claudinho. Ele nunca se incomodava muito comigo. Estendeu o cigarro:

— Quer, Mariazinha?

Ninguém nunca tinha me oferecido e o Gigio iria ficar furioso se soubesse, mas eu estava nervosa e não conseguia dizer coisa alguma. Peguei o cigarro da mão dele e dei uma tragada pequena. Tive que me controlar para não começar a tossir. Devolvi o cigarro e recuperei a minha voz.

— O que é que o João está fazendo na sala? — perguntei.

Claudinho levantou da cadeira e foi até a porta. Quando ele voltou estava com um sorrisinho debochado no rosto.

— Sexo oral.

Tentei ligar as duas palavras até que elas fizessem sentido. O problema era que a ideia parecia repulsiva demais.

— Ela está com... as coisas dele na boca?

Claudinho deu uma risada do meu jeito de falar, mas não respondeu. Ofereceu de novo o cigarro, mas eu fiz que não com a cabeça.

— Parece nojento — foi o meu comentário. — Você já fez isso?

— Já.

— É bom?

— Depende de quem faz.

Fiquei pensando no que ele queria dizer com isso. Quer dizer, eu sabia sobre sexo. Madame Min, que era a gata, tinha transado com o senhor Felpudo. O Gigio tinha me dito que era por isso que ela iria ter filhotinhos. Um dos que nasceram e o senhor Felpudo não conseguiu matar, era exatamente como o gato siamês do vizinho. Nós não ficamos com ele, o Gigio deu para uma das namoradas.

— Já te beijaram, Mariazinha?

Fiz que não com a cabeça.

— Você quer que eu te beije?

Claudinho, como todos os outros, tinha dezesseis. Era quase como ter uma proposta de casamento de uma pessoa vinte anos mais velha. Eu não sabia se queria beijar o Claudinho ou não, mas tinha a curiosidade de saber como era. Uma vez não iria fazer mal.

Era molhado.

6. Estrelas no mar

Eu estava arrumando as revistas que a Sofia deixava em uma prateleira para os clientes, quando ele entrou. Fingi que não vi. Não sei por que fiz isso. Eu não estava envergonhada pelo dia anterior, eu nunca ficava envergonhada. Minha preocupação estava em ele ficar pensando que eu era fácil. Não que eu não fosse, mas eu só era assim nos meus termos.

A Samantha foi atender e eu pensei que não era só eu quem era fácil. Aquele sujeito também era. Só que homem fácil é garanhão, mulher é galinha. Quem sabe ele não se interessasse pela Samy, isso seria bonito. Talvez ele pudesse dar a ela o que ela mais queria, que era ser o amor da sua vida por uma semana. Eu desconfiava, porém, que se conseguisse isso, ela era tola demais para se apaixonar pelo Bruno. Samy não era fácil, era uma romântica. Iria acabar ficando profundamente magoada por aquele sujeito.

— Ana Maria — a Samantha voltou e me trouxe de volta para o mundo real. —Você atende aquele cara?

Isso fez com que Patrícia, que até aquele momento estava inclinada no balcão folheando uma revista, endireitasse o corpo e levantasse as sobrancelhas. Ela sabia o quanto a Samy se apaixonava pelos clientes e aquela mudança de opinião havia sido súbita até para ela.

— Ele pediu a Ana Maria — a Samy explicou.

A Patrícia me olhou como se soubesse exatamente o que eu havia feito na noite anterior. Era para eu me envergonhar? Isso não era comigo, mas vi a expectativa no olhar da Samy e fiquei aborrecida porque eu precisava dizer alguma coisa para ela.

— Ele me ajudou com uns moleques ontem — hesitei. — Eles queriam me roubar e o Bruno os assustou.

— Sério? Tentaram te assaltar? — Patrícia perguntou e, por um instante, achei tranquilizador que ela acreditasse em mim sem questionar.

— E ele te salvou? — a Samy parecia que queria me abraçar. — Isso é tão lindo! Agora vocês vão se apaixonar!

E viver felizes para sempre, era só o que faltava ela dizer.

— Olha, Samy, se você quiser, eu mando ele pastar. Eu sei que você estava de olho nele.

Sugeri, mas não sabia dizer se eu realmente faria isso se ela dissesse que sim. Eu não era uma boa garota, afinal de contas, mas ela não precisava saber disso.

— Ana Maria — ela me olhou, tão séria quanto um funeral. — Não se contraria o destino.

Tive vontade de rir do jeito que ela havia dito aquilo, mas a Patrícia me poupou:

— Parece que você está falando do fim do mundo, menina!

— Destino é coisa séria! Não é, Ana Maria? — Samy fez biquinho.

As duas ficaram me olhando, esperando por uma resposta. Era quase como estar em um programa de auditório e houvesse uma resposta certa e uma errada. Na resposta certa, eu passaria para a fase seguinte. Na errada, eu iria para casa chupando o dedo. O problema era que a resposta certa da Paty não era a mesma que a da Samy.

— Eu não acredito em destino — fui obrigada a admitir.

— Só porque você não acredita, não quer dizer que ele não acredite em você — Samy resmungou.

— Você está maluca! — A Patrícia riu e me deu um empurrãozinho. — Vai falar com o seu príncipe encantado, antes que ele vire sapo.

Não disse para ela que ele não era nenhum príncipe, mas quem era eu para julgar? Eu também não era nenhuma princesa.

Bruno tinha sentado em uma mesa no canto, perto da janela e estava olhando para fora. Não era para ele parecer diferente, mas parecia. Não conseguia dizer exatamente o que era, porém. Talvez eu não houvesse olhado realmente para ele no *Café* e só o tivesse visto meio que no escuro na noite anterior.

Era um sujeito alto, dava para ver isso mesmo com ele sentado. O cabelo e os olhos dele eram castanhos. A barba era curta, que dava a ele uma aparência desleixada. O jeito de ele se vestir também contribuía para isso. Um *bad boy*, se eu conhecia um. Parei na frente dele e tirei o bloco de pedidos.

— Pois não? — tentei fazer pose de profissional.

Se ele achava que eu iria me derreter em sorrisos, estava muito enganado. Eu não era uma boba. Nunca me apaixonava e poderia tirar vantagem disso. Ele não pareceu decepcionado com a minha falta de emotividade.

— Quero te levar em um lugar — ele me disse, recostando na cadeira.

— Eu estou trabalhando — retruquei, sem abandonar a minha pose.

— Você sai em quarenta minutos. Traz um café que eu espero.

Ele não tinha perguntado se eu queria ir, eu não havia deixado isso passar despercebido. Que ele sabia a hora que nós fechávamos, precisaria ser completamente analfabeto para não saber: estava escrito na porta.

— E se eu não quiser ir? — perguntei, enquanto colocava de novo o bloco no bolso do avental.

— É seu direito — ele sacudiu os ombros e olhou para fora, como se não importasse.

— Você só vai continuar me seguindo de qualquer jeito — falei em voz baixa e respirei fundo.

— Eu te levo em um lugar com bastante gente — olhou de novo para mim e dava para ver a expressão de vitória no olhar dele. — Prometo.

Naquela época do ano poderia até fazer dias relativamente quentes, mas era só o sol se pôr que o frio voltava a reinar. Na hora em que eu saí, já havia esfriado bastante.

Bruno estava fumando do lado de fora do *Café*, enquanto me esperava. Ele não parecia se importar com muitas coisas, câncer de pulmão inclusive. Jogou o cigarro no chão quando me viu.

Samy estava saindo na mesma hora, deu um beijo no meu rosto e desejou bom final de semana. Eu não entendia porque falar em final de semana, se a gente só iria ficar o domingo sem se ver. Eu olhei para Samy até que dobrasse a esquina e desaparecesse de vista. Se eu tivesse mais alguma dúvida se queria ir com o Bruno, ou não, meu tempo havia acabado.

— A gente vai caminhar um pouco — ele disse, quando eu cheguei perto.

— Não te incomoda caminhar assim? — perguntei, apontando para o pé dele.

— Não.

Começamos a descer a rua e achei que não era realmente uma boa ideia caminhar. Ele seguia mancando com aquela bota ortopédica, o que não era só lento, mas deveria ser incômodo para ele.

Achei que iríamos andar a esmo, já que eu não conseguia pensar em nada naquela região que ainda estivesse aberto naquela hora. O comércio de sábado já estava praticamente todo fechado e havia poucas pessoas na rua. Eu não estava nervosa, achando que

ele pudesse deixar de cumprir sua promessa de me levar em um lugar onde houvesse mais pessoas. Eu não exatamente me importava se ele faria isso realmente, ou não.

— Sua colega é engraçada — ele disse depois de um tempo. — Não a magrela, a outra.

— Samantha. Ela tem mania de escrever o telefone dela nos guardanapos dos clientes que ela gosta.

— Eu sei — ele disse, de um jeito que me fez ter certeza de que ele havia visto os guardanapos que ela havia levado para ele.

— Você não quis ligar?

— Ela não me interessa.

Eu não conseguia me sentir lisonjeada pelo interesse dele. Ainda não conseguia entender o que ele havia visto em mim e me preocupava qual pudesse ser a resposta. Seria mais fácil não saber. Talvez ele desistisse logo que percebesse que eu não tinha realmente nada de especial.

Estava começando a imaginar até onde iríamos caminhar. Não era exatamente a minha ideia de diversão, caminhar no frio.

— Acho que não deve ser bom para o seu pé ficar caminhando por aí — falei depois que atravessamos uma rua.

— Nada é bom — ele encolheu os ombros. — O médico tinha dito para não pisar nele, mas eu tenho mais coisa para fazer do que ficar com o pé para cima o dia todo.

— Como foi que você quebrou?

— Eu caí.

— Como?

Depois que eu perguntei, pensei que não deveria ter dito nada. Parecia que ele não iria responder. Foi um bom tempo antes que ele dissesse.

— Foi no chuveiro. É uma história idiota.

Ele estava mentindo. Não sabia como eu tinha essa noção, mas era quase como se a palavra “mentira” estivesse grudada em sua testa. Não sabia o que poderia ser pior do que cair no chuveiro para ele estar mentindo, mas não deveria ser alguma coisa boa.

Só percebi que eu estava ficando para trás quando ele pegou a minha mão. Olhei, um pouco surpresa por ele ter feito isso.

— Você vai ter vergonha se eu pegar a sua mão? — a ideia pareceu diverti-lo.

— Não. Você já pegou muito mais do que na minha mão.

— Acabei com a sua virtude, você quer dizer.

Ele usou um tom irônico, como se estivesse em um filme antigo ou qualquer coisa assim.

— Não é como se você tivesse tirado a minha inocência ou qualquer coisa do gênero — entrei na brincadeira.

— Fale por você. Eu era virgem.

Olhei para ele e acho que se meus olhos estivessem um pouco mais arregalados, eles explodiriam. Ele deveria ter mais de trinta anos e, com certeza, não parecia o tipo de sujeito que nunca havia feito sexo.

— Você é bonitinha quando acredita que eu estou falando sério — ele parou meio que de supetão. — É ali que a gente vai.

Era o teatro. Para mim, o teatro era só uma construção velha, um marco para localizar alguma coisa. Onde fica? Na rua do teatro. Eu não tinha parado para pensar que ainda existiam pessoas que iam ao teatro naquele tempo.

— Eu nunca fui ao teatro — meio que parei no lugar onde estava, o que fez o Bruno me dar um puxão por não ter percebido que eu havia parado. — Eu não posso ir. Eu não estou vestida para isso.

— Você não está pelada — continuou me puxando.

— Bruno!

Dessa vez ele parou e olhou para mim.

— Isso é teatro amador, Ana Maria. Não é nada importante.

— Como?

— Minha prima está na peça — ele meio que deu um sorriso atravessado, como se houvesse alguma coisa que eu não sabia e isso o divertisse imensamente.

Deixei que ele me puxasse escada a cima. Talvez eu estivesse realmente exagerando com a coisa do vestuário, porque o Bruno não estava tão bem vestido, também. Paramos no saguão e ele deu uma olhada em volta.

— Ele começou a ser construído lá por 1850, 1860, mas só terminaram acho que em 1875. Eu acho as construções...

Começou a dizer, com jeito de guia turístico, mas não terminou.

O saguão já estava bem vazio. Estava parecendo que a peça iria começar. Puxou-me na direção do bilheteiro e tirou os ingressos do bolso. O sujeito conferiu e deixou a gente passar.

Por dentro o teatro não parecia tão impressionante. As paredes estavam pintadas de branco, o que eu achei sem graça, apesar de estar empolgada por estar indo ao teatro pela primeira vez. Olhei em todas as direções, tentando absorver tudo antes que as luzes se apagassem. Quando dei com os olhos no Bruno, ele estava olhando para frente, com uma expressão de convencido.

Segui o olhar dele. Tinha bastante gente na sala e era difícil localizar exatamente o que era que ele estava olhando. Finalmente, percebi que havia uma mulher de mais idade olhando para ele com uma expressão de raiva. O rapaz do lado dela de vez em quando também dava umas olhadas para trás, assim como o pessoal que estava em torno dos dois.

— O que é que está acontecendo, Bruno? — perguntei.

— Não era para eu ter vindo. Minha tia tinha mandado os ingressos para o meu irmão. Eu roubei os ingressos dele — deu um sorriso debochado.

— Por que eles não te queriam aqui?

— Porque eu sou a ovelha negra.

Passou o braço por cima dos meus ombros e me deu um beijo firme na boca. Ele estava me usando para incomodar a tia. Eu deveria ficar zangada com isso, mas eu estava em um teatro. Não só isso, ele beijava muito bem.

Quando ele me largou, as luzes já estavam apagadas. Eu estava olhando para frente, como uma pateta que esqueceu onde estava.

— Vai ser uma porcaria — ele falou, mais perto do meu ouvido.
— A hora que você quiser, a gente vai embora.

— Acho que vou querer ficar até o final.

Dessa vez ele me olhou como se eu fosse um ET.

— É cultural. Eu preciso dizer que eu já vi uma peça de teatro que não foi na escola — justifiquei.

Bruno fez cara de que não estava gostando o tempo todo. Ele tinha razão. A peça era uma porcaria. Saímos antes do fim.

Dessa vez nós pegamos o carro, que estava estacionado perto do teatro. Eu não diria que ele era uma pessoa precavida, ou mesmo se ele havia antecipado que as ruas perto encheriam de carros e só sobraria lugar para estacionar no estacionamento pago. Havia sido esperto da parte dele deixar o carro perto. É claro, poderia ser uma estupidez, também, já que ele havia caminhado pelo centro mancando.

Saímos dali e ele dirigiu praticamente em silêncio pela cidade. Tinha colocado música no rádio. Eu encostei a cabeça no vidro. Não sabia para onde ele estava me levando e não me importava realmente. A outra vez que ele havia me guiado sem que eu

soubesse para onde estava indo, tinha sido uma surpresa agradável. Talvez a dose pudesse ser repetida.

— Você está com sono, Ana Maria? — perguntou depois que nós já estávamos rodando havia algum tempo.

— Não — virei o rosto para olhar para ele.

— Achei que você estava com os olhos fechados.

— Eu estava — sorri. — Não queria ver para onde a gente está indo.

— Por quê?

— Pela surpresa.

— Não confie muito em mim — ele disse sorrindo. — Mas a gente já está chegando.

Mais uma vez era uma ruazinha erma, em um lugar sem iluminação. Essa era a preferência dele? Levar-me para aquele tipo de lugar? Ele era estranho. Passamos em um buraco que me fez pular do assento e bater com a cabeça na porta.

— Coloca o cinto, sua maluca — Bruno me censurou, depois de escutar o meu ai.

— Você está sem cinto — resmunguei.

— Mas eu não estou preocupado comigo. Põe o bendito cinto.

Reclamei, mas fiz o que ele estava dizendo. No buraco seguinte, eu consegui ficar no assento.

— Quase dá vontade de entrar para um *rally* — ele disse, parecia estar de bom humor. — Você poderia ser a minha navegadora.

— Não tenho senso de direção. Não faço ideia de onde a gente está.

— É porque você estava de olhos fechados — ele deu uma risada baixa.

A rua pareceu chegar ao fim em um negrume infinito. Chegamos com o carro na areia de uma praia. Tudo parecia mais escuro por causa do mar. Ele parou o carro depois de alguns metros de areia.

— Se a gente for mais, corre o risco de atolar — desligou o carro. — Você gosta de olhar o mar, não é?

Senti um calafrio. Abri a porta do carro e, depois de desafivelar o meu cinto, desci. Eu nunca ia para a praia quando era noite. Diziam que a água era mais quente durante a noite do que durante a manhã, mas estava frio e eu não estava pensando em testar a teoria.

Bruno desceu do carro, no seu passo lento de pé quebrado e deu a volta para vir na minha direção.

As ondas quebravam no mar escuro. Era estranho que eu já houvesse olhado para o mar tantas vezes, mas era a primeira vez que eu estava na praia depois de escurecer. O vento batia frio em mim e me abracei, não por causa do frio, mas pela sensação de desconhecido.

Bruno tirou o casaco e jogou em cima dos meus ombros.

— Como chamam essa praia? — perguntei, sabendo que mesmo lugares aparentemente desertos tinham nomes.

— Praia do Adeus.

— Nome estranho — dei uma risadinha nervosa.

— Não dá para ver daqui, mas naquela direção tem as ruínas de uma casa — Bruno apontou. — Dizem que era de um pescador que não voltou do mar. A esposa dele ficou louca depois que ele morreu. Pôs fogo na casa e se jogou daquelas pedras. Não sei se é verdade. Pode ser só uma história.

— É bonito aqui. Por que será que não tem nenhuma casa? Além da mulher do pescador, quero dizer.

— É uma praia pequena e longe do asfalto — ele pareceu pensar. — Mas daqui a pouco alguém vai inventar de fazer um

condomínio por esses lados. Só para acabar com a tranquilidade.

Olhou para mim e sorriu. O sorriso dele era bonito, mesmo só com a luz dos faróis do carro. O jeito dele estava diferente de antes. Era quase como se extraterrestres houvessem roubado o sujeito que estava comigo e colocado um clone no lugar.

— Você não tem um gêmeo, tem? — perguntei, sorrindo também.

— Não. Eu sou filho único.

— Você disse antes que você tinha um irmão.

— Ele não conta.

— Não é você quem é a ovelha negra? — estranhei.

— Claro que sim. Meu irmão é um santo. É coroinha, escoteiro, ganhador do Nobel da Paz. É um chato.

— É mais velho?

— Não. É o maldito caçula da casa. Não são os mais velhos que deveriam ser os mais responsáveis? Saiu errado na minha família.

— Na minha também — falei, antes que me desse conta disso.
— Se bem que eu não sou exatamente responsável.

— Se você é a responsável da família, não quero conhecer o resto — ele riu e eu dei um tapa de brincadeira no ombro dele.

Bruno segurou a minha mão e me puxou para perto. Quando ele tentou me beijar, não deixei. Era parte da brincadeira, fingir-me de ofendida. Escapei dele deslizando por baixo de seu braço e corri na frente, em direção ao mar.

Estava tirando o meu calçado enquanto avançava. Por um instante, achei que eu teria coragem o bastante para por os pés na água, mas acabei parando antes. Virei e o Bruno estava no mesmo lugar, olhando para mim. O sorriso havia desaparecido do rosto dele.

Voltei na direção dele, pegando sapatos e meias que havia deixado pelo caminho. Ele ainda não havia se movido do lugar. Ainda

estava me olhando e, desta vez, eu estava envergonhada.

— Achei que você fosse pular na água — ele disse, quando eu estava bem perto.

— Mudei de ideia. Hipotermia.

Ele sorriu. Estava perto o bastante para me alcançar e fez isso. Segurou os lados abertos do casaco dele e me puxou com suavidade em sua direção. Estava me dando tempo para eu fugir de novo, se eu quisesse. Mas eu não fugi. Já não tinha certeza de que queria ter fugido da primeira vez.

7. Aquele verão

Domingos eram dias bons para mim. Eu gostava de poder ficar pela casa sem fazer absolutamente nada, dormir até tarde e ver filmes na televisão. Geralmente eu cansava de ficar ociosa e lavava as minhas roupas e limpava o meu quarto. Fazia um bom tempo que eu não lavava mais as roupas do Pedro. Se ele quisesse ter o que vestir, ele precisava se virar.

Era a ausência do Pedro que tornava os domingos ainda melhores. Tinha algum tempo que ele tinha pegado para trabalhar o dia todo no domingo. Achava que ele se sentia tão feliz quanto eu por nós não precisarmos nos encontrar.

Coloquei as minhas roupas sujas de areia para lavar. Eu sabia que sair com o Bruno não era exatamente uma coisa brilhante da minha parte, mas eu não conseguiria evitar. Os momentos com ele eram os únicos que eu havia tido nos últimos tempos em que eu me sentia viva. Eu deveria estar louca.

Deixei as roupas na máquina e fui continuar a limpeza no quarto. Havia feito sujeira com a areia dos sapatos. Tive que varrer tudo e passar a cera líquida no chão. Tudo ficava com cheiro de produto de limpeza. Resolvi que aquele seria o dia para deixar tudo limpo e comecei o trabalhoso processo de tirar o pó das minhas coisas.

Aquele era o meu quarto desde que eu tinha nascido. Era incrível a quantidade de tralha que uma pessoa acumula em uma vida. Todas as minhas fases estavam guardadas naquele quarto, desde a época em que eu colecionava anjinhos, até a época em que eu achei que seria legal deixar o Pedro pensar que eu havia virado punk. A época dos anjos, que tinha sido logo depois que a minha mãe morreu, ele aprovava. Uma vez até tinha me trazido um anjinho de pano que havia encontrado para vender na feira. A fase *punk*, acho que ele fingia que não me via.

Comecei a limpeza pelos meus CDs. Poderia muito bem jogar alguns deles fora. Havia coisas que eu nunca mais escutaria em toda a minha vida. Acabei separando vários para vender em um sebo. Puxei uma caixinha e, quando vi a capa improvisada, meus dedos pareceram amolecer e ela caiu no chão.

Fiquei meio que em choque por alguns segundos e, quando me dei por conta do que eu havia feito, juntei a caixa quebrada no chão. Sentei na cama e tentei colocar juntas as partes, como se elas fossem grudar só pela minha força de vontade.

Era o CD da bandinha do meu irmão. Havia gravado na garagem de um deles. Eu achava bom, mas não entendia muito de música. Não só isso, mas a minha visão na época estava contaminada. Havia mais de uma pessoa naquela banda de quem eu gostava.

Eles tinham se apresentado uma quantidade razoável de vezes em festinhas no período de um ano. Eu nunca tinha visto uma apresentação deles. Era quase final do ano, quando o colégio que eles estudavam organizou uma festa. Meu irmão me convidou para ir, para dar apoio moral. Eu acabei levando a Marina para ser o *meu* apoio moral. Ela sabia que eu tinha uma queda pelo João.

Eu ficava toda arrepiada quando escutava o João cantar. Criança que eu era, achava que era apaixonada por ele. Tinha as fantasias mais ridículas com o João me beijando e pedindo para namorar comigo.

— Ei, Ana Maria — uma voz familiar me chamou, antes ainda das bandas começarem a tocar.

Eu e a Marina estávamos perto do jogo de pescaria que eles haviam arranjado. A Marina havia “pescado” um perfume barato. Quando eu virei, toda ansiosa, não era João, mas o Claudinho. Eu ficava um pouco sem jeito com ele uns meses depois que ele havia me beijado, mas aquilo já fazia tanto tempo que ele já deveria até ter esquecido.

— O Giovani não disse que você vinha — Claudinho sorriu para mim de um jeito que fez alguma coisa bem lá dentro do meu estômago ficar quente.

— Ele disse que eu podia vir se fingisse que era fã — sorri.

— Vocês estão pescando?

— Eu tenho uma ficha, mas o prêmio é mixuruca — respondi.

— Eu ganhei um perfume fedorento — a Marina riu.

Claudinho riu junto e pegou a ficha da minha mão. Foi se embrenhando pela fila e rápido estava lá na frente. A gente foi junto.

— O que você quer, Mariazinha? Eu vou ganhar para você.

Dei uma espiada pelos prêmios. Queria dizer que eu queria o urso de pelúcia, mas eu não era mais criancinha, eu precisava pedir outra coisa.

— Estojo de maquiagem — falei e senti meu rosto ficar quente.

— Kelly! — o Claudinho chamou a moça que estava cuidando da banca. — Eu aposto contigo que eu pesco aquele estojo de maquiagem.

Ele não pescou o número certo, mas a moça da banca deveria ter alguma coisa arranjada com ele, porque eu ganhei o estojo mesmo assim. Claudinho me entregou a sacola, depois de ter conversado baixinho com a garota. Achei que ele estava de caso com ela e, por algum motivo, acabei ficando aborrecida.

— Eu tenho que ir. A gente vai tocar daqui a pouco. Você vem ver, não é? — ele pareceu um pouco ansioso.

Concordei com a cabeça. Claudinho me segurou pelos ombros e me deu um selinho na boca, antes de ir. Fiquei, mais uma vez, vermelha até as orelhas.

— Ana Maria está namorando — a Marina provocou.

— Que nada! — tentei disfarçar. — Ele é só amigo do meu irmão.

— Você viu o que ele pediu para a garota colocar na sua sacola?

Olhei para dentro da sacola. Junto com o estojo tinha um ursinho de pelúcia pequeno, abraçado em um trevo de quatro folhas. Era uma gracinha.

— Ele gosta de você, Ana.

Claudinho não podia gostar de mim. Ele tinha dezessete anos. Era um absurdo. Ele olhava para mim e via a irmãzinha do amigo dele.

— Ele me acha criança, Marina.

— Não achou no começo do ano, quando ele te beijou.

— Mas ele não tinha feito aniversário ainda.

— Você também não.

— Ele tem três anos a mais que eu, Marina. Ele não gosta de mim.

— Como você quiser — Marina deu um suspiro cansado de argumentar.

Nós fomos para o lado onde tinham montado o palco. Não demorou muito para a Marina ficar de paquera com um rapaz que estava lá para ver a apresentação. Eu não estava prestando muita atenção nela. Minha atenção estava na banda. Estava querendo ignorar o Claudinho e só prestar atenção no João, afinal, o João era demais. Era o mais bonito no palco e ele cantava tão bem. Poderia ser profissional se quisesse.

Meus olhos acabavam escorregando sempre para o Claudinho, mesmo que eu não quisesse olhar para ele. Todas as vezes que acabava olhando para ele, o Claudinho estava olhando na minha direção. Comecei a achar meus sapatos tão interessantes que não conseguia mais levantar o olhar para o palco. Tudo que eu conseguia

fazer era escutar a voz bonita do João. O que ele cantava era tão bonito... E eu sabia que quem tinha escrito a letra era o Claudinho.

Quando tudo terminou, Claudinho me procurou. Eu estava querendo fugir, mas os meus pés estavam grudados no lugar.

— Gostou da música, Ana Maria? — foi a primeira coisa que ele perguntou, meio de supetão.

— Gostei — sorri.

— Estava pensando em você quando eu escrevi. Eu já tinha gravado uma cópia para você — ele colocou no chão a mochila e procurou até tirar a caixinha do CD. — Aqui.

Peguei o CD e o Claudinho sorriu para mim. E foi isso. Ele tinha me ganhado.

Naquele verão, eu andei com o Claudinho. Ele me carregava por todos os lugares. Eu tomava sol na piscina da casa dos pais dele, assistia à televisão e beijava. Dos amigos do meu irmão, ele era o mais velho, por questão de meses, mas era. Apesar disso, ele respeitava. Não ficava tentando me passar a mão. Eu não sabia o que eu pensaria se ele fizesse isso. Talvez eu entrasse em pânico. Ainda acreditava em contos de fadas e que o Claudinho poderia ser o meu príncipe encantado. Isto é, se o príncipe fumasse de vez em quando e usasse roupas largadas.

Ele havia me levado para ver um filme no shopping e a sessão ainda iria demorar. Acabamos saindo para fumar, porque nem de longe eu poderia passar por dezoito anos para fazer isso na frente dos seguranças do shopping.

— A banda acabou — Claudinho estava acendendo um cigarro para mim e pareceu um pouco triste.

— Sério? Mas vocês eram tão bons — foi uma resposta espontânea.

Isso o fez sorrir e baixar a testa na direção da minha.

— A gente conseguia enganar. Todo mundo só estava nessa porque era um bom jeito de impressionar as garotas — ele me cutucou e me deu o cigarro. — Os outros não querem continuar isso na faculdade. Seu irmão talvez quisesse, mas com a reprovação...

Aquele era o principal motivo de briga entre o meu irmão e o Pedro naquelas férias, o fato dele haver repetido de ano.

— Não sobrou ninguém que queira fazer música — ele continuou. — O João quer ser engenheiro. O Fred vai fazer computação.

— E você?

— 'Odonto'. Passei na federal — ele pareceu orgulhoso disso. — Sempre achei meu pai um sádico por ser dentista, mas agora vou seguir no mesmo caminho.

Eu não sabia o que era sádico, mas não iria dizer isso para ele. Não queria que ele se lembrasse, que eu era três anos mais nova que ele. Uma criança, praticamente.

— Eu gostava das suas músicas. Elas eram boas.

Claudinho pegou o meu cigarro e jogou no chão, junto com o dele. Ergueu-me pela cintura e eu me segurei no pescoço dele. Só queria me beijar, mas eu estava ficando triste porque o verão estava acabando. A gente não iria passar tanto tempo juntos depois que ele fosse para a faculdade.

Mesmo depois de o beijo haver acabado, ele não me soltou. Eu estava com os pés no ar e o Claudinho dançava comigo, enquanto cantava no meu ouvido. Ele não tinha a voz do João, mas também conseguia me dar calafrios. Estava cantarolando a minha música. Ficava emocionada sempre que ele fazia isso.

Na minha cabeça, ele era o meu namorado, mesmo que nunca tivesse pedido. Não tinha me ocorrido que o motivo de ele nunca ter falado nada era porque tudo aquilo não passava mesmo de um verão. Eu gostava do Claudinho naquele verão. Depois disso, foi como se nós houvéssemos virado estranhos.

Do mesmo jeito que eu tinha passado o verão com o Claudinho, a Marina também tinha ficado com o rapaz que tinha conhecido na escola. Às vezes a gente se falava pelo telefone, para combinar a história. Eu era o álibi da Marina. Ela dizia para a mãe que estava comigo, quando na verdade estava indo encontrar o namorado. Foi meio que uma surpresa quando eu soube que ela já havia transado. Na minha cabeça, ela tinha a minha idade e eu não pensava nessas coisas, ainda. Só que a Marina era quase um ano mais velha do que eu e ela tinha amadurecido cedo.

Quando o verão já estava quase acabando, eu e a Marina estávamos no meu quarto. Estávamos dividindo uns cigarros que o Claudinho tinha arranjado para mim. Eu achava que aquilo era o máximo da rebeldia que uma pessoa conseguiria chegar: fumar escondida na própria casa. Não fazia ideia do quanto essa noção era ingênua.

— Você deveria tomar cuidado com o seu padrasto — ela me disse, em tom de aviso.

— O Pedro é um babaca, mas ele não consegue fazer mal para uma mosca.

— Ele te olha engraçado. Deve espiar pelas fechaduras, quando você muda de roupa. Se eu fosse você, pendurava a toalha na maçaneta da porta, antes de tomar banho.

Estranhei aquilo. Nunca tinha pensado no Pedro como se ele fosse um homem. Eu pensava nele como se ele fosse uma criatura assexuada. A pior parte, para mim, era pensar que ele pudesse estar me espionando. Isso era simplesmente repulsivo.

— É que você é inocente demais, Ana Maria — ela me disse, tragando o cigarro.

Parecia que ela estava dizendo que eu iria saber das coisas quando eu fosse uma adulta como ela. Como se ela tivesse ficado sábia de uma hora para outra só porque ela já havia feito e eu não. Se eu soubesse que não era bem assim, talvez eu não houvesse me precipitado em muitas coisas.

8. A calma antes da tempestade

Sair com o Bruno era uma bobagem minha. Uma das minhas loucuras. Não sabia se era porque eu andava sozinha, ou se era porque eu sentia falta de outros tipos de contato. A verdade era que a situação era fácil, simples. Nós não tínhamos nada em comum. O que havia entre nós não tinha nada de romântico, mas de necessidades básicas.

Quando veio para me buscar no serviço, achei que iria me levar para algum lugar maluco, mas ele me levou para o lugar mais normal que ele poderia levar: a casa dele. Bruno morava em um apartamento em um prédio legal. Não era um lugar caro, mas estava longe de ser ralé.

Ele estava de bom humor. Eu já estava percebendo que não queria estar perto dele quando estivesse de mau humor. Ele era muito imprevisível na questão de humor. Foi me mostrando a casa, quase como se fosse um corretor de imóveis tentando vender o apartamento, que estava desarrumado.

Eu não conseguia imaginar que o Bruno morasse em um lugar menos bagunçado. Tudo aquilo era a cara dele, desde os livros espalhados pela casa, até a planta meio morta em cima da mesa.

— *Chez moi* — ele disse, estava sorrindo. — Minha casa.

— É legal.

— É um ninho de ratos. Andei dispensando a faxineira e tem pó em tudo. Deixa eu te mostrar uma coisa — puxou-me pela mão.

Eu estava desconfiada que ele iria me levar para o quarto e eu não iria estar me importando se fosse isso. Seria diferente ficar com ele em uma cama, para variar. Eu não me iludia que fosse por qualquer outro motivo que ele tinha me levado para a casa dele.

Bruno me levou a uma outra sala, que era um tipo de escritório. Essa sala tinha mais livros e papéis do que a outra. Havia um

computador de marca quase soterrado pela quantidade de folhas soltas. No canto, uma prancheta de desenho. Eu nunca havia visto uma pessoalmente e achei maior do que elas pareciam nas fotografias.

— Você é desenhista? — perguntei, inocentemente.

— Arquiteto — respondeu, mas não parecia estar se importando com isso. — Às vezes eu gostava de trabalhar em casa.

Não pude deixar de notar que ele tinha dito aquilo no passado, como se não fizesse parte da vida dele. Tentei imaginar o motivo para ele fazer isso, enquanto ele começava a remexer nas pilhas de papel, procurando alguma coisa. A verdade era que a vida dele era completamente estranha para mim. Tudo que eu sabia sobre ele poderia ser contado nos dedos.

Ele era a ovelha negra da família, ele tinha um irmão e uma prima que atuava muito mal. Era arquiteto. Tinha uma caminhonete velha. Ah, sim, estava obcecado por mim. Eu ainda não fazia ideia do por que disso.

Dei uma olhada nas prateleiras, enquanto ele continuava ocupado com as suas pilhas de papel. Muitos dos livros dele eram em outras línguas, mas os que estavam em português pareciam ser livros de arquitetura. Todos, menos "O Mundo de Sofia" em um canto da prateleira. Com certeza ele não fazia o tipo de pessoa que lia aquele livro. Tinham me obrigado a ler no colégio e eu quase tinha morrido de tédio.

As paredes estavam cheias de fotos de lugares que eu nunca havia ido. A torre Eiffel, a torre de Pizza.² Deveria gostar de torres. Ou isso, ou era coisa de arquiteto. Nunca tinha conhecido um para saber.

— Onde você trabalha, Bruno? — perguntei, tentando parecer distraída.

— Estou de férias — e virou para mim. — Achei.

Entregou-me um desenho. Havia desenhado a minha casa. Ele deveria ter memória fotográfica para lembrar com tantos detalhes. Ou isso, ou havia memorizado de tanto ficar olhando para ela. Senti um calafrio na espinha. O desenho não parecia novo.

Apesar de não ser a primeira vez que eu estava com ele, fiquei surpresa pensando no quanto eu estava brincando com a sorte. Ele poderia parecer legal, mas quem poderia garantir que ele não iria pirar de uma hora para outra e cortar o meu pescoço?

— Eu gosto de casas antigas — ele estava olhando para a folha e não para mim. — A maioria tem um pé direito alto e dá a impressão de serem maiores do que são.

— Quando foi que você desenhou isso? — perguntei e ele deve ter sentido a tensão na minha voz, porque ficou subitamente sério.

— Foi uns cinco meses atrás. Foi quando eu descobri onde você morava.

— Quando você me seguiu para casa, você quer dizer — falei, em voz baixa.

— Quando eu te segui para casa — confirmou e coçou a barba.

Não disse mais nada. Ele estava falando com naturalidade, como se o que ele andava fazendo fosse perfeitamente normal. Como se perseguir uma pessoa fosse algo que todo mundo faz toda hora. Troquei o peso de pé, meio desconfortável e ele riu baixo.

— Você pode ir embora. Ou chamar a polícia — mais uma vez ele coçou a barba. — Não vou te impedir.

— Você é estranho — respirei fundo. — Andou revirando o meu lixo, também?

— Que nojo. Por que eu iria fazer isso?

— Sei lá. Não é isso que perseguidor faz?

— Eu só gosto de olhar para você. Não é como se eu tivesse coisa melhor para fazer — continuou coçando a barba, como se fosse um tique nervoso. Eu estava o deixando nervoso?

Olhei mais uma vez para o desenho, antes de devolver. Era mais um motivo para eu não ficar perto dele. Minha nuca andava se arrepiando muito mais do que era saudável, quando ele estava por perto.

— Qual a sua idade, Bruno? — perguntei, encostando-me no balcão.

Estava tentando acalmar algum receio que eu pudesse ter e, naquela hora, saber a idade dele parecia imperativo, como se aquele detalhe sobre ele pudesse fazer tudo ficar normal de novo. Ele estranhou a pergunta. Se eu estivesse no lugar dele, com linha de conversa que nós estávamos tendo, talvez eu também me surpreendesse.

— Trinta e um.

Respirei fundo. O mundo parecia real de novo.

— Você é onze anos mais velho do que eu. Papa-anjo.

— Você não é nenhum anjo, Ana Maria — ele sorriu para mim.

É claro que ele sabia que eu não era nenhuma santa. Meu comportamento com ele poderia matar do coração algum padre que se dispusesse a escutar uma confissão minha. O fato de eu haver transado com ele, na caçamba de uma caminhonete, logo na primeira vez que nós tínhamos nos encontrado atestava pelo meu caráter. Bruno não estava dando nenhuma importância para isso. Era bem diferente das garotas que fingiam ser amigas só para dar de dedo toda vez que se pisava fora da linha.

Ele levou a mão ao rosto mais uma vez para coçar a barba.

— Se coça tanto, por que você não tira? — perguntei.

— A barba?

Concordei com a cabeça.

— Você iria gostar disso?

Mais uma vez concordei. Querendo ou não, eu gostava de homens com o rosto limpo.

— Azar o seu — o tom dele tinha um pouco de humor. — Eu não estou com vontade de fazer a barba todos os dias.

— Você pode só fazer quando for me ver.

— Eu não estou a fim de fazer a barba todos os dias — repetiu.
— Eu passo para te ver todos os dias. Você não sabia?

— Você é maluco.

— Não é que eu escolha fazer isso — ele tentou se defender. — Quando eu vejo, já estou passando perto de onde você trabalha. Às vezes, eu olhava pela janela, ou esperava você sair.

— Faz tempo que você está me seguindo — suspirei.

— Não era para você saber. Você nunca teria percebido nada se não fosse por isso — ele deu um sorriso meio contra a vontade e apontou para o pé quebrado. — Você anda rápido. Se eu queria te ver direito, eu precisava tomar um café. Eu nem gosto muito de café, sabe?

— Você tem problemas — não sabia por que, mas aquilo estava me dando vontade de rir. — Por que eu?

Fiquei com medo de que se eu risse, minha risada sairia histérica.

— Eu já disse. Eu gosto de olhar para você — ele ficou mais sério e pareceu mais impaciente. — Eu não queria falar contigo. Nunca foi a minha intenção. Só que aconteceu. Quando eu te vi a primeira vez, eu só queria saber se você iria chegar bem em casa.

— Onde foi que você me viu?

— Foi no cemitério. Você estava com o braço engessado. Estava parecendo perdida — o olhar dele parecia aborrecido, um pouco exasperado. — Era mais fácil eu não saber o seu nome. Seria mais fácil se a gente nunca tivesse conversado. Achei que não iria voltar

para te ver depois que a gente transou na picape. Só que você é a Ana Maria e eu não sei por que ainda vou te ver.

Desviou o olhar e eu também fiz isso. Por um instante, nós parecíamos duas crianças pegadas segurando mãos. Parecíamos envergonhados demais para olhar um para o outro. Bruno colocou o desenho de qualquer jeito na pilha de coisas dele. Nós ficamos parados, como se não soubéssemos mais como fazia para se mexer.

— Como você quebrou o braço? — ele perguntou, acho que tentando quebrar o silêncio.

Aquela definitivamente não era uma história que eu queria partilhar com ele, ou qualquer pessoa que fosse, diga-se de passagem. Se eu pudesse, aquela era a memória que eu enterraria para nunca mais ter que pensar nela.

— Eu caí — resolvi usar a desculpa dele. — No chuveiro. Uma história idiota.

Isso fez com que ele sorrisse.

— Você quer que eu tire a barba?

Achei que a sugestão dele fosse só para me distrair, para me fazer rir e acabar com aquele clima ruim. Baixei meus olhos e percebi que o meu calçado tinha uma mancha de sujeira. Bruno segurou o meu braço e me puxou até o banheiro.

Fiquei olhando enquanto ele passava o creme de barbear no rosto. Ver um homem fazer a barba sempre era algo nostálgico para mim. Algumas vezes, quando eu era pequena, eu via meu pai fazendo isso. O cheiro de espuma me fazia pensar nas épocas boas, quando as coisas ainda pareciam certas. Eu tinha minha mãe, meu pai, meu irmão e, principalmente, eu não tinha o Pedro.

O Bruno terminou e parou para examinar o rosto. Ficava bem sem a sombra de barba. Fiquei pensando o quanto ele se parecia um sujeito normal. Alguma vez ele não tinha sido tão estranho quanto havia se tornado? Se ele havia se formado na faculdade, tinha um apartamento ajeitado, carro, o que teria mudado para ele

virar aquele sujeito que perseguia moças dez anos mais novas que ele.

— Está bom assim? — virou para mim.

Toquei o rosto dele para ver se estava rente.

— Tão bom quanto vai ficar — foi a única resposta que eu soube dar.

Ele me agarrou ali, naquela hora. Por um instante achei que aquela seria a primeira vez que eu iria transar em uma pia de banheiro, mas isso era uma coisa que eu já havia feito antes.

9. Dado

Meu irmão e o Pedro nunca conseguiam estar no mesmo pé. Se um estava bem, era porque o outro estava fora do rumo. Como o Pedro estava responsável naquela época, era o Gigio quem estava perdido. Não que o Pedro houvesse parado de beber. Ainda tomava porres nos finais de semana.

O que tinha acabado eram os porres feios, homéricos, que o deixavam desmaiado na sala, em uma poça do próprio vômito. As contas estavam sendo pagas e sobrava alguma coisa para colocar comida na geladeira. O Pedro até andava me dando dinheiro para comprar roupas.

Não sabia dizer se o Pedro havia caído na real e percebido que tinha dois adolescentes em casa. Não que a gente precisasse de um pai naquela altura da vida. O Gigio deixava bem claro que o Pedro nunca iria ser o pai dele e que não tinha direito de opinar em nada. Estava ali por acidente e, pelo meu irmão, o Pedro poderia muito bem ir para o inferno que não iria se importar.

Eu achava que as coisas iriam se encaixar e que, talvez, a gente ainda conseguisse ser uma família. Ainda tentava fazer tudo dar certo, o que não era tão fácil quando os dois homens da casa queriam se matar o tempo todo.

Quando eles começavam a se bicar, eu ia para o meu quarto e colocava música alta. Não queria escutar os dois discutirem. A música alta era o meu jeito de mostrar para os dois que eu não iria tomar partido nenhum. Colocava um CD que o meu irmão havia dado, no *microsystem* que o Pedro havia comprado para o meu aniversário.

Nós levamos meio ano para descobrir que meu irmão tinha largado a escola. Ele saía de casa todo dia de manhã e, como nós não estávamos mais na mesma escola, eu não sabia que, na verdade, ele estava indo para a casa de alguma namorada.

O Pedro me acusou de estar acobertando, quando ele descobriu. Houve uns dois segundos em que eu achei que ele iria me bater, mas percebeu que não era de mim que ele estava com raiva. Aquele dia, os dois discutiram pela última vez e nem a música alta me impediu de escutar.

— Eu não vou ficar alimentando vagabundo! — era o que o Pedro gritava e eu achava que ele iria pegar o meu irmão pela orelha e arrastar ele de volta para a escola.

Uma parte minha esperava, e até queria, que ele fizesse isso. Só que o Gigio era maior de idade e maior que o Pedro. Ele não se intimidava e não baixava a cabeça.

— Eu não te devo nada! — meu irmão explodiu. — Quem está devendo é você! Se não para mim, para ela!

Achei exagerado que o meu irmão dissesse aquilo. Sempre era exagerado envolver a minha mãe em discussões. Mesmo que o Pedro não fosse o exemplo de adulto que uma pessoa deixaria os filhos para cuidar, ao menos ele não tinha ido embora ou mandado a gente para um abrigo ou coisa parecida. Meu irmão se esquecia disso. Talvez ele pensasse que porque ele já tinha dezoito anos, nós não precisávamos mais do Pedro.

O detalhe era que entre um vagabundo e outro — não que eu considerasse o meu irmão um vagabundo naqueles dias — o Pedro ao menos conseguia manter um emprego. Meu irmão não queria nem terminar de estudar.

Queria poder dizer que o Pedro conseguiu colocar juízo na cabeça do Gigio, mas não seria verdade. Os dois discutiram por um bom tempo. Não foi o Pedro quem acabou saindo de casa, foi o meu irmão.

Naquele dia, eu odiei o Pedro por ter deixado o meu irmão ir. Odiei ainda mais o meu irmão, por ter me deixado com o Pedro.

Depois que o Gigio foi embora, eu enterrei toda a enganação. Não conseguia mais tentar acreditar que nós éramos uma família. Eu e o Pedro não tínhamos nada em comum. Éramos somente duas pessoas que haviam sido jogadas juntas debaixo do mesmo teto.

Eu tinha parado de fazer as coisas pelo Pedro. A única sujeira que eu limpava era a minha própria, isso porque não queria viver em um chiqueiro. Eu já tinha idade para sair à noite e eu e a Marina praticamente não pisávamos mais em nossas casas no final de semana.

Eu gostava de música e a Marina gostava de músicos. Era quase a combinação perfeita, porque ela sempre conseguia ingressos para festas e esse tipo de coisa. Havia se interessado pelo vocalista de uma banda naquela época. Acabava me arrastando com ela por todos os bares e festas que eles iriam tocar.

Nós saímos com três dos rapazes da banda em uma noite. Na verdade, sair não era bem a palavra. Estávamos indo para a casa de dois deles. Guto era o cara da Marina, ele morava com o sujeito mais velho da banda, que era o baterista, chamado Dado. O terceiro que estava com a gente era o baixista, Toni. Ele acabava me lembrando do Claudinho, porque ele também tocava o baixo. Talvez fosse minha sina, atrair baixistas.

Nós sentamos na sala da casa dos dois para assistir um filme de terror. Deveria ser cinco horas da manhã. Eu acabei cochilando e, quando acordei, a Marina e o namorado não estavam mais na sala. Acho que eu só tinha acordado porque o Toni estava falando baixo comigo e beijando a minha orelha. Acabei deixando que ele me beijasse de verdade, porque ele não poderia ir muito longe comigo já que o Dado estava na sala, mesmo que ele estivesse com a cabeça baixa e cochilando.

— Você não quer ir lá para dentro? — o Toni perguntou, estava beijando o meu pescoço. — A gente pode tomar alguma coisa para relaxar e...

— Você não vai oferecer coisa nenhuma para ela — o Dado levantou a cabeça, parecia zangado. — E desde quando você acha que pode entrar no meu quarto sem permissão?

— Achei que você estava dormindo, cara! — Toni jogou as mãos para cima.

— E eu achei que você já teria tido a decência de ir para casa — Dado levantou. — Vamos, rua.

— Qual é? — Toni estranhou.

— Vai para casa, cara. Eu não quero te jogar na rua.

— Mas... e a garota?

— Caramba , cara. Virou pedófilo, é? — Dado dessa vez pegou o outro pelo braço. — Não chega o outro lá dentro? Vai para casa dormir e tirar essa porcaria da cabeça.

O Toni foi embora e eu fiquei sozinha com o Dado na sala. Ele foi em direção aos quartos e desapareceu. Fiquei sozinha com o filme de terror na televisão. Acabei desligando o aparelho. Não sabia se eu estava tremendo com frio, ou porque haviam me deixado sozinha.

Dali a pouco o Dado voltou com um travesseiro e uma coberta.

— Se ajeita aí — foi só o que ele disse, antes de voltar para o quarto.

Eu me ajeitei no sofá e dormi.

Aquela foi a primeira vez que o Dado foi ao meu resgate. Eu não pensava que precisava de resgate, então eu não entendi aquilo como um.

O caso da Marina estava ficando sério e nós passávamos cada vez mais tempo com os rapazes da banda. Frequentávamos ensaios e tudo. Os ensaios deles eram bem mais profissionais que os ensaios da banda do meu irmão. Eles não se distraíam por pouca coisa, só que eles gostavam de público.

Não éramos somente eu e a Marina que aparecíamos por lá, mas amigos dos rapazes e uma ou outra garota. No final, deveria contar aquilo que o Claudinho tinha dito. Bandas eram ótimas para impressionar garotas.

Foi naquela época que eu peguei o hábito de tomar álcool. Era mais ou menos porque era a única coisa que o Dado deixava que me dessem. Nem cigarro ele deixava que os outros me oferecessem.

— Entre cigarro e maconha é um pulo — ele disse e parecia entendido. — Entre maconha e outras coisas é mais fácil ainda.

Eu não entendia por que isso preocupava tanto o Dado. Só depois foi que eu fiquei sabendo. Aquela era a terceira banda dele. A primeira, com os amigos de infância, a garota que cantava acabou morrendo de overdose. Da segunda, ele saiu quando viu que estavam indo pelo mesmo caminho. Essa terceira, como ele era bem mais velho que os outros, acabava dando uma de paizão e controlando. Como ele já tinha todos os contatos e era ele quem agenciava a banda, os rapazes baixavam a bola. O máximo que faziam era fumar e isso porque o Dado também fazia de vez em quando.

Mas eu e a Marina, tudo que ele deixava era que a gente bebesse o que eles bebiam. Ocasionalmente, uma tragada de um cigarro, mas nada além disso. O Dado parecia saber que eu era quase viciada em nicotina. Só que na falta disso, comecei a exagerar demais no álcool nos finais de semana. Não era como se fosse uma coisa intencional. Eu não considerava que eu beber fosse tão ruim quanto o Pedro beber.

Eu não sabia que estava mesmo exagerando, até a primeira vez que eu acordei na cama do Dado. Ele havia me colocado para dormir lá para me vigiar. Havia se preocupado que eu pudesse entrar em coma alcoólico. Eu não achava que isso pudesse ser ruim, porque o que eu queria mesmo quando eu bebia era me esquecer das coisas.

O Dado cuidava dos meus porres. Segurava o meu cabelo enquanto eu vomitada e me dava lições de moral que eu não pedia,

mas que não me incomodavam. Acho que deve ter sido naquela época que eu comecei a me apaixonar por ele. Não que eu estivesse interessada nele de um ponto de vista romântico, ou ele estivesse interessado em mim.

Apesar de tudo, o Dado não era o melhor exemplo para uma garota sem muitos exemplos e ele sabia muito bem disso. Ele não se metia comigo porque eu era muito nova, mas nós ríamos muito juntos e nos divertíamos. Havia perdido a conta de quantas vezes eu ficava assistindo televisão com ele até tarde e havíamos dormido na mesma cama.

É claro, quando ele levava garotas — garotas, plural — para casa, eu dormia na sala. Eu não sentia ciúmes. As garotas iam e vinham, mas eu ficava. De manhã era para mim que o Dado preparava o café. Desde que a minha mãe havia morrido, eu não tinha alguém que cuidasse de mim. Talvez tenha sido esse o motivo de eu me apegar tanto ao Dado.

Durante muito tempo, ele foi o melhor amigo que eu poderia ter.

10. Mais que complicado

O sujeito entrou parecendo um furacão. Eu estava dormindo na casa do Bruno naquele dia e quase morri do coração. Primeiro, eu havia achado que era um ladrão. Só depois que eu consegui me ligar o bastante para pensar que ladrões não eram tão barulhentos.

— Seu filho da puta! Você tinha prometido! — foram as primeiras palavras que eu consegui distinguir do falatório.

Foi só em seguida que percebi que eu não estava usando roupas. Tentei me cobrir. Meu coração estava batendo nas minhas orelhas com o susto, mas isso foi antes que eu conseguisse dar uma boa olhada no estranho.

Era um cara alto e magro, com o cabelo e os olhos castanhos. Achei-o bastante apresentável, apesar de que ele seria mais agradável se não estivesse gritando e acusando o Bruno. Por um instante eu achei tinha me intrometido em uma briga de casais, o que não seria nenhuma novidade. Só que nenhum daqueles dois era *gay*. Não conseguiria dizer exatamente como eu sabia, mas eu costumava acertar nessas coisas.

Eu tinha lido em algum lugar que a resposta mais simples geralmente era a correta. Aquele sujeito tinha intimidade com o Bruno, tinham um jeito meio parecido. Só poderia ser o irmão que ele havia mencionado.

Minha experiência com o meu próprio irmão havia me ensinado a esperar coisas diferentes de irmãos. Aquele, para todos os efeitos, parecia completamente normal, isto é, tirando a parte em que ele deveria começar a fazer *yoga* para lidar com a sua raiva. Mas, claro, era o Bruno quem era a parte realmente maluca da família. A ovelha negra.

As três pessoas naquele quarto resolveram fazer três coisas distintas naquele momento. Tentei pegar a minha roupa no chão, sem sair da pouca cobertura que os lençóis estavam dando. O rapaz

estava abrindo o guarda-roupa e começou a abrir gavetas e esvaziá-las no chão. O Bruno pegou um cigarro no criado-mudo e acendeu.

O rapaz sentiu o cheiro do cigarro e virou. Parecia meio possesso quando veio em direção ao Bruno. Eu me distraí e não consegui pegar as minhas roupas.

O cigarro foi tirado do Bruno, jogado no chão e apagado com o calçado. Provavelmente o carpete do quarto iria ficar com a marca. A atenção dele mudou para o criado-mudo, então. Mais gavetas e coisas indo para o chão. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo, mas ele estava fazendo uma bagunça.

Tudo que o Bruno fez foi cruzar os braços atrás da cabeça e olhar para o cara com uma expressão de deboche. Era quase como se ele estivesse desafiando o outro a alguma coisa que eu não fazia ideia do que era.

Resolvi que era hora de jogar para o lado qualquer pudor que eu ainda tivesse. Levantei daquele jeito mesmo e juntei as minhas roupas no chão. Estava para correr para o banheiro, mas o sujeito estava entre eu e a porta. Nossos olhares se cruzaram. Ele estava olhando para mim.

Definitivamente, ele era parecido com o Bruno. Talvez um pouco mais baixo, um pouco mais magro, o cabelo um pouco mais liso e um pouco mais novo. Como se fosse possível, ele ficou ainda mais possesso depois de me olhar.

— Puta merda, Bruno! — continuou, como se eu não estivesse ali. — Você tinha dito que iria parar. Você tinha prometido.

O Bruno não pareceu dar nenhuma importância ao que o outro estava dizendo. Passei pelo rapaz e entrei no banheiro. Comecei a me vestir o mais rápido que eu pude. Havia esquecido uma meia no quarto, mas não estava mais me importando. Calcei o tênis sem a meia mesmo.

Reparei que o sujeito tinha ficado quieto e espiei pela porta do banheiro. Tinha sentado na ponta da cama. Os ombros dele

mostravam uma expressão de derrotado. Deixou o ar escapar. Olhou, então, em direção ao banheiro e me pegou olhando para ele. “Ele tem olhos bons”, foi o que eu pensei naquela hora, apesar de eu não conseguir explicar o que isso significava.

— Você tinha dito que iria parar com esse tipo de coisa — o rapaz olhou para o Bruno. — E com as brigas... Você não consegue manter uma promessa sequer. Não vai dizer nada?

— Você faz uns monólogos bons, sozinho — Bruno disse, ainda com aquele tom de deboche.

O outro deu um sorriso meio amargurado. Quase deu para sentir pena dele naquela hora. Seja qual fosse o assunto, ele parecia estar levando a coisa a sério. Era o Bruno quem estava parecendo querer tirar sarro da cara do outro.

— Merda... — o rapaz suspirou. — Onde é que você consegue essas prostitutas que parecem com ela?

Dessa vez o Bruno levantou da cama. Parecia furioso. Levantou o outro pelo colarinho da camisa. O rapaz não se encolheu, nem nada. Pareceu estar desafiando o Bruno a bater nele.

— Nunca mais...! — Bruno parecia não saber direito o que dizer, parou no meio da frase, mas não soltou o rapaz.

Resolvi que não queria estar ali se eles começassem a brigar. Saí do banheiro.

— Ahn, eu vou indo — falei, embora não achasse que eles estivessem me escutando.

Saí rápido, sem olhar para trás. Na verdade, a hora que eu parei foi quando cheguei ao ponto de ônibus. Era como se eu estivesse no piloto automático até chegar lá. Não estava pensando em nada.

Foi só quando eu vi o ônibus chegando ao ponto que eu percebi que não havia pegado a minha bolsa. Por um segundo, considerei voltar, mas não era a melhor das opções. Eu poderia voltar depois, mas eu precisava dinheiro para o ônibus.

Marina não ficou surpresa em me ver. Eu sabia que ela estaria em casa, porque ela não trabalhava. Nunca havia trabalhado na vida, não era porque estava vivendo com um cara que isso iria mudar na vida dela.

— Eu estava pensando em você, no outro dia — ela disse, de um jeito meio animado, depois de me dar um beijo no rosto.

— Eu fiquei sem dinheiro para o ônibus — falei, meio que querendo chegar direto no assunto.

— Está com pressa?

Fui forçada a admitir que eu só precisava estar no serviço depois da hora do almoço, naquele dia. Não sabia por que eu estava hesitante em ficar perto da Marina naquele dia.

— Você fica para almoçar? — ela perguntou, parecia realmente estar querendo me ter por perto.

— Não, mas eu posso ficar um pouco.

— É uma pena. Ele iria gostar de te ver.

Nós acabamos tendo que ir para a cozinha, porque ela precisava preparar o almoço. Era algo que eu nunca teria imaginado durante nossa adolescência, a Marina de dona de casa. Era quase algo para rir.

— O que aconteceu com o seu dinheiro?

Acabei contando para ela da bolsa esquecida, sobre o Bruno e sobre o sujeito que eu achava que era o irmão dele. Meio que despejei tudo para cima dela, sem esperar que ela fosse entender ou simpatizar com a minha causa. E ela não fez isso.

— Você tem certeza do que está fazendo, Aninha? — foi o que ela perguntou.

— Meio que parece as coisas que você faria, né?

— Eu sou séria agora — ela piscou para mim. — Mas antigamente, é, parece o que eu faria. O problema é que você é a inteligente. Eu sou só a maluca.

— Eu não sou a inteligente. Lembra quando a gente foi ser cobaia dos alunos de Psicologia? Meu teste deu médio.

Ela riu, estava começando a cortar uma cebola.

— Ao menos o seu teste não deu médio para baixo. E o rapaz tinha dito que médio era normal.

— Para mim, médio não é normal. Médio é médio.

Marina parou de cortar a cebola. Estava com a faca na mão e virou para mim.

— Falando sério, Aninha. Eu te amo. Como é que você vai se livrar desse sujeito quando você não quiser mais? E que negócio é esse de você ser parecida com alguém?

Era precisamente aquele o ponto. Talvez toda a parte de ser perseguida não me importasse, mas aquela parte de ser parecida com outra pessoa era que estava me deixando nervosa.

— Ele pode ter — fez o sinal de garganta cortada com o dedo — acabado com essa moça que o outro estava dizendo.

— Eu não acho que ele seja assassino. Sei lá, ele me parece mais estranho que qualquer outra coisa. Tem problemas, mas quem não tem? — não sabia por que, mas parecia imperativo defender o Bruno. — Ele não me parece violento.

— Você dizia a mesma coisa do Pedro.

Aquilo era um tremendo de um golpe baixo e a Marina sabia disso. Não sabia se ela estava fazendo intencionalmente, para me aborrecer, ou se simplesmente havia escapado.

— Como é que está o tarado? — ela insistiu, era intencional.

— Eu não sei, eu não falo mais com ele.

— Eu te amo, Ana Maria — Marina repetiu. — Eu não consigo entender por que você continua morando com o cara que quebrou o seu braço.

Fiquei quieta. Queria que ela parasse de falar no assunto. Como é que eu iria explicar algo que eu não entendia direito? A verdade era que a Marina não sabia de tudo que havia acontecido naquele dia e eu não iria contar para ela.

— Eu tenho que ir — levantei-me.

O neném começou a chorar bem naquela hora e a Marina saiu da cozinha para atender. Por um instante pensei que eu poderia sair dali sem ter que me despedir, mas ela ainda não havia me dado o dinheiro.

Acabei a seguindo até o quarto do garoto. O filho da Marina estava bem maior do que a última vez que eu havia o visto. Ela estava o ninando e, por um instante, eu fiquei pensando em como vidas poderiam ser diferentes por bobagens.

— Ele sabe que o neném não é dele? — perguntei para Marina, era a minha vez de usar golpes baixos.

— Nem eu tenho certeza de quem ele é — ela deu em ombros.

— Nós somos duas ferradas, Marina — murmurei.

Marina veio me abraçar com um braço, enquanto o outro continuava segurando seu garotinho. Abracei a minha amiga. Naquela hora eu pensei que poderia perdoar qualquer coisa dela, mas ao mesmo tempo não dava para esquecer.

— Eu te amo, Aninha — ela deu um meio sorriso. — Acho que só isso que vai ser para sempre.

11. O hábito e o monge

— Você anda meio calada, Ana Maria — foi a Patrícia quem me disse.

Para ela me chamar de Ana Maria significava que ela estava preocupada. Normalmente ela me chamaria de Maria, só para me provocar.

— São só uns problemas — respondi, tentando encerrar o assunto por ali.

— Problemas de amor — ela deu um sorriso para me inspirar simpatia. — As primeiras semanas de um relacionamento são as boas. Nenhum dos dois quer mostrar os podres e, quando eles começam a aparecer, a coisa tende a terminar.

— Você não faz ideia — falei baixo.

— Você poderia me contar, sabe?

Como é que eu poderia contar para a Patrícia o que estava acontecendo? Ela iria me taxar de maluca logo de cara. Ninguém em sã consciência sairia com um homem que a estivesse seguindo. Se eu começasse a contar a história, as chances eram dela correr para as colinas.

Sem contar que eu iria ter que pegar dinheiro emprestado para voltar para a casa do Bruno e pegar a minha bolsa. Senti um calafrio pensando que ele poderia não estar em casa quando eu voltasse. E se eu não conseguisse a minha bolsa de volta?

A Patrícia estava me olhando, esperando que eu dissesse alguma coisa. Eu era, definitivamente, a pior pessoa do mundo. Realmente não dava para entender por que ela queria ser minha amiga.

— São só umas bobagens, mas eu acabei esquecendo minha bolsa na casa dele. Você me empresta dinheiro para o ônibus?

— Eu empresto. Depois que você for ao barzinho tomar *umas* comigo depois do serviço — ela deu um sorriso sacana. — Eu sou má.

Acabei sorrindo. Estava para responder, mas alguém tinha entrado no Café. Era o rapaz que estava na casa do Bruno. Melhor que isso, ele tinha a minha bolsa. Ficou parado ali, parecendo meio aparvalhado.

Quando me viu, veio na minha direção.

— Hm, você deixou isso para trás — ele pareceu meio sem jeito. — O Bruno disse que você trabalhava aqui e eu vim devolver. Tem como a gente conversar?

Olhei para a Patrícia.

— Eu cubro para você.

Patrícia era um anjo. Uma pessoa muito melhor do que eu merecia por perto de mim. Segui o rapaz para fora do café. O prédio do lado tinha um jardim de inverno pequenininho, que ninguém costumava ir, mas que era um lugar quieto para parar e conversar. Conduzi o sujeito para lá.

— Eu não fazia ideia que tinha isso aqui — ele murmurou, mais para si do que para mim.

Sentei-me em um banquinho e deixei que ele organizasse seus pensamentos.

— O Bruno me disse que o seu nome era Ana Maria — ele disse, apontando para o meu crachazinho.

— É Ana Maria.

— Já estava achando que ele tinha mentido nisso também — respirou fundo. — Meu nome é Lucas. O Bruno é meu irmão.

Ele hesitou, como se estivesse esperando que eu dissesse que prazer enorme era conhecê-lo, ou qualquer coisa assim. Fiquei parada e fiquei quieta. Lucas pareceu desconcertado por isso.

— Eu acho que eu tenho que me desculpar com você. Eu não deveria ter te chamado de... — olhou-me nos olhos, não precisava repetir, eu me lembrava que ele havia me chamado de prostituta. — Eu agi mal.

Não são todas as pessoas que são capazes de admitir seus erros. Achava que o Bruno não faria isso. O problema é que é muito fácil se arrepender da besteira feita. Difícil é evitar fazer em primeiro lugar.

— Tudo bem — levantei os ombros. — Nenhum dano permanente.

Deu um sorriso meio fraco. Parecia estar querendo dizer alguma coisa e que não conseguia escolher direito as palavras.

— Eu não vim só para pedir desculpas, ou devolver a sua bolsa — ele estava sério como um velório. — Eu quero que você fique longe do Bruno.

Já estava imaginando que alguma coisa assim iria aparecer. A presença dele ali era indicativo disso. Seria muito fácil ele deixar que o Bruno me devolvesse a bolsa e esquecer toda a situação embaraçosa que nós havíamos nos metido naquela manhã.

Algumas coisas, porém, não importa o quanto você espere, nunca está preparado para elas. Foi assim quando me contaram que minha mãe havia morrido. Poderia estar doente havia muito tempo, mas ainda assim foi um choque. Como se eu esperasse que ela permanecesse para sempre doente, mas que nunca se fosse de fato. Poderia estar esperando o que o Lucas disse, mas ainda assim senti como se fosse um soco no estômago.

— Você não tem direito de me pedir nada — falei, antes que pudesse perceber o quanto eu havia me revoltado com as palavras dele. — Você não é meu pai, não é pai dele.

— Não, mas ele vai matar a minha mãe se continuar aprontando. Ela tem pressão alta. Toda vez que ele faz uma dessas,

ela passa mal. Se eu não posso impedir que ele faça besteira, pelo menos posso tentar que ele não te arraste com ele.

Lucas sentou na ponta do banco, longe de mim. Não estava me olhando. Parecia estar tentando se acalmar. Se ele tinha chegado com a intenção de me convencer a alguma coisa, o trabalho dele havia sido péssimo.

— Desculpe — ele disse, depois de alguns segundos. — É só que hoje ele está me tirando do sério. Mais do que o costume, pelo menos.

— Olha, pelo jeito eu caí de paraquedas em uma briga de família. Eu não quero me intrometer, mas o que há entre eu e o Bruno só diz respeito a nós dois.

— Desculpe, Ana Maria, mas nada sobre o Bruno diz respeito só a ele mesmo. Nunca — ele estava muito sério. — Ele está em vias de perder o apartamento. Já deixou de pagar o aluguel por dois meses. Eu sei porque sou o avalista. Estou em vias de pedir para interditem o meu próprio irmão.

Interditar? Imaginei o Bruno com uma plaquinha de fora de serviço. Achei engraçado, mas não deveria ser a mesma coisa.

— Quer dizer que ele deixaria de ser responsável por ele mesmo — Lucas pareceu ter percebido a minha confusão. — O negócio é que o Bruno tem um problema. Ele teria que tomar remédio, mas ele não quer. Prefere beber e brigar. Não sei se ele não está usando drogas, também. Já perdi a conta de quantas vezes ele me prometeu que iria tomar o remédio direito. O médico já tinha recomendado a internação, mas o Bruno é inteligente e acaba enrolando a gente. Ele me enrola para desistir, toda a vez. Acho que eu quero acreditar nele, mas para tudo tem limites.

Não sabia se ele estava me contando aquilo para me assustar. O jeito que ele estava falando, fazia parecer um desabafo. Talvez ele quisesse escutar de alguém que ele estava fazendo tudo certo. Só que se ele queria uma absolvição, deveria procurar um padre. Mas ainda assim...

— Olha, não adianta tentar ajudar quem não quer ajuda — falei.

— Seria fácil se desse, não é? — o sorriso dele era triste.

— O mundo seria um paraíso. Mas às vezes o que é melhor para você, não é o que é melhor para ele. Não sei, mas o Bruno não me pareceu tão ruim assim.

— Ele te contou como foi que ele quebrou o pé?

— Ele disse que caiu no chuveiro, mas eu acho que ele mentiu.

— Basicamente, ele tomou um porre e arranjou briga em um bar. Disseram que ele ganhou a briga, mas estava tão torto na hora de sair que tropeçou na sarjeta. É meio deprimente ver o meu irmão assim. Ele sempre foi meu herói, sabe? Ele te falou da Raquel? — fez uma pausa. — Claro que não. Ele não fala disso com ninguém, nem comigo, nem com a minha mãe, nem com os médicos. Raquel era a noiva dele.

Era com uma noiva, então, que eles me achavam parecida. O jeito que ele havia falado o nome dela, com uma certa reverência, fez com que eu pensasse que alguma coisa tivesse acontecido com ela. Não havia sido um simples rompimento. Mais uma vez, a curiosidade matava o gato de susto.

— O que foi que aconteceu com ela?

— Foi um acidente de carro — Lucas respirou. — Não teve nada a ver com o Bruno. Ele não estava no carro com ela. Depois que ela morreu, o Bruno desistiu de tudo. Desistiu de cuidar dele mesmo. Parou de tomar os remédios. Acho que tudo que ele pensa é em beber, brigar e gastar dinheiro. Isso sem falar nas prostitutas. Por isso que eu achei que você...

Não precisava terminar a frase para eu saber o que ele queria dizer.

— E eu sou parecida com ela? — estava um pouco difícil para assimilar que ele visse em mim a noiva morta.

Eu não queria uma resposta e talvez Lucas soubesse disso, porque ele só me deu um daqueles sorrisos amargurados.

— Ele prometeu que iria te deixar em paz — a voz dele estava mais baixa, quando ele disse. — Só que eu não acredito mais no que ele promete. Não quero que ele te machuque. Se você ficar por perto, você vai se magoar.

Não tolerava que me dissessem o que eu podia e o que eu não podia fazer. “Você não vai ficar magoada, eu não quero que você se machuque”. Ninguém parecia entender que tentar proteger também poderia ser uma forma de ferir?

— Esse é o meu direito — falei, em uma voz firme.

— Magoar-se? — Lucas pareceu perplexo.

— Claro. Eu sei no que estou me metendo. Você pode dizer que me avisou, mas quem decide o que vai fazer, sou eu. Se eu quero pular de uma ponte, o problema é todo meu. Você não tem como saber se eu vou me magoar, ou não. Você não tem como saber o que o Bruno está pensando, não tem como saber como as coisas vão ser.

Vi que o rosto dele se contraiu. Estava cerrando os punhos. Parecia muito irritado. Quando ele me olhou, havia mais do que raiva em seus olhos. Havia alguma coisa de desamparo, mas eu não estava disposta a ter pena de uma pessoa que obviamente era um filhinho de papai, que tinha tudo que queria na mão.

— Você só está pensando em si própria — disse, sem levantar a voz. — Você não ama ninguém, porra. Não sabe que não dá para ficar olhando enquanto alguém importante para você está se destruindo.

— Eu gosto do Bruno, não pense que não. E você mesmo tinha concordado que não dá para ajudar quem não quer ajuda — encarei. — Você acha que não dá para ficar olhando quando você gosta está se destruindo, mas às vezes é só o que você pode fazer. Isso e juntar os cacos quando eles terminam de quebrar.

Lucas não gostou da minha resposta, claro. Levantou e saiu. Acho que se ele encontrasse alguma coisa para bater, ele teria feito isso. Eu estava tremendo, também. Eu praticamente nunca havia pisado firme com alguma coisa que eu quisesse fazer e nem tinha certeza de que eu queria mesmo ficar com o Bruno.

O negócio com a noiva era estranho, claro. Não queria ser comparada a qualquer outra pessoa, mas ainda assim eu não sabia se isso era coisa suficiente para me fazer ficar longe dele. Aparentemente, eu gostava de sofrer. Quem diria?

12. Recomeçar

Bruno bateu à minha porta uns dois dias depois que o irmão dele tinha aparecido para me sabatinar. Eu estava esperado por ele. Isso foi o que me aborreceu mais do que eu poderia dizer. Uma coisa era se eu não tivesse expectativas naquele relacionamento de mentirinha. Outra coisa bem diferente era se eu esperasse que ele viesse. Ao contrário do que eu havia dito ao Lucas, eu não queria me magoar.

Quando eu abri a porta, ele estava encostado em um dos pilares da varandinha. Estava olhando para a rua, para o nada. Por algum motivo, achei que ele tinha vindo para realmente terminar com tudo.

Eu não deveria me importar com isso. Eu não estava apaixonada por ele. O problema era que eu estava me importando muito mais do que eu conseguia dizer. Eu não conseguia ser indiferente e não sabia exatamente por que.

— Oi — eu tive que falar primeiro, porque ele estava parecendo distante demais.

Quando ele virou, percebi que havia feito a barba. Não conseguia entender por que ele havia deixado a barba crescer em primeiro lugar, se ele ficava tão bem sem ela. O jeito dele estava sério, como da primeira vez que a gente havia se topado.

— Meu irmão devolveu a sua bolsa — ele disse.

Não era uma pergunta, mas eu me peguei respondendo mesmo assim. Concordei com a cabeça.

Bruno me olhou nos olhos. Sempre tinha uns jeitos meio estranhos que eu pensava que nunca iria conseguir entender direito. Talvez eu nunca realmente tivesse a oportunidade. Por que era tão difícil perder as coisas, mesmo que elas nunca houvessem sido suas?

— Ele se desculpou por ter te visto sem roupa?

— Eu não acho que ele tenha notado que eu não estava vestida — tive que dar uma risadinha. — Quer entrar?

Era a primeira vez que ele entrava na minha casa. Fiquei um pouco nervosa com o que ele pudesse achar. A decoração da casa não havia mudado nos últimos anos. Na verdade, eu acho que nós não tínhamos mudado nada desde que a minha mãe havia morrido. Viver ali era como viver no passado.

Os olhos dele bateram no violão no canto da sala.

— Violão legal. Você toca?

— Nem um parabéns para você. Era do meu pai. Ele deixou aí quando foi embora.

E meu irmão tinha deixado, também, quando tinha ido. Era uma coisa idiota. Todos que iam deixavam para trás aquele violão.

— Aquele homem que mora contigo...

— Meu padrasto.

— Eu achava que ele era seu pai — deu uma sacudida na cabeça. — Era a sua mãe no cemitério? Que você estava visitando naquele dia em que eu te vi?

— Sim. Ela morreu quando eu tinha onze anos — respirei fundo. — Foi câncer no útero. Ela achou que estava grávida. Irônico, né?

Não era irônico. Era uma estupidez minha dizer isso, eu sabia, mas era porque eu não queria falar sobre o assunto. Não sabia nem por que eu havia falado tanto.

— O Lucas me falou da sua noiva — falei, em voz baixa.

— Idiotice dele — o Bruno me olhou e o olhar dele era quase triste. — Você não parece com ela. Talvez um pouco o cabelo e só.

Toquei meu cabelo. Ele havia crescido meio sem corte nos últimos cinco anos. Era castanho e meio sem graça.

— É bonito — ele disse e apontou o sofá. — Posso sentar?

Eu não sabia se sentava ou ficava de pé. Estava meio ansiosa, tanto que nem sabia se sentava ao lado dele ou não. Não sabia o que esperar dele e não sabia o que esperar daquela conversa.

— Meu irmão deve ter te dito para você ficar longe de mim.

— Sim e ele disse que você tinha prometido que iria me “deixar em paz” — fiz as aspas com os dedos.

— O babaca não confia em mim — Bruno deu um meio sorriso.

— Você prometeu?

— Era o único jeito de fazer ele calar a boca — o Bruno deu uma risadinha. — Acho que só resta saber se você vai fazer o que ele queria.

Hesitei. Mesmo que o Bruno estivesse me dizendo que eu não era parecida com a ex-noiva dele, eu não sabia se ele estava dizendo a verdade ou não. O próprio irmão dele havia dito que ele mentia. O próprio Bruno havia acabado de me dizer que havia mentido.

— Minha cabeça está meio confusa com toda essa história — respirei fundo. — Eu não acho que eu esteja interessada em romance.

— Ninguém falou nada em romance — ele me olhou, como se estivesse provocando. — Há muitas outras coisas que não são tão românticas e que duas pessoas fazem bem.

— Eu não sei, Bruno. Estou sendo honesta. Eu não consigo me decidir.

— Não consegue decidir se gosta de mim ou não?

— Eu gosto de você. Não consigo decidir se é o bastante. Acho que eu não te conheço o bastante para decidir.

— Mais uma prova de que você precisa continuar saindo comigo.

— Eu não sou a pessoa mais esperta com relacionamentos. Eu preciso um tempo para decidir.

— Tudo bem — ele levantou e pareceu contrariado. — Tome a porra de tempo que precisar.

Quando o Bruno saiu, batendo a porta, achei que seria a última vez que eu o veria. Eu conseguiria sobreviver com isso. Era o meu mote nunca me envolver demais. Poderia não saber, mas se ele ficasse longe, ele pouparia os meus sentimentos, na verdade.

Era mais do que já haviam feito por mim.

Tentei não pensar sobre o Bruno, apesar de eu ter dito que precisava fazer isso. Tudo que eu queria, na verdade, era enfiar a cabeça em um buraco igual a um avestruz. Precisava testar ficar longe, para saber se eu sentia falta dele, ou não. Senti.

O problema é que eu não sabia se eu sentia falta do Bruno, ou se era daquilo que ele representava. Não ter certeza era muito pior. Se alguém pudesse me dizer o que fazer, seria tão mais simples! Mas a quem eu iria recorrer?

Marina estava ocupada com as coisas dela. Eu também não sabia se queria confiar nela para assuntos tão delicados. A outra pessoa que eu havia tido para conversar sobre o assunto, havia sido outra pessoa que havia me enfiado em uma fossa. Tudo que eu poderia fazer, então, era comparar. Tinha que comparar a diferença entre a falta que o Dado fazia, com a falta que o Bruno me fazia.

Talvez não fosse exatamente uma boa comparação. Eu conheci o Dado por muito tempo. Ele havia feito parte da minha vida quando eu mais tinha precisado. Deixar de ver o Dado tinha sido como arrancar uma costela. Doeu muito na hora e o vazio ficaria para sempre. Era estranho que eu houvesse sofrido tanto, quando tinha sido a minha própria decisão.

Tudo que eu conseguia pensar, nos meus piores dias, é que talvez a decisão não tenha sido realmente minha. Talvez ele houvesse me manipulado para pensar isso, para que ele não precisasse ficar com o papel do vilão. Mas eu não queria mais ver o

Dado. No final, isso me faria muito mais mal do que bem. Era provável que ele me causasse outra recaída.

Era irônico que, quem havia me feito parar de beber e de fumar, tivesse sido aquele que havia provocado os meus porres mais homéricos. Da segunda vez, quem me fez parar de verdade, foi o Pedro. Teria sido mais fácil se fosse o Dado. Não poderia, nunca mais, ser ele.

Com o Bruno, a possibilidade de ter, existia. Não as bebedeiras ou qualquer coisa do gênero, mas a possibilidade de ter alguém. Como é que eu poderia virar as costas sem descobrir o que poderia ter sido?

Acabei telefonando para o Bruno. Estava de mau humor quando me atendeu, mas se eu fosse ficar por perto, eu precisaria enfrentar os humores dele.

— Você decidiu? — foi o que ele perguntou.

— Decidi não decidir — respondi, hesitante. — A gente precisa se conhecer direito, não é isso?

— É verdade — escutei ele soltar o ar, havia soado cansado. — Eu não estou muito bem nesses dias.

— Por minha causa?

— O mundo não gira em torno de você, Ana Maria — ele deu uma risada, mas não pareceu mais feliz. — Eu acho que eu vou passar para te ver amanhã. Eu ainda não fui essa semana.

— Está se curando da obsessão?

— Só estou cansado — escutei-o respirar novamente. — Você continua sendo a minha maluquice preferida.

E desligou.

Fiquei ansiosa com a possibilidade de vê-lo no dia seguinte. Havia colocado na cabeça que estaria começando do zero. Dormi com aquela sensação.

De manhã, acordei com o telefone tocando. Havia perdido a hora para levantar, mas só trabalharia de tarde, naquele dia. Arrastei-me para fora da cama e bati o dedinho na quina, antes de chegar ao telefone.

— Ana Maria — era a voz do Bruno. — Vem me ver.

— Eu acabei de acordar — meio que resmunguei.

— Diz que você está vindo.

Naquele instante, percebi que o tom de voz dele estava estranho. Tinha alguma coisa errada.

— O que foi, Bruno? — perguntei, sentindo ansiosa.

— Eu preciso conversar.

— Não pode ser no telefone?

— Não. Tem que ser agora — falou e desligou.

Fiquei olhando para o aparelho, tentando entender o que poderia ser tão urgente. Por fim, coloquei-o de volta no gancho e voltei para o meu quarto para me arrumar para sair.

13. Vermelho

Eu estava tranquila ao chegar ao prédio do Bruno. Estava quase pensando que, talvez, eu iria voltar a ser uma boa menina. Estava quase ficando boba, porque estava imaginando que o Bruno era o meu namorado.

A visão que acabou com o meu bom humor, foi o Lucas. Chegamos à mesma hora. A gente se olhou e ele coçou a cabeça, quase como se estivesse tentando entender alguma coisa.

— O Bruno sabe que você está vindo? — Lucas perguntou, tirando o maço de chaves do bolso para abrir o portão.

Então, ele tinha a chave. Claro que teria, como ele teria entrado naquele outro dia se ele não tivesse? Arrombado a porta é que não seria.

— O Bruno me chamou — falei, quase com uma ponta de orgulho.

Era quase como se eu quisesse desafiar o Lucas. Ele havia me dito para não ver mais o irmão dele e eu estava naquela de “olha, você não pode me dizer o que fazer”.

— Esquisito — ele disse, mas segurou o portão aberto para mim.

— Esquisito? Por quê? — perguntei, enquanto nós íamos em direção do saguão.

— Esquisito, porque ele me ligou agora a pouco, pedindo para eu vir aqui.

— Ele também me ligou — falei, mas não conseguia pensar o que fazia a ligação ter sido importante. — Ele estava meio estranho ao telefone.

Minha observação pareceu ter deixado o Lucas pálido. Não sabia por que ele iria querer conversar com nós dois ao mesmo tempo e

por que isso parecia afligir o Lucas.

— O que é que está acontecendo? — perguntei meio assustada.

— Ele está depressivo — Lucas chamou o elevador.

— Ele estava meio para baixo, mas...

Não cheguei a terminar. Lucas me cortou.

— O Bruno não fica "meio". Não fica meio feliz, ou meio triste.

— E? — perguntei, mas o Lucas já estava entrando no elevador. Eu segui.

— Quando ele fica deprimido, ele fica *muito* deprimido — Lucas apertou o botão do elevador. — Pode ser que ele esteja fazendo isso para comprar briga comigo.

— É... — falei.

Eu não tinha certeza se era isso, ou não. O Lucas, aparentemente, também não tinha, porque quando a porta do elevador abriu, ele quase correu para fora. Já estava procurando a chave da porta no molho, mas quando ele iria colocar, a porta só estava encostada.

Lucas entrou e eu hesitei. Estava com o coração na mão. Tremia por dentro sem saber o que poderia estar acontecendo, mas eu já havia percebido que não seria algo bom. Fiquei com medo de entrar, mas minhas pernas me levaram mesmo assim.

Lucas estava chamando pelo Bruno, enquanto andava pelo apartamento. O tom dele era quase desesperado e eu esperei que, a qualquer momento, o Bruno aparecesse rindo do jeito desesperado que nós havíamos chegado até lá. Só que isso não aconteceu.

Eu continuei seguindo Lucas, até que ele parasse na frente da porta do banheiro. Parou de supetão e eu literalmente dei de cara nas costas dele. Tive que olhar pelo lado para ver o que ele estava vendo.

Vermelho. Vermelho me lembrava várias coisas. Minha mãe tinha um vestido vermelho que ela adorava. Às vezes ela dançava com meu pai na sala. O vestido esvoaçava e era tão lindo. Minha mãe era linda. Os dois pareciam sempre tão felizes quando meu pai aparecia.

Ocorreu-me, então, que meu pai não aparecia com tanta frequência assim e isso desviou o meu pensamento para outras coisas. Outras coisas vermelhas, como as flores no caixão dela. Uma velha amiga me fez encostar na mão de minha mãe. Eu não queria. Assustava pegar na mão de uma pessoa morta. Havia parecido borrachenta, fria e nada natural. Nunca vi a amiga depois disso, mas iria sempre me lembrar do que ela tinha me forçado a fazer. Havia ficado tão perdida naquele dia e não era a mão da minha mãe que eu queria. Queria uma mão que fosse quente e que tranquilizasse, fizesse com que eu me sentisse segura. Mas ninguém me deu a mão. O Pedro não estava aí para ninguém, afundado na sua própria dor. Meu irmão andava pelos cantos fumando e fingindo que nada daquilo lhe dizia respeito.

Vermelho, também, foi o que eu vi, tanto tempo depois, quando me disseram para ir ao IML, quando eu não sabia o que responder para o policial que falava comigo. Eu sempre pensava em vermelho quando ficava nervosa demais para ver o que estava realmente acontecendo.

Vermelho, então, foi o que eu via naquele banheiro. Vermelho-sangue. E o corpo no meio.

Pensei que queria gritar, mas não tinha som. O único som estava pingando da pia cheia d'água. Por algum motivo, a torneira estava mal fechada e pingando.

Fiquei olhando para o Bruno, rosto contra o piso. Deveria ser desconfortável ficar naquela posição. Por algum motivo, o que eu me lembrei foi do meu irmão no necrotério e o ímpeto que eu tive de dizer que aquele não era ele. Diziam que era só formalidade, que as impressões batiam, mas eu não conseguia reconhecer aquela pessoa

como sendo o meu irmão. Era um pedaço de carne, inchado e azulado. Eu quis morrer.

Mas aquele no chão não era o meu irmão. Era o Bruno. Parecia-se com o Bruno, também. Foi naquele instante que a realidade me alcançou e me fez avançar para o lado dele. Ajoelhei-me no chão e procurei pelos batimentos cardíacos no pescoço dele. Assustei-me por não conseguir sentir coisa alguma, mas eu estava nervosa demais para perceber e o pulso era fraco.

Não sei de onde eu tive forças para virar o corpo dele, mas quando eu percebi, eu já havia feito isso. Puxei a toalha de rosto que estava do lado da pia e enrolei no pulso dele. Apertei com força, como eles diziam para fazer nos filmes. Olhei e o Lucas ainda estava lá, sem reagir. Quanto tempo nós demoramos para ter alguma reação?

— Lucas! — falei alto e ele me olhou, mas não parecia estar presente ali. — Dá outra toalha e chama a ambulância! Agora!

O rapaz pareceu cair em si. Jogou a toalha para mim e correu para o telefone. Escutei-o falando, mas nada do que dizia fazia muito sentido. Não fazia diferença, porém, se eu entendia ou não. Eu compreendia a urgência, tanto da situação, quanto da voz do Lucas.

Amarrei a toalha nova em cima da outra no pulso dele e segurei o braço dele para cima. Não conseguia me lembrar quem havia dito que era para fazer isso, ou mesmo se eu havia visto na televisão.

— Seu desgraçado — falei e percebi que estava chorando.

Eu sempre acabava perto dos filhos da mãe que queriam se matar. Por quê? Deixei minha mão em cima do peito dele. Ficava mais tranquila sabendo que ele não tinha morrido, mas não iria saber o que fazer se de repente o coração dele parasse.

O Lucas voltou no banheiro e se ajoelhou do outro lado do Bruno.

— Aguenta aí — ele disse, não para mim, mas para o irmão. — Eu vou descer, Ana Maria. Vou esperar a ambulância lá embaixo.

Concordei com a cabeça. Lucas tocou meu rosto e eu finalmente levantei os olhos para ele.

— Vai dar tudo certo — foi o que ele disse e eu não saberia dizer se ele estava falando para mim, ou se para si mesmo.

Estava cada vez mais pensando que a vida era uma bruxa em um conto de fadas sangrento. Finalmente eu sabia por que era que eu estava com o Bruno e me odiei por isso. Tanto quanto eu o odiei por estar fazendo aquilo comigo.

Fiquei sozinha no banheiro com ele pelo que parecia uma eternidade. Os segundos eram minutos e os minutos eram horas. Estava apavorada que ninguém viesse e todo o tempo eu imaginava o que aconteceria se ele se fosse. Quando o socorro finalmente chegou, eu me sentia tão fria que estava tremendo.

Tive que sair da frente para os socorristas trabalharem. Estava me sentindo completamente perdida. Não sei como foi que eu fui parar na sala, com o Lucas me abraçando. Eu não gostava dele. Como é que ele estava me abraçando e passando a mão pelas minhas costas? Era por que eu estava tremendo e não conseguia parar, ou era porque eu estava chorando?

Segui com o Lucas até o hospital. Aquilo estava sentindo tão estranho e surreal, como se fosse um sonho e não a realidade. Só pareceu mais ou menos real, quando o Lucas colocou o café quente nas minhas mãos. Estávamos os dois na sala de espera da emergência.

— Você está muito branca, Ana Maria — ele disse, em um tom baixo. — Bebe o café.

Agradei e ele sentou do meu lado. A cadeira de plástico alaranjada rangeu. Olhei para o café, quase como se estivesse indecisa de tomar ou não.

— O que é que eu iria fazer se você não estivesse lá? — a voz dele soou tão baixa que parecia que ele estava falando com ele mesmo.

Olhei para ele, tentando entender se ele queria que eu dissesse alguma coisa, ou não.

— Como assim? — perguntei e tentei dar um gole no café.

O café era forte e quente. Queimou a minha língua e parecia denso quando desceu pela garganta. Alguma coisa começou a esquentar bem lá dentro, mas minhas mãos ainda se sentiam estranhas, como se fizessem parte de outra pessoa e não de mim.

— Eu congelei. Fiquei sem reação. Se você não estivesse lá... — Lucas explicou e pareceu aflito com a possibilidade.

— Você teria se virado — tentei cortar, antes que ele começasse a falar bobagens.

— Se a gente tivesse chegado um pouco mais tarde — Lucas estremeceu.

— Não adianta ficar pensando em termos de "se". O que importa é que não foi. Aconteceu como aconteceu e não vai mudar.

Tinha certeza que eu havia soado agressiva, mas não sabia o que dizer. Eu mesma estava assustada com a possibilidade que ele havia colocado. Isso iria tirar o meu sono pelos próximos dias, com certeza. Minha necessidade era de convencer a mim, tanto quanto convencê-lo.

Lucas segurou a minha mão vazia. Os dedos dele estavam quentes, muito mais do que os meus. Fazia eu me sentir melhor, mais real e menos em um pesadelo.

— Você está gelada. Estava tremendo, antes — ele disse, em um tom suave.

— Fiquei muito nervosa — respirei fundo.

— Você salvou o meu irmão, Ana Maria — ele respirou fundo. — Estou com medo de ligar para a minha mãe. Como é que eu vou

contar para ela o tamanho da besteira que o filhinho querido dela fez agora?

O tom dele soou estranhamente irônico. Ele era ressentido com o Bruno? Ou com a própria mãe? Fiquei imaginando se ela dava mais atenção ao filho com problemas do que ao resto da família.

— Acho que vou telefonar para o meu pai, primeiro — ele suspirou. — Vou deixar para telefonar para ela depois que o médico confirmar que está tudo bem... Como é que se diz para uma mãe que o filho dela quis se matar?

Dizer aquilo em voz alta, parecia ser como quebrar um tabu. Era admitir uma verdade dura e sem sentido. Ao mesmo tempo, eu tinha algumas ideias diferentes sobre tudo aquilo.

— Não sei se ele queria mesmo fazer isso — respirei fundo. — Ele sabia que estávamos indo. Se ele quisesse fazer mesmo, não acha que ele teria escolhido um jeito mais rápido?

“E mais limpo”, foi o que eu pensei, mas não disse em voz alta.

— Estou cansado de inventar desculpas pelo Bruno — Lucas pareceu irritado. — Parece ser tudo que eu faço na minha vida. Não importa se ele queria ou não, o que importa foi o que ele fez.

Dei um apertãozinho nos dedos dele, como se estivesse dizendo para ele que estava tudo bem. Lucas olhou para as nossas mãos naquela hora. Achei que iria soltar a minha mão, mas manteve os dedos ali. Senti um pouco de calor, ou talvez vergonha.

— Acho que vou começar ligando para o meu pai — ele finalmente soltou a minha mão. — Minha mãe vai ficar fura por ser a última a saber, mas prefiro tratar com as pessoas mais estáveis primeiro.

— Seus pais são separados?

— Já faz tanto tempo que eu nem consigo me lembrar como era quando eles ainda estavam juntos — Lucas deu um sorriso meio fraco. — Eles não se dão muito bem. Não consigo imaginar como é

que eles se suportaram tempo o bastante para terem dois filhos juntos. Quando eu tento me lembrar de como era, quando eu era criança, tudo que consigo me recordar era que o Bruno cuidava de mim.

Bebi mais um gole do café. Lucas estava olhando para mim, com uma expressão bastante pensativa. Não conseguia imaginar o que era que ele estava pensando, mas acho que passar pelo que nós havíamos passado naquela manhã, havia nos aproximado de uma forma estranha e irracional.

— Dessa vez não há alternativa — ele parecia tão sério quanto estaria se o irmão dele houvesse realmente morrido. — Internação, eu quero dizer. Ele vai ter que ser internado.

Concordei com a cabeça. Conseguia compreender isso. Se não fosse tomada alguma providência, o Bruno poderia tentar aquilo de novo e, quem sabe, conseguir.

— Eu não sei como ele vai estar depois que acordar... não sei se ele vai querer ou não te ver. Seja qual for a situação — a voz dele parecia cansada, como se ele estivesse carregando um peso enorme. — ... espero que você possa... sei lá... se ele te quiser por perto, eu sei que ele vai precisar de toda a ajuda que conseguir. Se ele achar que te ver vai ser ruim para ele... você acha que pode deixar essa decisão para ele? Pelo menos no começo?

O que eu poderia dizer? Eu não queria a morte do Bruno na minha consciência de qualquer forma. Ele era tão frágil emocionalmente, que eu não sabia que reação ele teria se eu simplesmente resolvesse sumir. Era estranho, mas eu estava finalmente entendendo que os motivos de eu querer estar com o Bruno eram os exatos motivos pelos quais eu deveria estar indo embora.

— Vai ser como você quer — respondi ao Lucas. — Eu sei que eu não posso virar as costas para ele, se ele precisar de mim.

Lucas concordou com a cabeça. Naquele momento, eu me senti como se houvesse passado para o lado dos adultos chatos. Bruno

iria odiar.

— Obrigado, Ana — deu um aperto na minha mão, antes de levantar. — Eu vou lá fora telefonar.

Fiquei sozinha na sala de espera. Odiava hospitais. Nada de bom vinha de ir a um hospital. Hospitais e agulhas eram as duas coisas que eu mais detestava na minha vida.

Lucas me deu carona de volta para casa depois de telefonar para o pai. Havia resolvido que seria melhor falar com a mãe pessoalmente. Ensaiei algumas possíveis formas de dar as notícias comigo. Com certeza ele tinha mais tato do que eu. A primeira frase que eu diria era: "Bruno está no hospital". A primeira frase do Lucas era: "Está tudo bem agora, mas..."

— Eu não queria estar na sua pele — falei, apoiando-me na janela do carro, depois de descer.

— A pele é grossa, calejada. Não se importe com isso, Ana Maria.

Fiquei pensando nisso, depois que ele arrancou com o carro. Poderia mesmo chegar um ponto onde se poderia ficar tão calejado que tudo deixaria de machucar? Não sabia se isso poderia mesmo acontecer. Se pudesse, já não haveria acontecido comigo? Minha pele deveria ser tão grossa quanto a dele, mas por que eu não me sentia mais forte?

14. O bom samaritano

A vida ficou um pouco estranha, em seguida. Eu fui trabalhar claro, mas minha cabeça estava nas nuvens. Tudo que eu conseguia pensar era que o Bruno estava no hospital. Desta vez, até a Sofia notou que havia alguma coisa de errado. Sugeriu que eu tirasse uns dias de folga, mas se eu ficasse parada, ficaria louca.

Lucas me ligou quando o Bruno acordou.

— Ele fica te chamando — Lucas disse, parecia cansado. — Eu falei com o médico. Ele vai sair do quarto direto para a ala psiquiátrica. A gente só vai poder visitar no domingo.

Deve ter sido a semana que mais se arrastou na minha vida. Era como se houvesse um machado pendendo sobre a minha cabeça e, a qualquer momento, ele iria descer. Eu passava os dias nervosa e no piloto automático. Isso, pelo menos, até chegar o domingo.

O Lucas veio me buscar cedo, eu ainda estava terminando de me trocar. Foi o Pedro quem abriu a porta, logo antes de sair para o trabalho. Acordar mais cedo num domingo tinha mesmo essas desvantagens, o sujeito ainda estava em casa.

Desci quase correndo para ter o Lucas do lado de fora da porta antes que eles pudessem falar muito. Lucas não pareceu entender a minha pressa, mas cedeu. Talvez ele tivesse um pouquinho de percepção para saber que não existia exatamente harmonia familiar entre eu e o Pedro.

Acabou que, porque nós estávamos tão adiantados na hora e eu não havia tomado café, resolvemos parar na lanchonete do hospital. Eu estava ansiosa, claro. Não sabia se era para ver o Bruno, ou se era por ver o Bruno. Estava receando um pouco o encontro.

Lucas parecia distraído em seus próprios pensamentos. A mesa que nós havíamos pegado era ao ar livre e, na mesa do lado, havia

um homem fumando. Acabei encarando, quase desejosa de ter um cigarro nas mãos. O Dado tinha razão quando me fez parar. Eu era uma viciada. Não me lembrava nem se tragar me fazia ficar mais calma, como diziam que fazia, mas eu tinha vontade de segurar alguma coisa entre os dedos e levar à boca.

— Você fuma? — Lucas me perguntou, não sabia como ele estava imaginando o que eu estava pensando.

— Já fumei — sacudi a cabeça, como se precisasse dar ênfase ao fato de eu não fazer mais.

— É um hábito horrível.

— Sei, sei. Dedos e dentes amarelados, o fedor que fica na roupa... blá, blá, blá — ele iria dar uma lição de moral, mas eu não queria isso. Já havia tido a minha cota de lições. — A verdade é que eu não iria me importar de fumar um, agora. Só que eu parei. Faz dois anos, mas eu ainda acho que vou ter uma recaída a qualquer instante.

— Se você fosse fumar, teria fumado depois daquele dia.

Ele não precisa dizer que dia era. Eu sabia muito bem. O dia em que o Bruno tinha ido parar no hospital. Eu poderia tentar racionalizar, mas aquele sempre seria o dia em que a gente tinha encontrado o Bruno no banheiro. Essa era a imagem que nunca iria se apagar, não importava quanto tempo passasse. Talvez se eu tivesse uma série de outras lembranças em que o Bruno estivesse vivo e bem, talvez aquela lembrança “vermelha” poderia ficar desbotada.

— Por que você parou? — ele perguntou.

— Não posso ter parado?

— É que você é nova demais para se importar com o câncer de pulmão que viria daqui uns trinta anos — Lucas levantou os ombros.

— Você é intrometido — resmunguei. — Se você precisa saber, foi um cara que me ensinou a fumar e foi outro cara que me fez

parar.

— Namorados?

— Não exatamente, nenhum dos dois — dei um sorriso que deve ter sido meio amargurado. — Eu prometi que iria parar e meio que cumpri a promessa.

Tinha prometido para o Dado, mas não fazia tanta diferença para quem eu tinha prometido, na verdade. Eu tinha prometido para mim mesma. Meu irmão tinha começado com os cigarros. Havia sido o primeiro vício dele. Eu não queria terminar como ele.

— Você terminou? — Lucas olhou dentro da minha xícara. — Já está na hora.

Concordei com a cabeça. Mesmo se eu não houvesse terminado, a hora tinha chegado. Mais uma vez, fiquei nervosa. Eu sempre ficava nervosa quando ia a direções desconhecidas. Queria chegar lá de uma vez e acabar logo com aquela sensação.

A ala psiquiátrica ficava em um prédio diferente atrás do hospital. A entrada era longe de ser convidativa. Parecia-se com um portão de garagem, onde eles abriam uma porta pequena para que você passasse. Aquela porta ficava trancada o tempo todo.

Uma enfermeira nos levou pelo corredor comprido que se parecia com um corredor normal de hospital. Havia consultórios e escritórios de um dos lados e as janelas do outro davam para um pátio. Não parecia ser tão ruim.

Havia só duas portas que estavam fechadas ali. Nós pegamos a da esquerda, que dava para o pátio. Não era tão feio quando eu estava esperando. Tinha alguns canteiros com umas flores mirradas e outros com roseiras supercrescidas. A mulher nos deixou perto de um banco.

— Ainda bem que o tempo está bom — Lucas disse, sem parecer prestar muita atenção.

Eu ainda estava olhando em torno. Havia poucos visitantes ali. Não sabia se eles tinham poucos pacientes, ou se as pessoas simplesmente não visitavam os seus doentes. Provavelmente, a segunda, já que aquele hospital recebia também pessoas que não tinham plano de saúde.

Os visitados pareciam todos serem a mesma pessoa. Tinham a mesma expressão vaga e o caminhar arrastado, como se fossem zumbis. Pareciam estar bem cuidados, penteados e limpos, apesar da expressão de "aluga-se este espaço" estampada na cara deles.

— Aqui não é feio — Lucas ainda parecia distraído.

— Aqui é só um pátio de visitas. O que eu queria ver é o que eles não mostram — falei e, aos meus próprios ouvidos, soei agressiva. — Todo mundo está entupido de remédio.

Lucas não disse nada. A expressão dele nem mudou. Continuou olhando para os canteiros, para os internos, para tudo que se mexia. Eu, não. Eu estava olhando para a porta e esperando. Queria saber se eles iriam trazer o Bruno em um daqueles camisolões que roubam toda a sua dignidade.

Eu nunca havia entendido direito roupas de hospital. Não bastava você estar no seu pior, ainda precisavam te deixar à mostra para o mundo ver? Talvez esse fosse um dos motivos que eu odiasse hospitais. Ou, talvez, fosse simplesmente porque nada de bom poderia acontecer em um.

Um homem vestido de médico passou pela porta e veio na nossa direção. Cumprimentou-me e apertou a mão do Lucas.

— Desculpe, você não vão poder ver o Bruno hoje. Ficou agitado durante a noite e nós tivemos que medicar. Ele ainda não acordou.

Achei que o Lucas iria aceitar aquilo com a dignidade que estava aceitando todo o resto. O meio sorriso não tinha sequer saído do rosto dele.

— Tudo bem. Eu quero ver o meu irmão de qualquer jeito — Lucas disse de um jeito calmo.

— Ele não pode receber visitas — o médico foi mais explícito, achando que não havia sido entendido da primeira vez.

— Você disse que ele está medicado. Eu só quero dar uma olhada nele, não tem problema nenhum.

— É contra as regras deixar visitantes nos quartos — o outro contra-argumentou.

Dava para ver que o médico estava perdendo a paciência com o Lucas. A qualquer instante, fiquei esperando que ele chamasse os seguranças e nos colocasse para fora. Seria algo interessante. Eu nunca tinha sido expulsa de um hospital, antes.

— Eu não vou visitar — Lucas continuava com aquela paciência de Jó. — Vou apenas checar a integridade física do meu irmão.

Percebi que o médico deu uma hesitada naquela hora. O Lucas parecia calmo, mas o jeito dele era de quem não estava brincando.

— Verei o meu irmão hoje — o tom do Lucas parecia do *Obi Wan Kenobi*,³ dizendo que aqueles não eram os *droids* que ele estava procurando. — Você pode me deixar entrar dez minutos, sem problemas. Ou eu volto aqui com um advogado de direitos humanos. Acho que o meu tio, que é juiz, não iria ter nenhuma dificuldade em assinar uma petição em um domingo.

— Tudo bem — o médico respirou. — Vocês podem entrar.

Os corredores para os quartos eram mais escuros e pareciam ter um ar parado. O cheiro era de remédio e doença. Aquela parte da construção era mais antiga. Havia portas dos dois lados. Estavam quase todas abertas e era possível vislumbrar os quartos. Dentro deles, havia apenas uma cama, um criado-mudo, uma cômoda e uma latrina. As janelas estavam abertas, mas eram estreitas e altas e tinham grades. De certa forma, o lugar não se parecia exatamente um hospital. Parecia-se com uma prisão.

Acabei me lembrando dos lugares em que o meu irmão havia ficado internado, logo depois que a polícia tinha achado ele com drogas. O Dado havia me levado para visitar, mas eu acabei não

entrando. Meu irmão não queria me ver e, mesmo que eu não quisesse admitir, fiquei feliz por não ter precisado entrar.

Mas, ali, eu queria entrar. Queria ver como o Bruno estava, ralar com ele pelo susto que ele havia nos dado. Talvez eu pudesse dizer a ele para nunca mais fazer uma coisa como aquela. Mais que tudo, eu queria saber se ele estava bem. Queria ter certeza de que ele ficaria bem.

Passamos por uma paciente no corredor. Era uma mulher de cerca de quarenta anos, com os cabelos escuros embaraçados. Caminhava arrastando os pés. Parecia tão chapada que me fez lembrar a diferença lógica entre as drogas legais e as ilegais. As legais não davam barato. Naquele caso, as legais pareciam ter sugado toda a vida daquela mulher.

Um enfermeiro em uma mesa no final do corredor olhava para ela e para nós com uma expressão desinteressada. Parecia que nada mais era capaz de chocá-lo.

— Esse é o quarto dele — o médico parou. — Vocês podem esperar aqui que eu vou buscar a chave.

Foi na direção da mesa. Dei uma espiada pela janelinha de vidro na porta, mas precisava ficar na ponta dos pés e não conseguia ver nada direito. Desisti.

— Sorte você ter um tio que é juiz — falei para o Lucas.

— Eu menti.

Olhei para ele, boquiaberta. Nunca havia me ocorrido até aquele momento que o irmão certinho do Bruno pudesse mentir.

— Você é muito *ninja* — falei para ele e o Lucas fez um sinal discreto pedindo por silêncio.

O médico estava voltando com o enfermeiro que estava atrás da mesa. Foi o rapaz quem destrancou a porta. O Lucas foi o primeiro a entrar. Foi direto para a janela e a abriu com violência.

O quarto estava cheirando a banheiro público. Entrar ali revoltou o meu estômago e quase me fez vomitar.

— Vocês vão deixar ele assim? — Lucas esbravejou com o médico.

— Deve ter acabado de acontecer. O remédio faz relaxar o esfíncter.

Palavras bonitas para dizer que fazia borrar as calças. O médico saiu do quarto para chamar o enfermeiro.

Foi só quando ele saiu que eu pude ver o Bruno. Estava preso na cama, com os braços e as pernas amarradas. Estava com o pulso enfaixado e as amarras pareciam estar tão apertadas que aquilo deveria estar machucando. Lucas abaixou do lado dele.

— Mano — chamou e o Bruno abriu os olhos.

Pareceu demorar um pouco para reconhecer quem estava ali. Os olhos dele pareceram aguados.

— Deixa eu sair daqui — ele disse, em uma voz baixa e seca.

— Não dá, Bruno.

— Eles me amarraram.

— Você precisa se comportar.

— Olha esse lugar! — essa parte saiu gritada e rouca, depois a voz dele baixou e parecia com raiva. — Eu não posso ficar aqui. Eu não sou louco.

— Você tentou se matar — o Lucas não estava comovido. — Quer que eu te deixe sair daqui para você tentar de novo?

— Você não é um irmão. Você é uma traíra — a voz dele estava saindo curta e seca, como se ele não tomasse água há muito tempo.

O Lucas não parecia comovido com nenhuma das súplicas do irmão. Eu estava perplexa com o comportamento dele. Era quase como se ele não se importasse. Seria possível que ele pensasse que o Bruno merecesse?

— Engole — Lucas deu um sorriso meio sarcástico. — Não seria tão ruim se você colaborasse.

Naquela hora o Bruno percebeu que eu estava ali. Olhou na minha direção e pareceu agitado.

— Ana Maria, diz para ele — seus olhos encheram de lágrimas. — Eu quero ir embora.

— Aguenta — Lucas disse e veio me pegar pelo braço. — Você precisa parar de agir como criança.

Saímos do quarto. Lucas esperou para ter certeza de que iriam trocar mesmo o Bruno. Depois, o médico ficou mais do que feliz em nos levar até a saída.

Fomos em silêncio até o estacionamento. Estava me controlando para não brigar com o Lucas na frente de outras pessoas. Quando nós paramos ao lado do carro, eu estava a ponto de gritar, mas o Lucas teve uma reação que me surpreendeu.

Pegou uma pedra no chão e jogou longe na grama. Parecia furioso, mais do que ele parecia quando me encontrou na casa do Bruno aquela vez.

— Esse lugar é horrível! — o tom dele era de agonia e quase me partiu o coração.

Eu estava surpresa demais com a reação dele, ainda mais depois do que ele havia dito para o Bruno. Não consegui fazer nada, além de olhar para ele, perplexa.

— O remédio faz soltar o esfíncter — imitou o médico de uma forma que seria engraçada se não fosse trágica. — Ele acha que eu sou idiota?

Lucas achou outra pedra no chão e chutou com raiva. Por pouco não acertou um outro carro que estava estacionado.

— Lucas...? — minha voz soou estranha, eu ainda não estava acreditando que ele houvesse agido de um jeito do lado de dentro

do hospital e, do lado de fora, estivesse a ponto de explodir pelos mesmos motivos.

— Eu queria socar aquele homem! — estava com os punhos fechados. — Não tem como o Bruno melhorar em um lugar assim!

— Fica calmo, por favor — pedi, porque sabia que se ele se descontrolasse eu não iria ser capaz de segurá-lo.

Lucas me olhou, parecia magoado, machucado.

— Só vai ser pior se você voltar lá — eu disse.

— Desculpe, Ana. Não queria te assustar. Eu não vou voltar lá... Só fiquei com muita raiva.

Pareceu estar tentando se acalmar. Pelo menos, não era o tipo que se irritava e ficava completamente irracional. Eu não sabia o que fazer se fosse assim. Lucas se encostou no carro. Estava respirando pesado. Olhou para cima, quase como se não conseguisse acreditar em tudo que estava acontecendo.

— Por que você disse aquilo para o Bruno? — perguntei.

— Porque ele iria ficar bem mais descontrolado se eu demonstrasse o que eu estava pensando. Se ele não se acalmar, vai ser pior para ele — Lucas me olhou e os olhos dele estavam parecendo suplicar. — Você me ajuda, Ana?

— O quê? — a reação dele ainda me chocava bastante.

— Quero achar outro lugar para internar ele. Uma clínica particular. Um lugar que dê para ele melhorar de verdade. Você não sabe como é ver o seu irmão em um lugar como esse.

— Eu sei — respondi em um reflexo.

Só depois que dei a resposta é que percebi que não deveria ter dito nada. Algumas coisas você simplesmente não deveria falar para outras pessoas. Não era como se eu quisesse partilhar com ele. Aquilo era algo particular e eu deveria ter ficado quieta.

O Lucas estava me olhando, esperando que eu completasse. Não havia nada pior do que aquele olhar para cima de mim, quando tudo que eu queria era que ele esquecesse o que eu havia dito.

— Meu irmão era um viciado — aparentemente falar era alguma coisa que estava fora do meu controle naquele dia. — Ele esteve internado em clínicas que eram quase como esse lugar. Não adiantava de nada. Não adiantou no final.

— O que foi que aconteceu?

— Overdose — hesitei. — Fez de propósito, queria morrer. Tinha me escrito uma carta, não dizendo que iria fazer, mas se desculpando. Foi um idiota.

Eu estava com os punhos fechados, como se isso pudesse me proteger de tudo. Ou, talvez, eu achasse que podia enfrentar tudo no braço, fazer todo o medo, toda a dor ir embora na força.

Lucas tocou o meu braço. Mesmo pela blusa dava para saber que a mão dele estava quente. Deixou aquela sensação de calor, onde ele se encostou em mim. Quando percebi, estava deixando que ele me abraçasse. Eu era uma criancinha patética. Era eu quem deveria estar consolando e não o contrário. Fazia dois anos que meu irmão havia morrido. Era tempo demais para ainda estar aborrecida.

Apesar disso, deixei que o Lucas me abraçasse. No meio de toda a confusão, um abraço parecia um porto seguro. Não apenas isso, mas também fazia tudo parecer mais suportável e mais humano. Eu sentia falta de contato humano.

— Filho da puta egoísta — Lucas murmurou, depois de um tempo.

— Por quê? — as palavras dele quase me chocaram.

— Porque ele te deixou sozinha.

— Quem foi que disse que eu sou sozinha?

— Os seus olhos — deu um sorriso fraco. — Ou eles estão mentindo?

Não respondi. Achava inquietante que ele conseguisse me ler. Comecei a tremer por dentro, mais uma vez. Era assim que eu me sentia quando achava que iria chorar. Não queria, não iria chorar. Não achava que houvesse sobrado alguma lágrima para isso.

— O Bruno também é um filho da puta — falei também em voz baixa, quando ele me soltou.

Depois que eu disse, achei que o Lucas poderia se ofender. Não é todo mundo que aceita uma pessoa de fora xingando alguém da família. O Lucas me lançou um olhar compreensivo:

— Isso eu já sabia faz tempo — o sorriso dele aumentou um pouco. — Eu também sou um filho da puta.

— Por quê? — não conseguia conceber que o Lucas pudesse ser alguém que não fosse o santo. Se bem que havia muitos santos de pau oco pelo mundo.

— Porque eu e o Bruno temos a mesma mãe.

Olhei para ele, meio que tentando entender o que ele havia dito. Depois, não consegui deixar de pensar que era uma piada muito fraca. Inesperadamente, isso me fez rir. Não sabia por que, mas eu estava rindo como se fosse a coisa mais engraçada que eu já tinha escutado na minha vida. Pela primeira vez considerei que quem havia inventado a expressão “melhor rir do que chorar” sabia o que estava dizendo.

— Melhor agora? — ele perguntou.

— Isso nem foi engraçado! — enxuguei uma lágrima.

— Claro que foi. Você riu — ele disse como se uma risada fosse a única coisa que pudesse definir algo como engraçado ou não.

— Não foi! — protestei. — Você está ofendendo a sua mãe!

Lucas me lançou um olhar que era um pouco travesso, antes de dizer:

— Sabe o que você nunca vai ver? Filho de prostituta chamado Júnior.

— Essa foi ainda pior! — dei um tapa de brincadeira no ombro dele.

Lucas só me olhou com uma expressão de missão cumprida nos olhos. O Bruno tinha razão. O irmão dele era como um escoteiro. Ele tinha que fazer as outras pessoas ficarem bem.

15. Garota preciosa

Depois da horrível visita ao Bruno na ala psiquiátrica do hospital, o resto do meu domingo havia sido com o Lucas, na casa dele. Diferente do Bruno, ele morava em um apartamento de um quarto, no centro antigo da cidade. O prédio era velho e a luz do elevador meio que piscava lembrando aqueles velhos elevadores dos filmes. Dava calafrios.

O apartamento, em contraste, era legal. Mais organizado que o do Bruno, mas não precisaria muito para atingir essa marca. Tinha as paredes pintadas da cor creme e um sofá velho que não só parecia, mas também era a coisa mais confortável do mundo.

O que havia chamado a minha atenção, logo que nós entramos, foram as caixinhas de filme na estante. O Lucas tinha uma coleção. Eu sempre havia sido fascinada por filmes, por realidades diferentes da minha.

— Você tem filmes demais — foi a única observação que eu consegui fazer, depois que ele voltou do quarto com o laptop.

Deixou na mesinha de centro, enquanto ligava e parou do meu lado para ver o que eu estava olhando.

— A minha obsessão — Lucas abriu um sorriso. — Eu gosto de colecionar filmes, mas só os bons.

— O que é que isso está fazendo aqui, então? — puxei a capinha do *Rambo*.

— Filmão! — o Lucas pareceu ofendido. — Você nunca viu? Os outros do *Rambo* são uma grande bosta, mas esse aqui é excelente.

Olhei para ele, tentando entender se ele estava tirando uma com a minha cara, ou não. O jeito dele era de que não, mas eu não tinha como ter certeza.

— Eu vou fingir que acredito — falei, finalmente.

Lucas sorriu para mim. Não estava tentando me convencer, o que era bom. Existem pessoas que *precisam* que todo mundo concorde com o que gostam. Ele não era uma delas.

Sentei no sofá e praticamente afundei. Quase acreditei que ele era milagroso. Minha tensão estava indo embora. Tive vontade de me encolher em uma bolinha confortável e tirar um cochilo. Eu não tirava cochilos desde que eu era criança, era difícil ter vontade.

Lucas puxou o computador para o colo.

— Você acha triste procurar por um médico na internet? — ele perguntou e me pareceu um pouco aborrecido.

Por mais que a gente tentasse se distrair e pensar em outras coisas, era impossível não lembrar o que nós tínhamos visto no hospital. Eu, com certeza, passaria o resto dos meus dias tentando esquecer.

Não respondi sua pergunta, mas acho que ele também não esperava que eu respondesse. Enquanto ele mexia no computador, fiquei pensando no porquê de ele me querer ali. Eu não tinha exatamente capacidade de opinar, qualquer ajuda que eu pudesse dar seria mínima.

Acabei me encostando ao sofá e fechei os olhos sem ao menos perceber. Adormeci e acabei sonhando com o meu irmão e a última vez que eu havia o visto.

Se ele não tivesse sido a preso, talvez nunca mais soubéssemos do Gigio. A polícia havia o pegado com drogas. Ele tinha ligado para casa, esperando que o Pedro pagasse a fiança, mas isso não aconteceu. Ao invés disso, o Pedro arranhou um advogado.

Alegaram que meu irmão não era traficante e só era usuário. O juiz acabou relaxando a prisão, desde que o Gigio fosse se tratar. Seria meio que uma liberdade condicional. Num intervalo de um ano,

o Gigio andou por várias clínicas de reabilitação. Foi um completo desperdício de tempo e dinheiro. Até havia recebido um ultimato, ou terminava o tratamento, ou iria para a cadeia. Acharam que isso surtiria efeito, mas tudo que aconteceu foi que ele fugiu.

Eu não tinha medo do meu irmão, mas o Dado me deu um daqueles canivetes com mola. Fiquei pensando se eu estava errada em pensar que o sangue é mais forte que qualquer outra coisa. Talvez o Dado entendesse mais sobre vícios e sobre a vida do que eu.

Só me ocorreu que ele pudesse mesmo ter razão, quando eu vi o meu irmão de novo. Eu estava voltando para casa do colégio. Eram os últimos dias de aula do último ano. Eu estava feliz porque os professores já haviam cansado de dar aulas e trabalhos e a maior parte do tempo eu podia ficar conversando e planejando com a Marina o que nós iríamos fazer no final de semana.

Meu irmão estava na varandinha, na frente de casa. Eu soube que era ele, antes mesmo de conseguir reconhecer as feições dele. Sabia por causa da magreza e porque ele ficava coçando os braços sem parar. Heroína, como o Dado havia dito, dava coceira. Ele estava de volta na droga.

Cheguei perto, sem saber se era melhor mesmo encontrá-lo, ou se eu deveria dar a volta e ir para outro lugar até a hora em que o Pedro estivesse em casa. O sangue falou mais alto. Aquele era o meu irmão.

— Oi — falei, quando subi os degrauzinhos da varanda.

— Oi, Aninha — ele deu um sorriso fraco. Estava muito pálido.

— O que você está fazendo aqui, Gigio? A polícia não vai te pegar?

— Eles não se incomodam comigo — foi a resposta dele. — Você deixa eu entrar, Aninha?

Destranquei a porta e entramos em casa. A primeira coisa que o Gigio fez foi pegar o violão no canto da sala e começar a afinar. Por

um instante, eu fiquei só olhando, sem saber se ficava contente, se ficava triste, ou se ficava irritada.

— Você vai ter que ir embora antes do Pedro chegar — falei e fui para a cozinha.

O Gigio trouxe o violão junto e sentou na cadeira. Por alguns instantes, pensei que era exatamente como quando eu era mais nova, que o Gigio sentava na cozinha comigo enquanto eu cozinhava. Peguei as coisas na geladeira para fazer sanduíches, enquanto ele dedilhava algumas músicas. Não tinha perdido o jeito, mesmo depois de tanto tempo.

— Você ainda é bom nisso — eu falei, passando a maionese no pão.

— Tinha uma mulher que tinha um violão — ele disse, parando para coçar o braço.

Eu vi que ele tinha marcas de picada no braço, mas fingi que não tinha visto nada. Achei melhor deixar os meus olhos no sanduíche que estava fazendo.

— Era a sua namorada? — perguntei.

— Não. Ela me pagava — a voz dele estava meio distante. — Eu tinha que comer, Aninha.

Estava cortando o tomate e quase cortei o meu dedo quando ele disse isso. Meu irmão se prostituía? O que havia acontecido com o mundo?

— Acho que vai ficar por sua conta deixar a mamãe orgulhosa — a voz dele soou embargada. — Porque se ela soubesse o que eu virei, ela iria ter vergonha.

— Não fala dela — eu virei para o Gigio, estava segurando a faca, ainda e não percebi. — Ela morreu. Você não pode falar do que ela iria sentir ou não sentir. Ela te amava mais do que qualquer outra pessoa, Gigio.

— Mentira — ele estava olhando para a minha mão, para a faca e eu coloquei ela de volta no balcão. — Ela te amava mais. Meu pai me batia, Aninha, e ela não terminou com ele por causa disso. Foi ele quem largou ela. Com o teu pai, foi só ele te xingar um dia que ela acabou com tudo. Ela te amava mais. Não diga que não era assim, porque eu sei. Eu me lembro.

Meus olhos estavam mareados naquela hora. Eu não sabia que o meu irmão pensava daquele jeito. Não sabia se era mesmo verdade o que ele estava dizendo, não havia como saber, mas eu sempre tinha me sentido amada pela mamãe.

— Ela te chamava de “garotinha preciosa”. Me fez prometer que iria cuidar de você. Como é que eu podia cuidar de você? Eu não sabia nem cuidar de mim. Eu tinha raiva de você, porque você tinha tudo — ele procurou por alguma coisa nos bolsos e fiquei aliviada quando percebi que eram somente os cigarros.

Acendeu um e pareceu mais calmo ao tragar. Eu me apoiei no balcão. Queria um cigarro, mas não iria pedir para ele.

— O Pedro nunca tentou nada com você? — ele me encarou, quase como se quisesse que eu dissesse que sim.

— Não — falei, firme.

— Quando eu fui, eu achava que seria bem feito se isso acontecesse. Até os meus amigos gostavam mais de você. O Claudio preferiu acabar com a banda quando eu disse que não deixava ele ficar contigo. Babaca. Depois ainda te largou.

Não era exatamente o que havia acontecido, ou talvez fosse, mas ele estava ignorando propositadamente algumas partes.

— Mas eu também não queria que nada ruim te acontecesse. Não queria, Aninha. Eu não deveria ter ido. Não deveria... Mamãe tinha pedido para eu cuidar de você. Eu deveria ter feito isso, né?

— Você deveria ter conversado comigo, pelo menos — virei de novo para os sanduíches. — Eu estava sozinha. Eu sempre estive

sozinha depois que a mãe morreu. Eu queria você. Acabava te seguindo igual cachorrinho e você me ignorava.

Terminei de colocar as coisas no pão e levei para a mesa. Sentei na frente do Gigio e peguei um sanduíche. Empurrei o prato com os outros para ele.

Meu irmão hesitou, depois pegou também um sanduíche. Nós ficamos ali, comendo em silêncio. Ele estava tão magro e cadavérico que mal parecia o Gigio que eu havia conhecido. Tinha o mundo girando em torno dele quando era adolescente, mas aos vinte e dois, era apenas uma sombra do que fora um dia.

Tive vontade de chorar mais uma vez, mas não iria fazer isso na frente dele.

— Como vai a escola? — ele perguntou, antes de dar uma mordida pequena no sanduíche.

— Estou me formando.

— Não repetiu nenhuma vez?

Fiz que não com a cabeça. Ele ficou me olhando. Não sabia se estava mesmo me vendo, ou se estava lembrando de quem eu havia sido.

— Como é fácil as coisas irem pelo ralo, Aninha — respirou fundo e colocou o pão de volta no prato. — Acho melhor eu ir.

Concordei com a cabeça. Não me levantei para o levar até a porta. Ele sabia o caminho. Escutei quando ele deixou o violão no canto da sala. Achava que ele iria levar, mas aparentemente ele precisava deixar alguma coisa para trás.

Foi a última vez que eu vi o meu irmão vivo. Quando ele saiu, levou a minha mochila com ele. Foi só por isso que eles souberam como me encontrar. Ele ainda estava com a minha carteira quando o acharam. Não tinha mais dinheiro, mas um pedaço de papel estava enfiado nela. Ele tinha arrancado uma folha do meu caderno. Estava me escrevendo uma carta.

Aninha, desculpe ter levado as suas tralhas. Você vai ficar melhor sem mim.

Foi só isso, sem assinatura nem nada.

Quando eu abri os olhos, Lucas não estava na sala, eu conseguia escutar a voz dele no quarto. Estava falando ao telefone. Dei uma espreguiçada e vi que ele tinha colocado uma manta por cima de mim.

Não tive tempo para dar atenção para mantas ou falta delas, Lucas havia desligado o telefone e estava de volta na sala.

— Quanto tempo eu dormi? — perguntei.

Queria saber porque não parecia ter sido muito tempo, mas o sol já estava em uma posição diferente do lado de fora e o Lucas havia tido tempo para me cobrir.

— Uma hora e pouco — Lucas sorriu. — Tempo o bastante para eu mentir para a minha mãe dizendo que o Bruno está bem, para telefonar para o meu pai para ele ajudar a pagar a clínica e conseguir encontrar um lugar que pareça mais ou menos.

Meu estômago roncou, fazendo quase tanto barulho quanto um avião. Olhei no relógio e já era metade da tarde. Lucas olhou para mim, um pouco indeciso. Eu comecei a levantar, pensando que estava mais do que na hora de ir embora.

— Ana, quer pedir uma pizza? — ele pareceu um pouco angustiado. — Eu conheço um lugar que entrega essa hora. A gente pode assistir o *Rambo*.

Olhei para ele, quase como se não estivesse entendendo o que ele estava dizendo. Lucas deu uma risadinha.

— Quer que eu admita? Não estou querendo ficar sozinho.

Eu fiquei, apesar da cara que o Lucas fez quando eu disse que queria pizza de mussarela. Segundo ele, pizza de queijo não era pizza. Assistimos o *Rambo* e ele tinha razão. O filme não era nada do que eu estava esperando.

Depois, ele me deixou em casa e eu quase senti que nós éramos amigos. Quase.

16. Codependência

Eu estava olhando, enquanto a Samantha fazia desenhos com calda de chocolate na espuma dos cafés dos clientes. Ela sempre fazia coraçõezinhos perfeitos e bonitinhos. Sempre se concentrava tanto naquilo, que me dava vontade de rir.

Só que naquela semana eu não estava para risadas. Não sabia porque ninguém notava que aquela havia sido a semana mais longa dos últimos anos. Talvez fosse a semana mais longa da história. Mas... Era só eu que tinha notado. A Samy continuava na mesma, a Patrícia continuava na mesma, a Sofia, na mesma. Era só eu que estava completamente agoniada.

Samantha foi levar o café dos clientes e eu peguei o lugar dela. Sempre tinha sido boa em fazer os desenhinhos, a minha opção era uma florzinha ao invés dos corações. Fiquei pensando no Bruno, enquanto fazia aquilo.

O Lucas havia me telefonado para falar da clínica e tudo mais. Estava feliz com o novo lugar, o que me deixava mais tranquila. Tinham transferido o Bruno ainda no começo da semana, mas não acharam que seria bom eu visitar na primeira semana. Ele precisava se acostumar.

Fiquei aborrecida, claro, porque eu queria ver o Bruno. Queria ter certeza de que ele estava bem e que ele ficaria bem.

Fiquei distraída e não estava prestando atenção no que as minhas mãos estavam fazendo. Ao menos até a Patrícia chamar a minha atenção:

— Caramba, Ana Maria — ela deu uma risada quando viu o meu desenho. — O que era para ser isso?

A Samy, que já havia entregado o café com coraçõezinhos que ela tinha feito antes, chegou perto para olhar o meu desenho.

Ficamos as três olhando naquela hora e acho que nenhuma de nós sabia o que aquele desenho parecia.

— Parece um morcego — a Patrícia finalmente falou.

— É abstrato, sua metida — Samy pulou para a defesa. — Ou aqueles testes psicológicos... Aqueles que têm um desenho que não tem nada a ver e que você precisa dizer o que vê nele.

A Sofia havia chegado por trás da gente para olhar e também tinha uma opinião:

— É uma borboleta.

Nós olhamos para ela, porque com certeza o desenho estava mais para morcego da Patrícia do que a borboleta da Sofia. Minha chefe, passou o braço por cima de meus ombros e me puxou para o lado.

— Por via das dúvidas, deixa a Samantha cuidar dos desenhos hoje, Maria — Sofia sorriu para mim. — Você fica no balcão para mim, que eu tenho que sair um pouco.

O balcão era chamávamos de "o castigo". Eu não havia me comportado direito e aquela era a minha punição. As outras duas estavam sorrindo para mim, com uma expressão de "se ferrou". Eu não sabia por que nenhuma de nós gostava de ficar no balcão. Acho que era porque precisava cobrar no caixa e sempre havia o pânico do troco errado.

A Sofia mal estava saindo pela porta, quando o Lucas chegou. Vi os olhos de Samantha baterem em cima dele e tive certeza que tinha sido amor à primeira vista... era o quarto, naquela semana.

Ele me viu e veio sentar no balcão, que era algo que quase ninguém fazia. Todo mundo sempre preferia as mesas, que eram mais confortáveis.

— O que tem de bom aqui? — ele perguntou, parecendo bem humorado.

— Saltenha de frango com requeijão — respondi, no reflexo, era uma das minhas coisas favoritas. Eu sempre recomendava.

— Vê uma e um expresso, então.

Peguei as coisas para ele, ainda sem entender o que o Lucas estava fazendo ali. Quase perguntei, mas segundo as piadinhas idiotas do outro dia, o que ele iria dizer era: “comendo, oras”.

— Acho que o Bruno está indo bem — ele disse, examinando o salgado.

Isso respondeu a minha pergunta. O que ele estava querendo fazer era me atualizar. Eu tinha achado que ele iria me esquecer e que eu iria precisar ir atrás se quisesse qualquer informação.

— Como é que é lá? — perguntei e peguei o paninho para passar em cima do balcão.

— É bem legal. Eu gostei. Conversei com a médica responsável. Eles têm internação, mas o ponto forte deles é Clínica Dia.

— O que é isso?

— Acho que a pessoa passa o dia lá e depois vai para casa. O Bruno iria ter que ficar internado, pelo menos até a medicação fazer efeito — Lucas deu uma mordida grande na saltenha.

Peguei mais guardanapos e coloquei do lado do prato dele.

— Isso aqui é bom — ele disse, depois de engolir. — Eu ainda não tinha almoçado.

— Isso não conta como almoço — apontei. — Você deveria ter pedido outra coisa. Uma omelete, por exemplo.

— Quando eu era criança, eu chamava de “ovolete” — ele riu.

Fiquei olhando para ele. A primeira coisa que passou pela minha cabeça era que ele era uma criança feliz. Estava sempre tentando fazer aquelas gracinhas... bem, que não tinham graça.

— Quando é que vai dar para ver o Bruno? — perguntei.

— No final da semana, se você quer ir. Eu te espremo junto com o resto dos desajustados.

— Resto dos desajustados? — estranhei.

— A família — e deu mais uma mordida no salgado.

Acho que ele quis colocar a comida na boca para não ter que explicar melhor o que ele havia dito. Era bom ver o Lucas de bom humor, porque eu sabia que as coisas estavam dando certo.

— Ah, eu queria que você escrevesse um recado para o Bruno — Lucas disse, depois de engolir. — Ele está com umas teorias absurdas de porque você não foi lá ainda. Ele acha que inventaram o negócio de período de adaptação e... bom, ele até chegou a me acusar de ter sequestrado você.

Abri a gaveta e peguei o caderninho da Sofia. Arranquei uma folha cheia de desenhinhos fofos. Eu deveria ter me lembrado daqueles desenhos quando fui tentar decorar o café, antes.

— O que é para escrever? — perguntei, pegando a caneta.

— O que você quiser. Alguma coisa que o acalme — o Lucas respirou fundo. — Ele ficou meio dependente emocional.

— De mim? — eu não acreditei. — Está falando sério?

— Ele não vinha aqui com frequência?

— Eu não o via sempre, mas ele dizia que sempre passava por perto para me ver — lembrei.

Acabei riscando o recado. Não sabia direito o que escrever, então ficou uma coisa muito básica. Dizia que eu esperava que ele estivesse bem e que nós iríamos nos ver logo. Eu não podia dizer que estava ansiosa para vê-lo, porque talvez não fosse verdade. Talvez eu estivesse com um pouco de receio, mas eu tinha prometido, tanto para o Lucas quanto para mim, que eu não iria sair correndo. Eu iria cumprir a minha promessa, iria ficar por perto enquanto o Bruno achasse que precisava de mim. Depois disso, eu não sabia.

— Diz uma coisa, Lucas — falei, enquanto dobrava a folhinha de papel. — Ele vai ficar bem?

— É o que eu espero. Mas tudo depende dele, né? Se ele tomar os remédios direito, acho que tudo deve voltar a ser como era antes...

— Só que não volta — falei e o Lucas me olhou com alguma surpresa. — Eu não sou a noiva dele.

— Graças a Deus que não! — Lucas deixou escapar. — O que eu quero dizer é... Eu não sei o que eu quero dizer. Sei lá... A Raquel era muito difícil de se lidar.

— Eu sou fácil de lidar?

— Pelo menos você é coerente.

Fiquei quieta. Não sabia se ele estava me elogiando, ou se ele estava querendo dizer algo do tipo que eu era maluca, mas pelo menos era coerente. Aquilo estava me deixando nervosa.

— Eu passo para te pegar no domingo de manhã. Te ligo para você ir visitar o Bruno — disse, antes de se despedir de mim.

Foi só no final de semana que o Lucas me telefonou. Quando ele fez isso, eu já estava a ponto de parar na frente do apartamento dele até descobrir o que era que estava acontecendo. Já estava tendo algumas ideias muito idiotas que não faziam nenhum sentido. Uma delas era que tinha acontecido uma tragédia.

A Clínica tinha um jeito de casa de família. Pelo menos por fora era assim. Do lado de dentro, parecia com uma clínica médica normal, exceto que eles tinham toda uma ala com quartos para os internos.

Nós encontramos Bruno no pátio. Logo que ele me viu, agarrou-me em um abraço que parecia que iria quebrar as minhas costelas.

— Ei! Bruno, não mata a garota — Lucas disse, em um tom de brincadeira. — Deixe ela respirar.

— Cuida da sua vida — Bruno respondeu para ele, mas afrouxou o abraço um pouco. — Posso ter um pouco de privacidade, ou é difícil?

Ele parecia estar com raiva do Lucas, eu não fazia ideia por quê. Lucas sorriu, como se não fizesse diferença nenhuma e foi na direção onde havia algumas pessoas da equipe médica. O Bruno acabou me puxando mais para um canto do pátio.

— Você está parecendo bem — eu falei e, estranhamente, era verdade.

— Efeito colateral dos antidepressivos — ele deu um sorriso meio travesso. — E eles me entupiram disso.

Bruno estava com uma aparência vivaz, que era como se a última semana nunca tivesse existido. Estava vestido com um conjunto de moletom cinza, que não combinava muito com a cor dele. O pulso dele não estava enfaixado, dava para ver os pontos, mas parecia estar curando. Ele percebeu o meu olhar e levantou o braço e afastou um pouco mais a manga para eu ver melhor.

— Nojento — ele deu uma risada. — Fiz um talho bem comprido aqui, não acha? Fiquei tentando contar os pontos. Acho que são dez. Vão tirar logo.

Fiquei sem saber o que dizer.

— Por que você demorou tanto para vir? Eu estou aqui há dias — ele disse, falando rápido.

— Eu não podia te ver antes, por causa do período de adaptação. Pelo menos foi isso que o Lucas disse.

— Aquele — Bruno olhou na direção do irmão — está morrendo de vontade de me internar como louco.

— Mas o pessoal aqui não é louco — eu estava olhando para o resto dos internos no jardim.

Todo mundo parecia meio cansado, mas não tinha ninguém com a mesma expressão no rosto que eu tinha visto no outro hospital.

— Tem um monte de depressivo aqui. Aquela lá chora o tempo todo. Dá nos nervos — ele apontou uma mulher com cabelo castanho claro que estava sentada do lado de um homem em um banco. — Tem um cara muito pirado, mas ele não está aqui hoje. Ele é engraçado. Você iria gostar dele.

— Por quê?

— Porque você gosta de caras pirados — ele riu. — Estou brincando. É uma piada.

Eu não achei graça e nem tive vontade de rir. Não era como as piadas tolas do irmão dele. Aquela simplesmente me fazia sentir pena dele.

Bruno me abraçou de novo, dessa vez foi muito subitamente. Quase me tirou o ar de novo.

— Ele está vindo para te levar embora, Ana Maria — a voz dele soou respirada e quase triste. — Não me deixa sozinho.

— Você não vai ficar sozinho — foi a única coisa que eu consegui dizer.

Descobri, então, por que o Bruno estava agindo daquele jeito. O Lucas estava chegando perto outra vez.

— Está na hora de ir — Lucas disse para mim e olhou para o Bruno. — A mãe disse que vem à tarde.

— A Ana Maria vai ficar — o Bruno falou, sem me soltar.

— Ela não pode ficar — Lucas segurou o meu braço.

O Bruno continuava me segurando e eu fiquei entre os dois. Ele estava agindo quase como uma criança no primeiro dia de aula na escola.

— Eu venho te ver outro dia — falei, tentando sorrir.

— Quando?

— No próximo final de semana, se você não aprontar *nenhuma*, para que eles te deixem sem visitas — Lucas disse, em um bom

aborrecido.

— A Ana Maria pode vir todo dia. Tem gente que tem visita todos os dias — Bruno ainda estava tentando.

— Eu tenho que trabalhar. Eu não posso vir todo dia. Eu venho no final de semana.

— Droga, Bruno! Solta ela antes que você machuque — a voz de Lucas se alterou.

Bruno olhou para mim. Os dedos dele no meu braço estavam deixando uma marca vermelha. Ele soltou e o Lucas me puxou.

Bruno ficou olhando enquanto íamos embora. Senti um peso no coração quando saímos. Eu estava com pena dele. Conseguia me imaginar naquela condição, naquele lugar.

O Lucas também parecia aborrecido quando a gente chegou ao carro.

— O que foi que deu nele? — a pergunta era um pouco retórica, eu não esperava realmente que o Lucas respondesse.

— Ele acha que foi você quem me convenceu a arranjar a transferência dele para cá.

— Por quê?

— Deve ter sido aquele dia no outro hospital. Está tudo bem, eu posso ser o vilão. Foi bom que você pegou rápido que não era para você vir todos os dias. A médica ficou preocupada que ele ficasse emocionalmente dependente de você.

17. Os desajustados

Terapia familiar. Eu não sabia por que eu estava lá. Bruno havia pedido para eu ir, mas eu não tinha lugar ali. Estava me sentindo completamente como o elemento estranho naquela sala. O pai dele estava lançando uns olhares pouco amistosos para a mãe. Era quase como estar vendo uma novela na televisão. Se eu tivesse pipoca, seria como um filme.

A médica tinha pegado a prancheta. Bruno estava sentado do lado dela naquele círculo esquisito. Os pais dele estavam tão inclinados um para o lado oposto do outro que pareciam que a qualquer momento iriam cair da cadeira. E isso era porque Lucas estava entre os dois.

Lucas havia me apresentado aos pais, antes entrarmos e eu pude perceber que a mãe dele não estava nem um pouco feliz com a ideia de eu estar lá. Depois que nós entramos, a hostilidade dela ficou ainda mais evidente. Aparentemente, mais alguém estava pensando que eu era um elemento estranho ali.

— O que ela está fazendo aqui? — a mãe do Bruno, Helena, apontou o dedo para mim e reparei nas unhas dela, vermelhas compridas, como se houvesse acabado de sair da manicure.

Naquela hora, imaginei que ela estava procurando por um bode expiatório. Era fácil culpar a garota que o Bruno não deveria estar para começo de conversa. Mais um pouco e eu estava com a impressão de que ela iria me acusar de ser pobre.

— O Bruno pediu pela Ana Maria, como elemento de apoio — a médica deu um sorriso para mim.

Acabei sorrindo para ela e a mãe do Bruno pode ter interpretado isso como nós estarmos mancomunadas para fazê-la parecer mal.

— Eu não vejo porque ela precisa estar aqui. Nós somos o apoio do Bruninho.

— Cala a boca — o Bruno falou em um tom baixo, que a mãe dele não escutou.

— A garota salvou a vida do seu filho, Helena — o pai de Bruno, Rogério, lançou um olhar hostil para a ex. — Acho ótimo que ela esteja aqui.

— Para você arranjar uma nova amiguinha?

— Mãe, pai, por favor — era o Lucas apaziguando. — Não falem dela como se ela não estivesse aqui. O Bruno quis. A doutora concordou. A Ana Maria fica.

O jeito pausado que ele estava usando, fazia parecer que ele estava falando com duas crianças.

— Deixem que eu escolha, porra! — dessa vez todo mundo escutou o Bruno. Ele estava mexendo os dedos, nervoso. — Vocês falam muita porcaria.

— Desculpe por ter uma opinião. Por não querer lavar nossa roupa suja em público — a mãe se fez de ofendida. — Mas você precisa entender Bruninho, essa moça não é a Raquel.

— Eu sei disso — ele olhou para ela com uma expressão de cachorro prestes a avançar na jugular. — Você sabe?

— Helena, deixa o rapaz em paz — o pai do Bruno interveio. — Você fica sufocando ele com as suas expectativas.

— Como você ousa? Você não precisou criar sozinho, dois filhos — ela levantou. — Você saía de férias e era eu quem cuidava das febres. Você e as suas amiguinhas.

O Lucas levantou como se tivesse uma mola embaixo dele. Ficou entre os dois, segurando a mãe pelos ombros com gentileza.

— Você vai dizer que fui eu quem deixou o meu filho assim? — ela terminou.

— Mãe, ninguém está dizendo nada. Senta. Fica calma.

— Se tem alguém para culpar, é você! — ela terminou antes de deixar o Lucas devolver ela para a cadeira.

— Não é culpa de ninguém, mãe — foi o Lucas, com sua voz calma.

— Vai querer fazer barraco agora, Helena? É isso? — o pai do Bruno provocou.

— Calem a boca vocês dois! — o Bruno esbravejou. — Pois é, mãe, você não quer saber dos meus problemas. Pai, você só quer jogar a culpa na mãe. E o santinho aí só quer jogar panos quentes em cima de tudo. Vão para o inferno! Bando de malucos! A única pessoa aqui que me aceita pelo que eu sou é a Ana Maria e ela nem sabe o que isso é!

Todos ficaram quietos naquela hora. A médica estava escrevendo incessantemente na prancheta. Achei que ela deveria ter dito alguma coisa durante toda aquela briga. Ela poderia ao menos tentar apaziguar os ânimos. Quando todo mundo ficou quieto, ela finalmente levantou os olhos.

— O Bruno teve um motivo para chamar vocês aqui — ela disse, parecendo meio tímida. — Vocês podem escutar o que ele tem a dizer?

Cabeças se moveram para cima e para baixo, quase como se estivessem sincronizadas. A médica olhou para o Bruno então.

— Você acha que pode falar com eles o que nós conversamos?

Ela parecia estar tratando ele como se fosse uma criança, mas ele não pareceu notar isso.

— Não tem como conversar. A gente nunca conversou...

— Isso é injusto, Bruno. Nós sempre conversamos! — a mãe dele cortou.

— Caralho! Não dá mesmo para falar com nenhum de vocês! — Bruno gritou.— É sempre a mesma porra! Vai ficar tudo bem, você está bem, comeu direito? Não está tudo bem! Vocês não têm como

garantir que vai ficar tudo bem! Minha vida é uma droga! Para de me dizer como eu tenho que me sentir!

— Você pode pelo menos responder quando eu pergunto — Lucas se mexeu na cadeira.

— E você quer saber como eu estou? Você só quer saber se eu não estou fazendo nenhuma cagada!

— Eu quero saber, droga! É por isso que eu pergunto — Lucas gritou de volta.

Tudo que eu conseguia pensar naquela hora era que ainda bem que eles haviam esquecido que eu estava ali. Bruno estava com o rosto vermelho de gritar, Lucas estava com os punhos cerrados, como se estivesse se controlando para não bater em ninguém. Os dois ficaram se olhando por uma eternidade, antes que Bruno desse um sorrisinho debochado.

— Estou uma porcaria. E daí? Você vai sair por aí tentando limpar a minha sujeira? Vai falar para a minha namorada que caso de maluco eu sou e que ela tem que fugir? Eu nunca te pedi para fazer isso! Eu nunca pedi para você consertar o que eu quebro! Eu nunca pedi para você tomar conta de mim! Eu não quero! Quer saber? Isso tudo foi uma péssima ideia! — Bruno levantou e saiu abruptamente da sala.

Naquela hora, todo mundo menos o Lucas começou a falar ao mesmo tempo. Lucas ficou largado na cadeira, como se tivesse sido derrotado. A expressão dele era de choque.

Aproveitei a bagunça para me esgueirar para fora da sala. O ar havia ficado difícil de respirar do lado de dentro. Não sabia se aquela gente era maluca, ou se eram simplesmente desestruturados. Talvez fosse isso que o Bruno causasse para quem gostava dele, uma total e completa falta de estrutura. Ninguém conseguia lidar com ele.

Fui caminhando pelo corredor, em direção de onde eu escutava uma televisão. Achei que seria uma sala de espera, mas era um quarto. Parei na porta e fiquei olhando a televisão. Todos nós

éramos malucos, afinal de contas. Não existia uma única pessoa que fosse sã no mundo.

Não era porque o cara tinha uma família que se importava com ele, o bastante para falar com a médica em uma terça à tarde, que ele não teria problemas. Se o meu irmão tivesse tido toda uma família por trás dele, as coisas seriam diferentes? Se o meu pai, se o pai dele, ou mesmo o Pedro tivessem colocado juízo na cabeça dele, tivessem educado, ele ainda estaria vivo? Seria fácil pensar que tudo poderia ser bonito e diferente por pequenas coisas. Poderia ser diferente, mas não havia sido. Era como eu tinha dito para o Lucas, havia acontecido do jeito que tinha acontecido e não havia como mudar. Por mais que eu quisesse mudar, não havia como.

Mãos envolveram a minha cintura e eu soltei um gritinho. O rapaz magrelo e de jeito nervoso me soltou. Colocou uma mão na frente do rosto e deu uma risada nervosa. Tremia enquanto ria.

— Para com isso, mentecapto! — Bruno vinha pelo corredor. — Está mexendo com a minha namorada!

O rapaz riu mais alto, um risinho histérico. Achei que Bruno iria pegar o outro pelo colarinho, mas não disse nada. Segurou o meu braço e puxou.

— Ele é inofensivo — o Bruno disse, enquanto a gente estava caminhando. — Se você ficasse mais tempo na frente do quarto dele, acho que iria te arrumar umas flores. Acho que ele nunca teve uma namorada na vida.

Bruno me puxou até a gente dobrar em um corredor. Não fazia ideia de para onde nós estávamos indo, mas sempre era assim com o Bruno. Ele parou e me empurrou contra a parede. Pegou-me de surpresa e eu perdi o fôlego. Ele me beijou como um louco desesperado. Duas semanas que ele não me beijava. Eu deveria gostar disso, mas eu tive a sensação de que não fosse algo que nós devêssemos estar fazendo ali, no corredor da clínica.

— Meu quarto é esse — o Bruno indicou com o polegar o quarto do outro lado do corredor. — Eu não tenho cortinas, nem cadarços.

Os lençóis são tão grossos que não dá para fazer nada com eles, também. Eles acham que eu poderia me enforçar, mas eles não têm daqueles ventiladores de teto que deixariam dramática a descoberta do corpo. Sabia que enforcamento é uma das maiores causas para mortes acidentais?

— Não, não sabia.

— Asfixia autoerótica — ele pareceu saborear as palavras.

— Sério?

— Não faço a mínima ideia. Eu li sobre asfixia autoerótica em uma revista da psicóloga. Tinha um sujeito que morreu enforcado na maçaneta de uma porta, enquanto se masturbava. Tem que ter muita força de vontade para morrer assim. Ou estar muito necessitado.

— Você está zoando comigo!

— É sério — ele deu uma risadinha. — Quer entrar no meu quarto?

— É contra as regras. A médica me disse.

Não havia dito, mas eu imaginava que fosse. Talvez eu não me sentisse muito à vontade entrando no quarto dele em uma clínica, especialmente se ele estava falando de sexo antes.

Colocou a mão no peito e deu um suspiro. Fiquei imaginando se ele não estava me falando aquelas coisas porque era ele quem estava necessitado.

— Tudo bem. Você vem me visitar na prisão no domingo?

— Achei que você tinha concordado em ficar aqui — encarei.

— Ah, Ana Maria, deixe eu provocar. Você vem?

Concordei com a cabeça.

— Pode me trazer umas coisas?

— Depende o que.

— *Champagne*, uísque, coca e uns baseados — provocou. — Nada contra “as regras”. Traz alguma coisa para eu ler, porque minha mãe só me traz umas bobagens de autoajuda. Traz um livro de mistério, bem grosso, para eu poder passar o tempo. Chocolate e umas balas... e cigarro. Coisa pouca.

— Você deveria aproveitar que está aqui para parar de fumar — sugeri.

— ‘Caraca’, Ana Maria. Eu estou na cadeia. Todo mundo fuma na cadeia — ele parou de tentar argumentar porque viu que eu me irritava se falava sobre cadeia. — Não precisa me trazer um fardo de cigarro. Traz uma carteira. Não precisa nem me dar, pode dar para o Jorge, o enfermeiro. É que eu andei filando uns cigarros dele no outro dia e estou devendo.

— Tudo bem, eu trago.

Bruno me segurou pelos ombros e me deu um beijo firme.

— É melhor você voltar. Não deveria estar aqui com os malucos.

— Você não é maluco.

— Faço um bom trabalho enganando, não é? — ele mordeu o lábio, pensativo. — Desculpe o que eu te fiz passar naquele dia.

Olhei para ele, tentando entender a que dia ele estava se referindo.

— Quando eu cortei os pulsos — ele disse, em voz baixa. — Você não precisava ter passado por nada daquilo. Eu me lembro de sua voz ao telefone... a psicóloga fica me fazendo pensar em como foi para vocês naquele dia. É tortura isso, Ana Maria. Desculpa. Foi por isso que eu queria vocês aqui hoje, para falar disso aí. A dona médica achou que era bom, mas eles não querem me escutar. Você consegue me desculpar, Ana Maria?

— Eu estou aqui, não estou? — sorri para ele e deixei os meus dedos se enroscarem nos dedos dele, por um instante. — Eu quero

que você fique bem. Se eu ressentisse qualquer coisa, eu não estaria aqui. Pode ter certeza.

— Você é boa demais, Ana Maria — tive a impressão da voz dele ter soado embargada.

Respirou fundo. A expressão dele pareceu-me mais triste naquela hora. Parecia que esperava que eu dissesse alguma coisa, mas eu não sabia o que dizer.

—Eu te vejo no domingo, então — falei e tentei sorrir.

— É — foi só o que ele disse, antes de entrar no quarto e me deixar sozinha no corredor.

18. Jogo de erros

Lucas estava me levando para casa, depois da sessão frustrada de terapia. Eu havia ficado do lado de fora da sala por mais uma meia hora, enquanto eles lavavam a roupa suja do lado de dentro. Quando saíram, todos eles tinham alguma expressão diferente.

Dona Helena tinha uma cara de raiva. Fiquei quieta para o caso de ela resolver jogar suas frustrações em cima de mim, mas ela passou direto. Uma vez o Lucas disse que ela tinha pressão alta e que o Bruno fazia com que ela passasse mal, mas eu não achava que aquele fosse realmente o caso. Talvez ela passasse mal todas as vezes que alguém contrariasse a vontade dela.

O seu Rogério parou para apertar a minha mão. Estava sorrindo como um vendedor de carros usados. Eu não sabia se ele estava fingindo que estava tudo bem, ou se realmente achava que estava tudo bem.

O último a sair foi o Lucas. Esse era o único que parecia estar carregando o peso do mundo nos ombros. Fiquei com medo que ele fosse ter uma úlcera de tanta preocupação. Ele parecia exausto.

Eu só havia esperado porque ele havia dito que iria me levar para casa. Enquanto eu estava esperando, havia pensado em pegar o ônibus, mas quando vi a aparência dele ao sair daquela sala, fiquei feliz que eu tivesse esperado. Lucas estava com cara de quem estava precisando conversar.

Apesar disso, nós fomos em silêncio até o carro.

— Bruno me pediu para trazer umas coisas para ele no domingo — falei, mais para puxar assunto do que para qualquer outra coisa.

— É? — perguntou, de um jeito ausente. — O aniversário dele é segunda-feira.

— Sério? Vou ter que levar um presente também, então.

— O que ele tinha te pedido?

— Livro, chocolate, bala e cigarro — hesitei. — Posso levar essas coisas mesmo?

— Eles não vão te deixar dar um isqueiro. Ele poderia por fogo no hospital.

— Ele disse que tinha filado uns cigarros do enfermeiro e precisava devolver — expliquei.

— E você acreditou nele.

— Por que eu não iria acreditar?

— Porque o Bruno mente até quando não precisa mentir — Lucas respirou fundo. — Desculpe, eu estou sendo uma péssima companhia hoje.

— Não esquento — procurei sorrir. — Todo mundo tem os dias em que levanta com o pé esquerdo.

— Estou começando a achar que eu tenho dois pés esquerdos — deu um sorriso triste. — Como é que eu posso deixar ele fazer o que bem entender? Ele não se importa com ninguém...

— Você já me acusou da mesma coisa — olhei para o lado de fora da janela.

Estava vendo calçadas, carros estacionados, nada que chamasse a atenção de verdade. Estava olhando para fora só para não ter que receber o olhar dele.

— Eu estava enganado — ele disse e nós paramos no semáforo. — Estou sempre te pedindo desculpas, Ana.

Ele soava arrependido, mas no estado de humor dele, até se ele dissesse “feliz aniversário”, ele iria soar do mesmo jeito.

— Esquece isso. Você não me conhecia — respondi.

— Eu te julguei sem te conhecer. Eu não deveria ter feito isso. Você é uma boa garota.

— Não. Não sou, não — tornei a olhar pela janela.

— Por que não? — perguntou, mas acho que ele não queria realmente saber.

Lucas voltou a se concentrar no trânsito e eu fiquei feliz por ele não ter insistido no assunto. Eu não era uma boa garota. Eu tinha um segredo nojento que apenas duas pessoas conheciam: eu e o Pedro.

Marina sabia a história pela metade, sabia que o Pedro havia quebrado o meu braço. Na verdade, nem isso eu tinha contado para ela, ela só não acreditou na mentira. Eu não havia conseguido negar que tinha sido o Pedro o responsável, porque de certa forma, ele era.

Eu estava machucada e magoada e tudo que eu queria era sentir pena de mim mesma. Havia sido assim desde a morte do Gigio. Eu simplesmente havia desistido.

Falava do Pedro com os seus vícios, falava do meu irmão e os seus vícios, mas não conseguia admitir que eu mesma estava *ferrada*.

Havia perdido a minha formatura do Ensino Médio porque precisava arranjar as coisas para enterrar o meu irmão. Pedro tinha voltado a beber, mas como eu não achava que ele era exatamente sóbrio, isso não era nenhuma novidade.

Eu me sentia vazia. Era o que restava da minha família e isso me fazia sentir ainda pior. Havia feito apenas alguns “bicos” naquele ano. Fazia apenas coisas que não me comprometessem demais. Eu saía quase todas as noites, mas foi só depois que perdi a Marina e o Dado que as coisas ficaram realmente ruins.

Eu não lidava bem com perdas. Nunca havia lidado. Quando minha mãe morreu, eu era jovem demais para entender como sofrer e lidar com o luto. Quando meu irmão acabou com a própria vida,

eu sabia que não tinha mais volta. Eu sabia que eu havia ficado realmente sozinha.

Era isso que mais me irritava no Lucas, que ele conseguisse ver que eu realmente não tinha ninguém. Mas ele estava enganado sobre mim. Eu não era uma boa garota. Já havia sido, havia levado tempo para perder a minha inocência, mas você só pode fazer umas tantas bobagens sem perder a pureza. Eu havia extrapolado a minha cota.

Depois de perder a minha família, acabei perdendo a Marina e o Dado para a vida. A Marina poderia fingir que nada tinha mudado e talvez, para ela não houvesse mudado nada mesmo. Quando ela tinha um namorado ela meio que tornava um hábito não me dar atenção. Depois que ela engravidou e se mudou, nós havíamos ficado cada vez mais distantes. Era natural, então, que eu não houvesse contado a ela toda a história.

Ela não caiu na história que eu inventei quando quebrei o braço. Quando eu não pude negar que a versão dela estava errada, ela presumiu que aquela era toda a verdade. O Pedro havia quebrado o meu braço. Tudo aconteceu meio ano antes. Quando o Bruno havia me visto no cemitério, havia sido logo antes de eu tirar o gesso e logo antes de eu ir trabalhar no Café. Dissera que eu parecia perdida e era exatamente assim que eu me sentia.

Só que eu não estava perdida apenas naquele dia, eu vinha perdida há muito tempo. Para ser bem exata, eu vinha perdida desde que o Dado tinha saído da minha vida. Era a única pessoa que me aconselhava e que foi o pior dos exemplos no final das contas. O primeiro homem, que eu havia amado de verdade, havia sido a minha grande decepção.

Se eu não tivesse o exemplo do meu irmão, talvez eu houvesse seguido pelo caminho dele. As drogas que eu recorri foram outras, sob vários outros disfarces. Eu saía quase todas as noites. Meio que queria que o Dado soubesse o que eu andava fazendo, porque eu sempre saía para lugares onde ele tinha conhecidos.

Eu fazia bicos que mal davam conta de pagar as minhas contas. Quando eu saía, então, dependia que outras pessoas pagassem por mim. Em geral, desconhecidos. Dizia para mim mesma que não era o mesmo que me prostituir por um copo de algum coquetel bonito ou vodka. Afinal, o que eu queria não era que me pagassem essas coisas. O que eu queria era atenção, eram os beijos, os abraços e o que vinha depois.

Quando eu era criança, minha mãe dizia que eu tinha muito mais sorte do que juízo. Considerando a minha falta de juízo naquele período, a frase continuava sendo verdadeira.

Eu reclamava das bebedeiras do Pedro, mas as minhas não eram muito mais bonitas. Só que a maior parte do tempo, o Pedro não estava por perto para ver as minhas besteiras, para ver quando eu chegava, em casa trocando pernas. Só que naquele dia nós chegamos quase na mesma hora em casa e o Pedro não estava bêbado.

— O que é que você está fazendo, Ana Maria? — ele tinha me perguntado. — Depois do que o seu irmão fez, você quer se matar igual ele? O que é que a sua mãe iria dizer se te visse assim?

Eu estava irritada e cansada. Não queria sermão. Era sempre o Dado quem me dava sermão e eu comecei a me rebelar contra qualquer coisa que me lembrasse dele. Fui subir a escada e o Pedro segurou o meu braço.

— Estou falando com você, Ana Maria — ele disse, como se tivesse direito de falar comigo daquele jeito, como se tivesse direito de me dizer o que fazer. Ele, que nunca tinha sido exemplo de porcaria alguma.

Soltei meu braço com uma sacudida forte e tentei subir a escada de novo. Pedro segurou outra vez.

— Eu estou falando com você, Ana Maria — ele insistiu. — Até quando você vai ficar fazendo essas bobagens?

— Quem disse que eu estou fazendo bobagem? — virei para ele, sentindo meio raivosa.

— Chega em casa bêbada...

- Eu não estou bêbada. Eu tomei um pouco, mas não estou bêbada — retruquei.

— O José Carlos te viu.

— O filho do vizinho?

— Filho do meu amigo — o Pedro corrigiu. — Ele diz que você vai com qualquer um que te pague.

— Eu não sou prostituta – voltei a tentar subir a escada.

O Pedro não me deixou subir mais que dois degraus, antes de segurar o meu braço de novo.

— Sua mãe iria morrer de vergonha se visse o que você está fazendo — ele disse.

— Não fala da minha mãe! — gritei para ele. — E me solta, seu desgraçado!

O Pedro me soltou, sim, mas foi para me dar um tapa no rosto. Eu estava possessa naquela hora e desisti de subir a escada. Ao invés disso, levei a minha mão para dentro da bolsa. Eu ainda guardava o canivete que o Dado havia me dado. Eu estava tão fora de mim, que não me importava o que eu iria fazer.

Avancei para cima do Pedro, meio que esquecendo que o velho ganhava a vida como segurança particular. Pedro me derrubou da escada. Foram somente dois ou três degraus, mas eu caí em cima do meu braço. Dei com a cabeça, também, na quina de uma mesinha de canto. Fiquei meio grogue um tempão e meio que dei por mim quando já estava no carro.

Eu tinha cortado a cabeça e tinha bastante sangue. Estava bem tonta, tanto que não percebi que eu não era a única que estava sangrando. Eu tinha cortado o Pedro. A faquinha tinha cortado a roupa e pegado atravessado do lado da barriga. Por pouco não foi

uma coisa séria. O que me chocou foi o que poderia ter sido. Eu poderia ter matado o Pedro naquele dia. O Pedro poderia ter me matado.

O que aconteceu, de verdade, foi que eu quebrei o braço e levei três pontos na cabeça. O Pedro escapou com cinco pontos na barriga. Contou uma história meio imbeciloide sobre assaltantes, que eu acho que ninguém no hospital caiu. Não falou que eu tinha tentado matá-lo. Não falou que era por causa dele que eu havia quebrado o meu braço. Eu não conseguia entender por que ele não me dedurou naquele dia.

Tudo que eu sabia era que nós nunca mais nos falamos depois daquilo. Nunca mais, também, eu bebi. Não dava para dizer que eu nunca mais tinha tido sexo promíscuo, porque eu tinha quebrado essa marca naquele dia em que eu havia conhecido o Bruno.

19. Efeitos do clima

Lucas passou para me pegar depois do serviço na sexta-feira. Eu nunca havia me considerado uma garota de shoppings. Sempre acabava comprando as minhas coisas na rua. A própria blusa que eu estava usando naquele dia, que tinha virado um tom estranho de azul depois da primeira lavagem, eu havia comprado de um rapaz que estava expondo seus “produtos” em cima de uma colcha na calçada.

Fazia, então, muito tempo que eu não pisava em um Shopping Center. Em parte, também, porque eu nunca tinha dinheiro para gastar. A única coisa que me fazia ressentir a minha ausência de estabelecimentos do tipo, era que fazia muito tempo que eu não ia ao cinema. Eu sempre gostei de filmes. Eram como uma válvula de escape para mim.

Estava chovendo naquele dia. Era uma chuva grossa daquelas que costumam causar alagamentos pela cidade. Não havia chovido o bastante para isso acontecer, ainda, então com exceção das poças, nós estávamos relativamente seguros. Lucas também dirigia melhor do que o Bruno. Onde o Bruno era afobado e gostava de pisar fundo, Lucas dirigia como se nada pudesse incomodá-lo, nem o trânsito, nem os outros motoristas, nem a chuva.

— Diazinho feio para sair — Lucas comentou, passando a mão no vidro.

— A gente poderia deixar para amanhã.

— Vamos levar mais tempo para dar a volta do que para chegar lá — ele olhou para mim e sorriu. — Estou precisando me distrair, também.

— Você não tem namorada, não, Lucas?

Tinha sido uma pergunta espontânea, daquelas que eu fazia e só depois percebia o que havia dito. Não que dessa vez eu tivesse

que me repreender por ter dito, era fruto da curiosidade, mas ele poderia interpretar em outra direção.

— Estou solteiro — ele disse, distraído pelo trânsito. — Você não é daquelas que não pode conhecer um cara que já tenta arrumar namorado para amigas, é?

— Eu tenho uma amiga... — brinquei.

— Por favor, não. Já chega minha mãe e a minha tia tentando me arranjar com as filhas das amigas — fez uma careta. — Ninguém entende que eu não quero namorar agora.

— Alguém partiu o seu coração, foi? — provoquei.

— Ou eu parti o coração de alguém. Você nunca vai saber — mais uma vez aquele meio sorriso. — Eu estava trabalhando feito maluco e não tinha tempo para nada. Não foi surpresa quando ela achou alguém que tivesse tempo para ela. Só que não partiu o meu coração. Se eu tivesse sentido mesmo falta dela, eu teria dado um jeito de fazer funcionar. Foi quase um alívio quando ela resolveu partir para outra.

— Pobrezinho — brinquei.

— E as suas decepções amorosas, Ana? — ele me deu um olhar meio atravessado.

Naquela hora nós finalmente chegamos ao estacionamento do shopping. Fiquei feliz por ele ser coberto, eu não precisaria me molhar para entrar. Não estava chovendo quando eu saí de casa, então eu não tinha trazido o guarda-chuva.

— Decepções amorosas? — dei meio que uma risadinha. — Você não precisa se iludir para se desiludir?

— Ah, eu esqueci. Você não se apaixona — ele pareceu estar querendo me provocar, mas havia atingido um ponto fraco.

— Qual é o propósito de se apaixonar, realmente? Você gosta de alguém, mas essa pessoa vai acabar se interessando por outra. Sempre vai chegar o momento em que a pessoa cansa e vai embora.

Estávamos girando no estacionamento, procurando por uma vaga. Não era para o Lucas ter prestado atenção no que eu havia dito. Não era nem sequer para nós estarmos tendo aquele tipo de conversa.

— Nem todo mundo vai embora — ele disse, em voz baixa.

— Mas todos que chegam perto de mim se vão — respirei fundo.
— Assim que o Bruno estiver melhor, você acha que ele vai querer ficar comigo?

Lucas ficou quieto. Deveria estar pensando a mesma coisa que eu. Para o Bruno, eu era só uma garota que ele havia se apegado em um momento difícil. Quando ele não precisasse mais de mim, eu seria colocada para fora da vida dele tão rápido que nem daria tempo de piscar. Chateava pensar que eu era descartável, mas eu não queria na minha consciência o peso de virar as costas para ele justamente quando ele havia precisado.

A mão dele estava sobre a manopla do câmbio e ele apenas deixou a mão cair. Não sobre a minha perna, mas sobre a minha mão. Apertou os meus dedos de leve e em seguida soltou. Havia encontrado uma vaga.

Ficamos em silêncio até descer do carro. Era um silêncio desconfortável. Sempre quando eu pensava no Bruno os silêncios eram assim. Fiquei imaginando se era gostar dele que fazia eu me sentir mal. Eu gostava dele, claro, mas eu não tinha me entregado o bastante para sentir qualquer coisa mais profunda. Talvez meu coração estivesse me pedindo que eu me afastasse antes que ele me machucasse de vez.

— Eu estava pensando em comprar um bolo — Lucas disse pensativo, quando nós estávamos nos aproximando da porta de entrada. Abriu a porta e segurou aberta para mim.

— Fazer uma festa de aniversário de verdade? — perguntei.

— Por que não? Talvez isso mexa com ele.

Aquele era um dos mais antigos shoppings da cidade e estava passando por uma reforma. Havia alguns tapumes em alguns lugares e o cheiro era engraçado, de tinta. Normalmente eu achava que shoppings cheiravam como escadas rolantes, ou carro novo.

Lucas segurou o meu cotovelo e me conduziu para o elevador, que havia aberto as portas bem na nossa frente. Estava cheio e eu preferiria ir pelas escadas, mas eu estava acompanhando. Acabei tendo que ficar bem perto dele por causa de um carrinho de bebê. Lucas poderia ser mais baixo que o Bruno, mas ele ainda era alto. Não só isso, mas ele cheirava muito bem. Fiquei querendo perguntar qual era o perfume que estava usando, mas perdi a coragem.

No andar seguinte, ficamos sozinhos no elevador. Todos haviam descido em um dos andares de garagem. Finalmente cheguei até o vidro. Achava engraçado, elevadores panorâmicos em shoppings. Não era como se houvesse muita coisa para se ver, além do átrio central. Lucas parou do meu lado e também ficou olhando.

— Você sabe o que você quer comprar? — ele perguntou, com gentileza.

— Ele tinha falado em livro.

— Ele gostava de histórias policiais, quando era mais novo — Lucas pareceu um pouco triste quando ele falou disso. — Mas você pode escolher o que quiser. Eu não acho que ele tenha lido alguma coisa nova nos últimos anos.

O elevador parou e dessa vez fui eu quem segurou a porta. Apertei o botão. Não sabia o que tinha acontecido, se ele estava simplesmente lembrando o passado, mas pareceu-me distante por alguns instantes. Depois, como se alguém tivesse dado um chute nele, andou para frente e saiu do elevador. Eu segui.

Fomos até uma livraria. Eu não fazia ideia do que escolher. Eu não era uma grande leitora. Acabei zanzando pelas prateleiras de livros, quase sem rumo. Lucas havia ido parar na sessão de filmes e eu estava completamente por contra própria. Achei a sessão de livros de mistério.

Um bem grosso era o que o Bruno havia pedido, mas não adiantava nada levar a ele uma cópia da Bíblia, se não era o que ele queria ler. Eu sabia o quanto era desgastante tentar ler livros que simplesmente não eram o que eu tinha vontade de ler. Todo o meu tempo de escola havia sido recheado por esse tipo de leitura.

Peguei um dos livros que tinha uma capa interessante e comecei a ler a sinopse. Segundo a orelha do livro, se eu o torcesse, pingaria sangue no chão. Imaginei se o Bruno gostaria de um livro como aquele, ou se ele poderia ter um surto diferente e resolver cortar o pescoço de alguém. Peguei-me pensando que eu sabia tão pouco sobre ele que não sabia se isso era possível ou não.

— Achou alguma coisa? — o Lucas chegou por trás.

Levantei o livro para ele ver a capa.

— Ele vai dormir se você levar esse — ele riu. — O Bruno gosta dos clássicos. Da última vez que eu tive uma conversa inteligente com ele, ou seja, um bom tempo atrás, ele estava me dizendo que queria comprar...

Lucas passou o dedo pelas lombadas dos livros, até achar um volume grosso e puxar.

— *Obras Completas do Sherlock Holmes*. O Bruno era fanático por esse tipo de história, quando era adolescente.

— Mas você tem certeza de que ele não comprou?

— Tenho. Foi logo antes da Raquel... — ele não concluiu a frase e nem precisava.

— E o que é que você tem aí? — percebi a caixa de filme na mão dele.

— *Conan, o Bárbaro*. O clássico de 1982.

Mostrou a caixinha. Schwarzenegger com cara de mau, segurando uma espada na capa. Ele tinha mesmo pegado aquele filme.

Fiquei olhando para ele, como quem não acredita, nos próprios olhos e ouvidos. Ele estava zoando comigo? Eu sempre tive a impressão de que *Conan* deveria ser um filme sofrível. Será que eu tinha me enganado com o *Conan* tanto quanto com o *Rambo*?

— O quê? — Lucas perguntou, com uma expressão inocente. — Era o meu favorito quando eu tinha quatorze anos. É cheio de cenas impróprias para menores, mas não é só por isso. É um filme bom.

— Sei, sei — ironizei.

— Você nunca viu? — pareceu surpreso. — Já passou um monte de vezes na televisão.

— Nunca vi. Não é da minha época.

— Nem da minha. Qual é a sua idade? — olhou bem para mim.

— Vinte. Quantos anos você achou que eu tinha?

— Você é tão novinha quanto você parece, então. Eu tinha ficado em dúvida, numa dessas você só tinha cara de novinha. Bruno nunca foi atrás de garotas tão mais novas que ele. Ele está fazendo trinta e dois, sabe?

Concordei com a cabeça. Eu poderia não saber muitas coisas sobre o Bruno, mas pelo menos isso eu sabia.

— São doze anos de diferença — o Lucas ainda estava meio pensativo e, talvez, um pouco horrorizado.

— Eu tive um namorado que era dezesseis anos mais velho do que eu — acabei soltando sem pensar.

Não queria pensar no Dado e no estranho relacionamento que nós havíamos tido. Para bem, ou para mal, ele era a minha grande referência no que me dizia respeito a homens.

— Uau! — o Lucas deixou escapar baixo. — Você gosta mesmo de caras velhos. Eu tenho vinte e sete.

— Um bebê, ainda — provoquei, mostrando a língua para ele.

Lucas estava me olhando de um jeito engraçado naquela hora. Era bem o tipo de expressão que a Marina fazia na escola quando estava tentando fazer uma conta de cabeça e não tinha certeza do resultado.

— Quantos anos você tinha quando namorou aquele ancião? — perguntou, finalmente.

— Não me lembro direito — menti. — Uns dezoito.

A segunda parte era mais ou menos verdade. A verdade era que eu tinha ficado com o Dado antes disso, mas nós não havíamos passado dos dezoito. Dezoito e meio, talvez, mas não além disso.

— E vocês conseguiam ter alguma coisa em comum?

— Sim, a minha melhor amiga — deixei escapar e notei que a minha voz soou com um pouco de raiva.

Lucas colocou a mão no meu ombro e deu uma apertadinha. Estava pensando que a Marina tinha me roubado o Dado. Eu poderia ter deixado que ele pensasse isso, mas... Eu tinha algum problema. Eu sempre queria conversar com o Lucas sobre assuntos que eu não havia falado com mais ninguém.

Deveria ser o jeito confiável que ele tinha. Ou isso, ou ele tinha a maior cara de padre. Eu não sabia se ainda acreditava em Deus, mas eu queria me confessar para o irmão do meu namorado.

— Não foi a Marina que roubou ele de mim — respirei fundo. Não importava como eu iria falar aquilo, iria soar estranho. — Eu abri mão.

— Você abriu mão do seu namorado para a sua amiga? — o Lucas pareceu não acreditar.

— Não foi bem assim. É uma história complicada. O negócio é que o Dado nunca foi mesmo meu namorado. A gente ficava e se dava muito bem. Só que ele era meio que... — respirei fundo mais uma vez. — *Um galinha*. Acho que não tem outra palavra para isso.

— Ele estava de rolo contigo e dava em cima de outras garotas?

— Sim. Outras garotas — falei, tentando insinuar a verdade, mas o Lucas não pegou. Senti-me mal por ter que explicar: — Ele gostava de ter mais de uma garota com ele ao mesmo tempo.

— É uma fantasia bem comum — Lucas disse e as orelhas dele me pareceram um pouco vermelhas.

— Com o Dado não era só fantasia. A maioria das vezes ele só ficava com alguma garota se ela tivesse uma amiga junto — eu estava me sentindo cada vez mais envergonhada por estar explicando. — Só eu que era a garota exclusiva dele, entende? Eu não gosto de dividir. Eu não divido.

Lucas concordou com a cabeça. Fiquei pensando se eu deveria continuar ou não. Não era a história que me deixava nervosa, mas o fato de eu saber que isso iria dizer ao Lucas quem eu realmente era.

— Você não divide — Lucas disse, de um jeito suave. — Mas você dividiu?

— Foi uma vez só — hesitei.

— Ana, de repente você ficou tão *sexy* — Lucas disse de um jeito brincalhão.

Precisava confiar naquele sujeito para me fazer sorrir quando eu estava confessando algumas coisas sujas do meu passado.

— O que foi que aconteceu, então? — Lucas me perguntou, parecia quase esperando detalhes sórdidos.

— O que aconteceu foi que o Dado queria a nós duas — falei e tive plena consciência que estava deixando algumas partes importantes de fora. — Só que eu não queria dividir. Ele teve que escolher e escolheu a Marina. Simples. Eu não era o bastante.

Parecia deprimente colocar as coisas naqueles termos, mas era a verdade. O Dado tinha sido o primeiro homem que eu havia amado de verdade e ele tinha me deixado pela Marina. Eu nunca iria querer ele de volta, mas isso não significava que não doesse.

— Deixa ver se eu entendi bem — o Lucas me olhou bem nos olhos. — Você já beijou uma garota?

— É nisso que você está pensando? — surpreendi-me.

— Eu parei de te escutar quando você insinuou isso — ele sacudiu a cabeça e sorriu.

Dei um tapa no ombro do Lucas. Mais uma vez ele estava sendo o escoteiro, tentando livrar a minha cabeça das lembranças que não eram boas. Beijou-me no rosto, naquela hora.

— Vou te dizer uma coisa, Ana. O cara deve ser um otário — ele sorriu.

— Vocês dois devem ser parentes — provoquei.

— Assim você me fere — ele levou uma mão ao peito. — Eu só posso te garantir uma coisa, Ana. Você merece algo muito melhor que um sujeito como aquele. Muito melhor que o Bruno, também.

— Se arrependimento matasse...

— Todo mundo faz bobagem.

Fiquei olhando para o Lucas, tentando o instigar a contar que bobagem ele havia feito. Afinal, o Bruno sempre dizia que ele era um santo.

— Que tipo de bobagem você quer escutar? — Lucas sorriu. — Eu tenho de todas elas. Uma vez eu saí com uns amigos e fui direto para a aula no dia seguinte. Tinha prova.

— Você fez prova de ressaca?

— Eu fiz prova bêbado — ele deu uma risadinha. — Estranhamente, nunca as perguntas fizeram tanto sentido para mim.

— Não sei. Isso ainda não está parecendo bobagem o bastante para mim.

— Você quer alguma bobagem que seja uma tremenda bobagem? — ele olhou para mim, dessa vez ficando sério. — Quando eu tinha uns dezessete anos, eu achei que eu tinha

engravidado a minha namorada. Foram as piores duas semanas da minha vida, até ela descobrir que tinha sido alarme falso.

— Sorte.

— Sim, foi sorte. Mas eu aprendi a minha lição. Depois daquilo, eu sempre fui cuidadoso. Nunca mais fiz sexo.

Acabei rindo e o Lucas sorriu.

— Você tem um sorriso bonito — ele disse e me surpreendeu.

Parei de sorrir naquela hora e fiquei olhando para ele. A verdade é que eu estava acostumada a homens só dizerem coisas que tivessem um sentido oculto por trás. Normalmente, eu iria achar que ele estava dando em cima de mim, mas era o Lucas. Ele só estava fazendo um elogio.

Peguei um livro na prateleira para encobrir o meu embaraço. Só depois fui ver o que era que eu havia pegado. Era um daqueles romances de sobrenatural, com um casal quase despido na capa. Justo quando eu havia pensado que eu não conseguiria ficar mais vermelha!

— Eu quero comprar um bolo para o Bruno — Lucas disse, também olhando para os livros na prateleira à nossa frente.

— Tem uma confeitaria perto da minha casa que é “dois B”

— “Dois B”? — ele se interessou.

— Boa e Barata. Eles fazem um bolo trufado que é tão bom quanto sexo.

Eu não deveria ter feito aquela comparação. Não porque era de mau gosto, mas porque alguma coisa estava acontecendo ali e eu não sabia exatamente o que era. Lucas estava perto demais, eu conseguia sentir o calor dele.

Saí sem dizer nada, na direção do caixa. Lucas me acompanhou, como se nada estivesse acontecendo. Paramos na fila. Eu estava extremamente sem jeito, o que não fazia parte da minha natureza.

Era só eu, eu precisava reconhecer isso. Lucas estava agindo normal. Eu era que estava vendo coisas onde não havia e sentindo uma tensão fora do comum. Nunca deveria ter contado para ele sobre eu, a Marina e o Dado. O que eu tinha na cabeça quando fiz isso?

A fila andou sem que eu percebesse. Lucas pegou o livro das minhas mãos e levou para o caixa. Eu estava abrindo a minha bolsa para pegar a carteira para pagar, mas ele puxou o zíper para fechar de novo.

— Hoje sou eu quem paga — ele deu um meio-sorriso.

— Como é que eu vou dar para o seu irmão um presente que foi você quem comprou? — estranhei.

— Você me dá o dinheiro depois — o sorriso dele aumentou. — Eu estou juntando as milhas do cartão.

Quando saímos da loja, Lucas me entregou a sacola. Tirei o dinheiro para dar para ele, mas ele só pegou uma das notas. Virou as costas e foi andando na minha frente. Levei dois segundos para perceber o que ele estava fazendo.

— Fica por conta da história que você me contou antes — Lucas lançou um olhar para mim — Com certeza você vai me dar uma coisa para eu ficar pensando.

— Pervertido — falei, enquanto andava na direção dele.

— É você que faz a perversão e eu quem ganho a fama — ele deu um sorriso. — Ok, é justo. Só me responde uma coisa, já que eu sou mesmo o pervertido nessa história toda: você gosta de garotas tanto quanto você gosta de homens?

— Quem foi que disse que eu gosto de homens?

Era uma brincadeira, mas eu estava com a expressão séria. Lucas não tinha como saber que eu estava brincando. Ele não me conhecia tão bem assim.

— Ah, eu pensei que... — ele começou de um jeito que parecia estar se desculpando.

— Só estou zoando contigo — sorri. — Eu não gosto tanto de garotas quanto de garotos. Na verdade, eu não me sinto atraída por garotas. Foi uma coisa de uma vez.

Apesar de a Marina ter insistido no assunto depois daquela vez. Algumas vezes, ela dizia que se eu quisesse ela chutava o Dado para ficar comigo. Mas eu não queria. Ela era minha amiga e só. Minha amiga que era apaixonada por mim... Tinha como essa amizade dar certo?

Lucas estava olhando para mim e sorriu. Eu não sabia por que o sorriso dele me deixava nervosa. Pensei que não existia nada pior do que uma pessoa que fosse boa demais para me fazer sentir ainda mais inadequada. Ele me deixava com vontade de gritar.

— Você quer ir ao cinema? — ele me surpreendeu, perguntando.

Eu não queria ir ao cinema com o Lucas. Estava ficando muito consciente disso. A melhor coisa era se eu ficasse longe dele. O mais longe possível. De preferência, um continente de distância. Ele não tinha como me fazer sentir mal, se não estivesse por perto.

— Ah, não! — respondi, meio de supetão. — Você vai, eu vou para casa.

— Eu te levo, então.

— Não! Vai ao cinema — insisti. — Não perde por minha causa.

— Eu te convidei porque eu queria companhia — Lucas me olhou como se tivesse estranhando a minha reação.

Eu não sabia por que a ideia estava me deixando em pânico, mas eu estava quase a ponto de correr. Percebi que estava quase fazendo isso mesmo. Eu estava recuando, agarrada na sacola da livraria. Lucas estava parecendo magoado. Isso me fez sentir ainda pior.

— Eu vou indo — virei e saí.

O Lucas veio atrás, claro.

— Eu levo você em casa, Ana Maria — ele ainda tentou. — Está chovendo.

— A chuva parou.

Eu não fazia ideia se era verdade ou não. Na verdade, eu achava que ainda estava caindo um temporal do lado de fora. Eu só não conseguia mais ficar do lado do Lucas naquela hora.

— Está tudo bem — acenei “tchau” para ele. — A gente se fala depois. Bom filme!

Saí apressada do shopping. Como previsto, ainda estava chovendo forte. Talvez os pingos de chuva pudessem esfriar um pouco a minha cabeça. Atravessei a rua correndo para chegar ao ponto de ônibus.

Eu era definitivamente patética. Entrar em pânico por causa de um clima que só eu havia sentido pelo irmão do meu namorado, definitivamente, era a coisa mais ridícula que eu já havia feito na minha vida.

20. Inevitável

Eu sabia que fugir daquele jeito havia sido uma grande estupidez. Fiquei preocupada com a reação que o Lucas possivelmente teria da próxima vez que nós nos encontrássemos. Talvez ele pudesse acreditar que eu tinha uma aversão à companhia dele. Essa seria a opção mais simples. Seria muito pior se ele achasse que eu tinha fugido por ter algum tipo de sentimento por ele. Isso seria extremamente constrangedor, porque eu estava saindo com o irmão dele. De qualquer forma, nunca mais eu iria conseguir conversar direito com o Lucas depois daquilo.

Isso me preocupou durante todo o sábado. No final do dia, para premiar toda a minha burrice, comecei a sentir a garganta arranhar eram os primeiros sinais da gripe.

No domingo de manhã, a gripe já havia me pegado em cheio. Minha garganta estava inflamada e eu nem conseguia engolir direito. Esperei o Pedro sair de casa e me arrastei, com um cobertor e um filme velho, para o sofá. Deixei o filme passando, só porque eu não queria estar sozinha. O barulho de pessoas pela casa me fazia falta. Sentia falta do meu irmão, dos amigos dele e, por que não, do Dado e da Marina. Queria que os únicos sons naquele dia não fossem os do filme, mas de gente de verdade. Nem me ocorreu que havia outro lugar onde eu deveria estar naquela manhã. Minha cabeça parecia pesada demais para pensamento coerente. Meu nariz, para variar, havia começado a escorrer.

Foi perto do meio dia quando começaram a bater na porta. Pensei se eu não poderia ignorar o barulho e tirar um cochilo. Ocasionalmente, quem quer que fosse iria desistir e me deixar em paz, ou foi o que eu pensei. Cada batida parecia mais forte.

Finalmente, resolvi ceder e me arrastei até a porta para abrir. Antes, claro, dei uma olhada pela janela para ver quem era. Quando eu fiz isso, o Lucas me viu.

— Abre essa porta, Ana Maria! — ele gritou e parecia realmente furioso.

Furioso não era exatamente a reação que eu estava esperando para a minha fuga do shopping. Furioso, na verdade, não estava encaixando em muita coisa.

Abri a porta e não tive tempo para dizer coisa alguma. O Lucas entrou e já foi apontando o dedo para o meu nariz. Eu me segurei na maçaneta da porta, porque estava perdendo o equilíbrio. Minha cabeça, que já estava pesada, começou a girar.

— Por que você não foi? — era o que o Lucas estava dizendo. — Ele ficou agitado e provocando briga com todo mundo! Você não pode prometer que vai e depois...!

O mundo deu uma grande girada naquela hora e os meus joelhos amoleceram. Tentei me segurar na porta, mas ela não era um apoio muito bom. Foi o Lucas quem endireitou o meu mundo.

— Você está legal? — ele perguntou, estava me olhando.

Lembrei naquela hora que eu deveria ter ido ver o Bruno. Era uma mancada ter perdido a visita, mas eu não estava em condições de estar com o nariz para fora de casa.

— Ana? — Lucas insistiu.

Eu ainda não havia respondido. Ele estava esperando pela resposta. Qual era mesmo a pergunta? Eu estava para perguntar isso, mas comecei com um acesso de tosse. Meu corpo sacudiu e, como se fosse possível, minha garganta ficou ainda mais sensível.

Lucas fechou a porta, o que fez cessar a corrente de ar e, logo parei de tossir. Levou-me até o sofá, onde eu peguei um lenço da caixinha e comecei a assoar o nariz.

Ele colocou a mão na minha testa, o que eu achei que era estranho. Mas, depois, a mão dele estava tão fresquinha e gostosa que eu queria que ele a deixasse ali. Devo ter resmungado alguma coisa, quando ele tirou a mão.

— Acho que você está com febre — ele disse de um jeito solícito. — Você tem um termômetro?

A resposta era “não”. O último termômetro que nós tivemos meu irmão havia quebrado para ver o que tinha dentro. Isso tinha sido há tanto tempo que eu nem me lembrava mais quando exatamente. Nunca havia comprado outro porque bem, eu nunca ficava doente.

Respondi a ele apenas sacudindo a cabeça.

— Ok. Senta aqui e se comporta que eu já volto — ele disse e me ajeitou com as cobertas no sofá.

Eu terminei de deitar e resolvi fechar os olhos só um pouquinho. Devo ter cochilado, porque ele estava de volta quando eu abri os olhos. Isso acabou me assustando, porque eu não sabia como ele havia entrado.

— Eu levei a sua chave — ele disse, quando eu mencionei o susto.

Aproveitei que eu estava acordada para assoar de novo o nariz. Enquanto isso, o Lucas começou a esvaziar a sacola na mesa de centro.

— Temos antigripal, termômetro e xarope — ele disse como se fosse vendedor. Pegou a outra sacola e continuou: — Mais lenços de papel e... Bom, eu estava com fome, sanduíche. Vamos começar pelo mais importante.

Tirou o lacre do termômetro e estendeu para mim. Fiquei olhando para o negócio na mão dele e foi como se o meu cérebro houvesse apagado por um instante. Eu não sabia o que fazer.

— Você quer que eu vire para te dar privacidade? — ele disse, em um tom de voz de engraçadinho.

Peguei o termômetro, levantei a blusa e coloquei sob o braço. Talvez eu houvesse mostrado um pouco de barriga demais quando eu fiz isso, porque as orelhas do Lucas pareceram levemente vermelhas naquela hora.

— A cozinha é ali? — ele apontou.

— É — minha voz saiu engraçada, completamente rouca.

Lucas foi até a cozinha e eu fiquei pensando no que ele estava fazendo ali. Fiquei pensando que ele deveria ser um pouco sádico. Deveria estar querendo me fazer melhorar, para depois brigar comigo porque eu não tinha ido ver o Bruno.

Escutei os armários da cozinha abrindo e fechando e a voz dele xingando quando abriu a porta que estava quebrada. Isso me fez dar uma risadinha involuntária. Aquela porta era a que eu já havia desistido de tentar arrumar. Quando nós puxávamos, ela saía completamente. O jeito era fechar com muito cuidado e se preparar para não derrubá-la da próxima vez. Era quase como um exercício de meditação. Precisava mentalizar a porta fechada para conseguir fechar. Lucas, obviamente, não havia conseguido atingir aquele estágio ainda.

Ele voltou depois de algum tempo, trazendo um copo d'água. Colocou em cima da mesa de centro e estendeu a mão para mim, para eu devolver o termômetro. Coloquei a mão dentro da blusa, dessa vez tomando mais cuidado para ele não ver a minha roupa de baixo.

Lucas examinou o termômetro como se fosse um profissional.

— Trinta e oito e meio — foi o veredito.

— Não está tão mal — a minha voz estava soando tão engraçada que estava me dando vontade de rir.

Ele pegou um comprimido do antigripal e entregou para mim, junto com o copo d'água. Eu engoli, mas foi bastante doloroso. Depois, joguei-me para trás no sofá e fiquei olhando o teto.

— O bom destes antigripais é que têm antitérmico — ele disse, como se fosse entendido do assunto.

— Você não é médico — eu resmunguei.

— Não. Eu sou arquiteto. O Bruno trabalhava comigo, até ele “tirar férias”. Acredita que é isso que ele chama? “Férias”?

Concordei com a cabeça e me arrependi. Doía quando eu fazia isso. Era melhor ficar quieta no meu canto. Era mais seguro e saudável.

Havia pensado que ele ficaria satisfeito depois de me medicar e que iria embora com a consciência limpa, mas ele não estava dando mostras de querer ir embora.

— Seu padrasto não está? — ele perguntou de um jeito gentil.

— Ele só volta de noite.

Lucas pegou um dos sanduíches e abriu o pacote de plástico. Estendeu para mim. Eu não sabia se iria conseguir engolir, mas peguei mesmo assim. Dei só uma mordida e coloquei de novo em cima da mesinha.

Não estava entendendo exatamente por que ele estava fazendo tudo isso. Mesmo os escoteiros não precisam ser tão esforçados.

— Por que é que você está fazendo isso? — perguntei, olhando bem para ele.

— Fazendo o que, Ana?

— Cuidando de mim, porra.

Eu estava olhando para ele e ele estava olhando para mim. Eu deveria estar com uma expressão zangada, ele apenas estava com jeito de que qualquer coisa poderia acontecer que não perderia a calma. Eu queria dar um soco no seu nariz.

— Preciso ter motivo? — ele perguntou, era quase como se estivesse rindo de mim.

— Todo mundo tem um motivo oculto.

— Já te sacanearam demais, é isso?

— Não é da sua conta — respondi, entre os dentes.

— Eu não vou te sacanear.

Puxei o cobertor até tapar a minha cabeça. Estava desconfiada que choraria. Não era porque eu tinha sido “sacaneada”, como ele havia dito, mas porque eu acreditava no que ele estava me dizendo. Todo mundo poderia me enganar e me passar para trás. Todo mundo poderia dizer que não iria me magoar e acabar fazendo justamente isso. O problema era que, quando o Lucas falava, eu acreditava nele. Acreditar nas pessoas é o que você faz antes de te machucarem de verdade.

Lucas levantou os meus pés e a coberta. Sentou no sofá e colocou-os no colo. Senti os dedos dele no meu pé e estremei porque os dedos dele estavam frios.

— Você não quer que eu morra ou suma porque daí o Bruno iria piorar.

Ele apertou o meu pé. Ninguém nunca havia feito isso. Não era ruim, eu não sentia cócegas, mas me parecia estranho por parecer íntimo. Estava desviando a minha atenção e eu não sabia o que fazer. Por que eu estava acreditando nele?

— Ana — ele me chamou. — Olha para mim.

— Eu não quero olhar para você — resmunguei, como uma criança contrariada.

— Ana, olha para mim.

Tirei o cobertor de cima da cabeça. Ele que visse que eu estava chorando. Se era mesmo um bom samaritano, isso pelo menos o deixaria constrangido.

— Eu não quero que o Bruno piore. Seria uma sacanagem com a minha mãe se eu pensasse isso — respirou fundo e seus dedos começaram a massagear o meu pé. — Só que toda vez que o telefone toca, eu acho que é alguém para me dizer que ele conseguiu se matar dessa vez. Algumas vezes, eu queria que isso acontecesse. Eu não aguento mais tentar consertar as burradas dele.

Tentei entender o que ele estava me dizendo. Era um bom rapaz, não era? Bons rapazes não desejam a morte de seus irmãos. Talvez ele não fosse tão bom quanto eu pensava... Mas ele era. Fiquei confusa.

— Ele estraga tudo que ele toca. Como eu queria — os dedos do Lucas apertaram o meu pé. — Queria que ele nunca tivesse te visto.

— Você acha que ele me estragou, é isso? — puxei meu pé. — Por que você não me deixa em paz?

Ele pareceu surpreso, como se não houvesse percebido que estava com as mãos nos meus pés. A reação era quase como se eu houvesse o chutado, ao invés de simplesmente encolher os joelhos.

— De onde foi que você tirou que está estragada? — Lucas se inclinou um pouco na minha direção. — Não quero que ele te magoe. É isso que ele vai fazer e eu não consigo mais perdoar o que ele faz. Eu odeio que ele possa fazer o que quiser sem se preocupar com as outras pessoas. Eu odeio que ele tenha te visto primeiro.

Lucas desviou o olhar naquela hora. Se eu não soubesse porque as orelhas dele estavam vermelhas, teria pensado que ele havia pegado a minha febre.

— Eu tenho que assistir tudo isso, não é? — pareceu triste, quando disse isso. — Eu estava zangado comigo mesmo hoje de manhã. Achei que você não tinha ido porque não queria me ver, porque eu fiquei dando em cima de você no shopping. Só que a minha esperança era que você tivesse resolvido não ver mais o Bruno. Queria que você tivesse ficado em casa porque não queria mais saber dele.

— E o que você iria fazer se fosse isso? — perguntei, ainda tentando absorver o que ele estava dizendo.

Por que eu não estava surpresa que ele também havia sentido o clima no shopping?

— Caramba... Está tudo ferrado de qualquer jeito — Lucas respirou fundo. — Eu não posso fazer nada. Não posso fazer nada

que não seja juntar os pedaços daquilo que o Bruno quebra. Pedir desculpas por ele e...—

— Para — pedi. — Você sabe que se você tivesse me conhecido antes, não iria fazer diferença nenhuma. Eu não sou uma princesinha. Você não iria me dar atenção. Você só me deu atenção porque o seu irmão estava comigo.

— Quem foi que disse que eu gosto de princesinhas? — o tom dele estava inflamado, quando ele continuou, inclinando-se na minha direção: — Eu nunca quis nenhuma das mulheres que ele arranjou para tentar tapar o buraco que a Raquel deixou. Eu nem gostava dela. Era uma esnobe metida.

Aquilo me chocou. Eu nunca tinha escutado ninguém falar mal de uma pessoa que não estivesse mais viva. Achava que isso não poderia ser muito certo, falar de alguém que não poderia mais se defender. Mas eu não tinha como saber se era verdade ou não.

— Você não acha mesmo que você não é boa o bastante — Lucas estava me encarando quando disse isso. — Se você achasse que era verdade, você não teria me enfrentado quando eu te disse para ficar longe dele... Mas não adianta a gente falar disso.

Lucas endireitou o corpo no sofá e se reclinou no encosto. Estava olhando para o teto. Eu estava tremendo por dentro. Por que ele havia me dito aquilo? Ele não precisava ter feito isso. Como é que eu iria poder olhar para ele dali por diante?

Eu estava evitando o olhar dele. Talvez o Lucas também estivesse me evitando. Eu estava olhando para o lado e sabia que ele ainda estava olhando para o teto. Se ele pudesse voltar no tempo e recuperar as palavras que haviam sido ditas, eu acho que ele faria isso. Não havia nada que pudesse ser tão interessante no teto da minha sala, nem aquela mancha de mofo.

— Eu acho que ele vai terminar comigo, quando ele estiver melhor — eu murmurei.

— Eu sei disso — Lucas respondeu, mas ainda não me olhou.

Respirei fundo. Não sabia o que pensar, não sabia o que dizer. Eu gostava do Lucas? Se não fosse isso, no mínimo seria um caso grave de atração. Eu nunca havia estado em uma situação em que dar vazão a impulsos pudesse fazer a tensão ficar ainda maior.

— É melhor assim — eu falei, sem conseguir me convencer disso.

— Melhor — Lucas repetiu, sem dar atenção à palavra. — Eu não sei o que fazer.

— Não tem nada para fazer — dessa vez eu olhei para ele.

Lucas também olhou para mim e eu me senti aquecer pelo olhar dele.

— É o que você acha? — perguntou.

Nossos olhos haviam se encontrado. Eu estava com vontade de xingar a tudo e a todos. Como é que eu poderia namorar um sujeito, quando o irmão dele me colocava tantas ideias malucas na cabeça? Eu queria gritar.

— Eu não sei o que dizer — minhas mãos pareciam geladas, peguei um lenço da caixinha e assoei o nariz.

— Diz que você não sente nada por mim.

— Eu não sinto nada por você — tentei as palavras, mas só de dizê-las, comecei a tremer e meus olhos se encheram de lágrimas.

— Por que você está chorando?

— Eu não estou chorando. Estou gripada.

— Você está chorando.

— Cala a boca, Lucas...

Enfiei o rosto nas mãos. Dessa vez comecei a soluçar. Em minha defesa, posso dizer que eu não estava chorando por ele. Estava chorando por todas as coisas que haviam dado errado na minha vida. Estava chorando pelo meu irmão, pela minha mãe, pelo meu abandono e pela minha própria falta de sorte.

— Ana, poxa... — Lucas havia se inclinado na minha direção e estava segurando um dos meus pulsos.

— Não dificulta — quis empurrar, mas eu não conseguia, estava fraca. — Já é ruim demais.

Ele me segurou e, de alguma forma, conseguiu me puxar para o seu colo. Eu havia me encolhido, mas tudo que ele pretendia era me consolar. Deixei o meu rosto afundar na roupa dele, segurando o tecido com dedos moles. Era confortável abraçá-lo.

Lucas passava os dedos pelo meu cabelo e murmurava palavras que eu não conseguia entender, mas que eram ditas de uma forma tão terna que conseguiam me acalmar. As lágrimas foram diminuindo, assim como os meus soluços.

— Desculpa — ele me disse, quando percebeu que eu estava parando de chorar. — Isso é tão injusto com você.

— Para de ser bonzinho demais! — empurrei-me do colo dele.

Lucas me segurou, não para me puxar de volta, mas para me empurrar no sofá. Acabei com as costas no assento e ele se inclinava sobre mim. Beijou-me e acho que eu tentei evitar que isso acontecesse, mas não foi por mais de alguns segundos. Logo meus dedos estavam em sua nuca, como se eu tentasse mantê-lo para sempre junto de mim.

O beijo dele era doce e calmo. Tinha o gosto de todas as coisas que eu gostava, mais o gosto das minhas lágrimas. Era errado e eu estava errada por gostar disso. Eu estava errada em gostar dele.

Quando o beijo terminou, ele encostou a testa na minha. Sentia a sua respiração no meu rosto. Eu continuava tremendo. De todas as coisas que eu já havia feito, acho que aquela era a que me deixava mais desconcertada.

— Diz que você não me quer — Lucas murmurou.

— Eu não sei se dá para fazer isso — minha própria voz parecia estranha aos meus ouvidos. — Eu não consigo pensar com você em

cima de mim.

— Desculpe.

Lucas levantou e eu pude me sentar. Meu coração estava martelando incessantemente. Levei a mão ao peito, como se isso pudesse me acalmar.

— Eu não posso lidar com isso agora — falei e percebi que minha voz também estava tremendo. — Não é justo. O Bruno está doente e mesmo se não estivesse...

Eu não sabia como isso poderia funcionar. Tudo era complicado o bastante para dar nós na minha cabeça.

— Depois que ele melhorar — Lucas estava me olhando como se realmente pudesse haver alguma chance.

Não sabia se ele estava sendo otimista, ou se estava sendo ingênuo. Mesmo sabendo que não existia nenhuma esperança, eu poderia fingir que tinha. Se eu acreditasse, poderia ter?

— Sim, depois que ele melhorar — murmurei.

Lucas sorriu e aquele sorriso ficou impresso na minha memória. Era um sorriso triste, como se ele soubesse que nós estávamos apenas nos enganando.

21. Mais sorte que juízo

Eu estava vivendo uma mentira. Isso, definitivamente, era algo que eu nunca tinha feito. Como foi que eu havia chegado ao ponto em que eu me preocupava mais com outra pessoa do que com os meus próprios interesses? Era porque eu não queria fazer nada que pudesse levar o Bruno a uma recaída? Era porque eu me importava? Ou era porque eu não queria isso na minha consciência?

A visita do domingo seguinte já havia começado estranha. Eu tinha chegado sozinha e acreditava que não encontraria o Lucas ali. O Bruno estava quieto e parecia aborrecido.

— Você estava doente, é? — foi a primeira coisa que ele perguntou.

— Eu queria ter vindo.

— O Lucas disse que você estava com febre.

A simples menção daquele nome fez o meu rosto ficar quente. Para tentar encobrir a minha vergonha, peguei o pacote de presente de dentro da sacola.

— Eu tinha comprado para você — falei, entregando. — Para o seu aniversário. O pacote está meio feio, porque molhou um pouco. Eu tomei chuva.

Eu estava começando a matraquear. Por sorte, ele não pareceu perceber. Aceitou o presente e rasgou o papel. Homens sempre rasgam papel de presente, eu deveria saber que ele não iria se importar se o embrulho estava bonito, ou não.

— Ah, legal — ele disse e sorriu. — Eu queria esse.

Eu sorri e me senti um pouco nervosa com tudo. Estava olhando para o Bruno e eu gostava dele. Eu sabia que gostava. O problema era que eu não estava conseguindo me convencer disso.

— Que bom que você gostou — sorri e tive a certeza de que o meu sorriso deve ter parecido falso. — Como está sendo a vida aqui na “prisão”?

Ele deu uma risada baixa e colocou o livro em cima da mesa, antes de responder:

— Você não gostava que eu dissesse que era prisão. Não está mais parecendo tanto assim. Acho que não vai demorar muito mais para eu conseguir a minha “liberdade condicional”. O problema vai ser que eu vou virar um sem-teto. Eu vou ter que entregar o apartamento.

— E você vai morar aonde, então? — perguntei, sentindo nervosa.

Não queria que ele dissesse que iria morar com o Lucas. Não parecia certo. Eu não queria ver o Lucas se eu estivesse saindo com o Bruno. Eu não queria que ele entrasse na sala se nós estivéssemos vendo um filme no sofá, ou que ele me visse beijando o Bruno.

— A sorte de ser um filho de pais separados é que eu posso escolher com quem eu quero morar — ele disse, em uma atitude de adolescente.

Foi naquela hora que o Lucas entrou na sala. Eu estava de costas para a porta e não sei como eu soube que ele estava ali, mas eu virei e nossos olhos se encontraram. Fiquei constrangida e baixei os olhos. Bruno estava alegre de novo e já estava cumprimentando o irmão.

— Olha só o que a Ana Maria me deu — ele mostrou o livro. — Teve dedo seu aí, não é?

Lucas deu uma tosse que parecia uma tosse nervosa e, quando ele falou, a voz dele estava um pouco rouca. Havia se resfriado.

— Eu só levei a moça para comprar — foi o que Lucas disse.

Bruno olhou para ele, sem dizer nada. Pareceu um pouco pensativo, naquela hora. Lucas estava tossindo de novo.

— Acho que você pegou a minha gripe — eu falei e sorri. —
Desculpe.

— Bobagem, Ana. Eu vou tomar uma água — ele disse e foi indo
na direção do bebedouro.

Bruno ficou olhando para o irmão e a expressão no rosto dele
era um pouco estranha. Em seguida, segurou o meu pulso e me
puxou.

— Quero te mostrar uma coisa — ele disse e eu hesitei.

— E o seu irmão?

Bruno não disse nada, só continuou me puxando. Acabei indo
com ele porque era mais fácil fazer isso do que argumentar. Saímos
pelo corredor, em um passo rápido. Chegamos a frente do quarto
dele e, quando eu parei, ele me empurrou.

Isso me assustou, mas eu já estava do lado de dentro do quarto
e ele estava fechando a porta, encostando a cadeira contra a
maçaneta, como eles faziam nos filmes.

—Bruno, o que você está fazendo?

— O que parece que eu estou fazendo? — ele virou para mim e
parecia estar com raiva.

Naquela hora, eu realmente senti medo. Era a primeira vez que
eu estava com ele e que temia pelo que ele pudesse fazer a mim.
Quis gritar, mas isso poderia fazer ele se descontrolar. Ao invés
disso, então, tentei manter a calma.

— Você transou com ele — o Bruno veio na minha direção.

— Que asneira é essa? — retruquei, mas estava tremendo.

— Não se faz de inocente, porque você não é inocente, Ana
Maria! — Bruno adiantou-se na minha direção e eu recuei.

Andei de costas, até as minhas costas encostarem contra a
parede e ele continuava vindo.

— Eu não transei com o Lucas — tentei parecer segura, para que ele pudesse acreditar em mim.

— Para de mentir!

Bruno segurou os meus ombros. Estava apertando e isso doía. O olhar dele era quase insano. Não consegui evitar e comecei a tremer. Uma lágrima escorreu dos meus olhos.

— Você é uma porca mentirosa! — Bruno gritou com o rosto muito próximo do meu.

— Eu não estou mentindo. Eu e o Lucas não fizemos nada de mais — além de um beijo, mas eu não iria dizer isso.

Mesmo que eu não estivesse mentindo, estava a ponto de começar a rezar. Estava quase virando atéia, mas estava pronta para começar a fazer promessa para qualquer santo que pudesse me livrar daquela enrascada.

Bruno tentou me beijar e eu virei o rosto involuntariamente. Segurou o meu queixo e me beijou. Não queria que ele me beijasse daquele jeito, mas me forcei a ficar quieta. Estava com esperanças de que ele me deixasse ir.

— Você não consegue nem enganar, não é? — o tom dele era de raiva.

Empurrou-me para cima da cama. Caí meio de lado, por causa da posição em que estava e o Bruno pulou em cima de mim. Estava me apalpando. Tentei empurrá-lo para longe, mas ele era maior, mais pesado e mais forte do que eu.

— Solta! — gritei e tive certeza de que o meu gritinho soou histérico.

Alguém começou a bater na porta, naquela hora. Bruno não estava interessado nisso. Estava tentando puxar a minha blusa para cima, enquanto eu tentava puxá-la para baixo. Por um instante, achei que ele iria conseguir me forçar a fazer sexo com ele.

A porta se abriu de supetão. Lucas havia ido de ombro contra ela. A cadeira voou e bateu no chão. Tive um momento de alívio, que foi substituído pelo horror de como aquela cena deveria se parecer aos olhos do irmão do Bruno. Para todos os efeitos, nós estávamos na cama. Ele poderia muito bem pensar que nós estávamos prestes a fazer o que não devíamos. Meus olhos encheram-se de lágrimas.

Lucas parou, como se estivesse tentando entender o que ele estava vendo e eu me senti a mais inferior e assustada das criaturas. Aquela foi a hora em que o Bruno de fato saiu de cima de mim e partiu para cima do irmão.

— Seu filho da mãe! — o Bruno gritou, com raiva.

Daquela vez, Lucas não tentou apaziguar. Ao invés disso, partiu para a briga. Os dois pareciam duas crianças se empurrando e tentando dar socos. Eu estava sem reação. Se eu tentasse entrar no meio, iria sobrar para mim.

A princípio aquela parecia que seria uma briga de crianças, mas isso foi até os socos começarem a acertar seus alvos. Bruno poderia ser maior e mais forte, mas Lucas era o mais ágil dos dois. Conseguia evitar boa parte dos socos, o que irritava ainda mais o Bruno. No fim, o irmão mais velho já estava cansado e o Lucas conseguiu derrubá-lo no chão e firmou-o com um joelho nas costas.

O mais inesperado, então, aconteceu. Bruno tentou se soltar e, quando não conseguiu, começou a chorar. Lucas soltou-o e cambaleou na direção da parede. Encostou as costas contra a parede e deixou-se deslizar até o chão. Olhou-me por um breve instante naquela hora, mas sua atenção logo voltou para o irmão.

Bruno rastejou até sentar encostado no criado mudo. Tinha colocado as mãos na frente do rosto, mas dava para saber que ele ainda estava chorando.

— Filho da mãe — disse para o Lucas, sua voz estava entrecortada. — Você sempre quis o que era meu.

— Que droga é essa? — Lucas parecia hesitante.

— Não podia ficar longe da minha namorada?

Lucas ficou pálido naquela hora. Acho que ele não estava esperando a acusação. Deu para ver a expressão de culpado no olhar dele, especialmente quando olhou para mim. A carapuça tinha servido com perfeição.

— Bruno, eu... — Lucas começou, mas não conseguiu terminar.

— Cala a boca! — Bruno gritou e, depois, como se tivesse perdido toda a vontade: — Você a roubou de mim.

Naquela hora, foi como se eu houvesse deixado de existir ali. Os dois estavam conversando sobre mim, mas ninguém me olhava e ninguém falava comigo. O que o Lucas respondeu foi:

— Cara, eu não sei o que aconteceu, mas eu gosto dessa menina.

Eu não sabia onde me esconder naquela hora. Do jeito que os dois estavam falando, era como se houvesse acontecido de verdade alguma coisa entre eu e o Lucas e não só uma troca de beijos.

— Você é um traidor filho da mãe! — Bruno gritou para ele. — Se faz de santo e, na primeira oportunidade, dorme com a namorada do seu irmão!

Lucas levantou e foi na direção dele. Achei que iriam voltar a brigar, mas ele apenas colocou as mãos nos ombros do Bruno. Os dois se olharam.

— Eu não fiz nada disso com a sua namorada — Lucas disse, em uma voz calma. — Mas eu a beijei. Desculpe ter feito isso, cara. Não deveria ter feito.

Bruno sacudiu a cabeça, estava parecendo uma criancinha. Começou a soluçar naquela hora. Eu não conseguia entender o que ele estava dizendo para o Lucas, mas o outro estava passando a mão em seu ombro, como se estivesse tentando consolá-lo.

— Devagar, cara — era o Lucas pedindo.

— Eu fiz uma bagunça de tudo — essa parte das palavras do Bruno eu consegui entender. — É sempre culpa minha.

— Você não tem culpa de nada. Eu que errei — Lucas tentou contornar.

— Não... Foi naquele dia, eu briguei com ela. Depois, ela pegou o carro e saiu.

Ele estava falando da noiva.

— Foi minha culpa — o Bruno resmungou. — Nada vai ser igual de novo. Ela não é igual. É só uma substituta pobre, mas era só o que eu tinha. E você me roubou ela, Lú. E agora, hein?

“Substituta pobre”. Era só isso que eu era para o Bruno. Eu já deveria saber, mas ainda assim doía quando ele dizia as palavras. Ao menos eu pensava que ele gostava da minha companhia.

Eu levantei e os dois pareceram perceber que eu estava ali.

— Vai embora — foi o que o Bruno disse para mim. — Não precisa voltar. Eu não quero que você volte.

Peguei a minha bolsa que havia caído no chão em toda a confusão e saí para o corredor. Eu deveria ter me irritado mais, ou me magoado mais, mas tudo que eu conseguia pensar era que eu estava livre. Haviam me colocado em liberdade.

— Ana! — Lucas me chamou e eu parei.

Estava parado na porta do quarto. Não fazia ideia do porquê de ele ter me chamado. Ainda estava meio em choque com tudo que estava acontecendo. Nós nos olhamos.

— Desculpe — foi o que o Lucas disse. — Ele é meu irmão. Ele precisa ser mais importante para mim. Eu não vou te procurar.

Estava bem na porta, quando estava dizendo isso. Eu sabia que era porque ele queria que o Bruno escutasse. Apenas acenei com a cabeça, virei-me e saí pelo corredor.

Era isso. Os dois haviam terminado comigo. Foi só quando eu pisei do lado de fora que tudo desmoronou. Lucas tinha terminado comigo. Nós não tínhamos nada e nem iríamos ter. Não era terminar com o Bruno que estava me fazendo chorar, era porque o Lucas não iria ter nada comigo.

Eu estava soluçando quando cheguei até a rua. Vi que havia um ônibus vindo do outro lado e me apressei para atravessar. Não sabia para onde ele estava indo, só sabia que era para longe dos dois.

Mas eu não cheguei até o outro lado da rua. Fui interrompida e não por quem eu queria, mas por um carro. Eu nunca tinha sido atropelada. Aquele definitivamente não era o meu dia.

22. Então viva...

Acordei com a maior das dores de cabeça. Mais sorte que juízo, era o que a minha mãe dizia. Eu achava que havia acabado de gastar todo o resto de sorte que eu pudesse ter.

Quando eu acordei a primeira vez, ainda meio grogue, tinha pensado que tudo aquilo era um sonho. Pedro estava andando do lado da maca. Claro que eles iriam chamar o sujeito. Ele era o meu contato para emergências. Voltei a apagar e fui acordar de verdade, toda dolorida, um bom tempo depois.

Estava na enfermaria. Havia me arranhado bastante e, para variar, tinha quebrado mais um osso. O da perna dessa vez. Eu era mesmo uma pessoa premiada. Estava cheia de dores e o Pedro estava sentado em uma cadeira ao lado da cama. Eu deveria ser mesmo a pessoa mais sortuda do mundo.

— Acordou, Aninha? — perguntou e o jeito dele era hesitante.

Eu estava com os olhos abertos. Era meio óbvio que eu estava acordada. Não queria falar com o Pedro e virei o rosto para o lado.

— Desculpe, Aninha! — ele disse e sua voz meio que falhou. — Eu deveria ter tentado mais.

Que porcaria era aquela que ele estava falando? Acabei olhando para ele, mais por perplexidade do que qualquer outra coisa.

— Você não precisava ter feito isso... — continuou e eu não fazia nenhuma ideia do que ele estava falando.

— Do que é que você está falando? — olhei para ele, dessa vez.

O Pedro parecia patético. Estava usando o uniforme do serviço. Havia sido lá que o localizaram, claro. Era o dia em que ele trabalhava para não ter que encontrar comigo.

— De ser atropelada, é disso que eu estou falando.

Aquilo me surpreendeu.

— Você acha que eu fiz de propósito? Está maluco? — minha voz talvez tenha saído um pouco alta demais.

— Eu não sei mais o que pensar, Aninha! — Pedro disse e deixou as mãos caírem do lado da cadeira.

Eu tinha esquecido que ele me chamava de Aninha. Minha mãe era quem ele chamava de Ana, o nome dela era Ana Clara. Fazia seis meses que eu não falava com o Pedro e havia feito questão de esquecer tudo sobre ele. Mas não tem como esquecer treze anos de convivência afinal, treze anos não são treze dias. Caramba, ele tinha ficado perto de mim por mais tempo que a minha mãe.

— Eu não tentei me matar — deixei escapar um suspiro enfadado. Eu só fiz a burrada de atravessar a rua sem olhar. Eu não sei o que é que você está pensando, mas o mundo não gira em torno de você.

Havia copiado a frase que o Bruno havia me dito e só percebi isso depois de dizer. Isso trazia a minha mente de volta, não para o Bruno, mas para o Lucas. Como eu queria que ele estivesse ali!

Inesperadamente, Pedro começou a chorar. Aquele deveria ser o dia para as pessoas resolverem fazer isso. Fiquei olhando para ele, incrédula. Para mim, não encaixava ver um velho como ele chorar, era uma coisa surreal.

— O que é que eu iria fazer sem você, Aninha? Só sobrou você!

Claro que só tinha sobrado eu. Não eu e o Pedro. Era só eu. Era a última. Por que isso deveria importar para ele?

— Eu não quero te perder — ele choramingou e segurou a minha mão.

Como é que ele poderia me perder se eu nunca havia sido dele? Era um idiota.

— E tem um ótimo jeito para mostrar isso — resmunguei, sentindo completamente desconfortável. — Você poderia ter me matado.

Pedro recuou na cadeira naquela hora, como se eu houvesse lhe dado um tapa.

— Eu não queria te machucar, mas você me atacou — ele protestou.

— Você deveria ter me entregado para a polícia, então! Mas quem é que iria acreditar em você?

— Como é que eu iria te denunciar? Droga, Ana Maria! Você é a minha menininha! — a voz dele soou estranhamente patética. — Eu queria tanto que você fosse minha filha!

Imaginei, por um instante, que aquele não poderia ser o Pedro. ETs deveriam tê-lo abduzido trocado por um clone. Afinal, o Pedro tinha ficado com o meu irmão e eu porque não tinha outra opção. Era isso que eu sempre havia acreditado. Por que ele iria querer que eu fosse filha dele?

— Sua mãe dizia para dar tempo, que você iria se acostumar com tudo. Você era tão ligada ao seu pai, era normal que você demorasse a me aceitar. Ela dizia que o tempo iria resolver tudo, que eu só precisava ter paciência. Eu tive paciência... Mas ela morreu e nada mais ficou bem — Pedro estava tentando engolir o choro, eu podia ver o esforço dele. — Eu nunca teria desistido que você pudesse mudar de ideia. Acho que eu deveria ter insistido... Mas eu estava tão triste. Depois, ainda o seu irmão... Eu deveria ter sido mais presente, deveria ter tentado mais. Desculpe, Ana Maria, por favor me desculpa.

— Para! — pedi.

Minha mente estava dando nós. Marina havia me dito uma vez que o Pedro me olhava estranho. Ela havia o chamado de velho tarado. Eu nunca tinha reparado nada. Para mim, o Pedro sempre tinha estado lá. Um incômodo, nunca uma ameaça. Ele me olhava porque esperava que eu fosse olhar para ele também? Não um olhar de malícia, mas de afeto? Isso eu não conseguia conceber.

— Você quebrou o meu braço, Pedro.

— Ah, Ana Maria... Eu deveria ter lidado diferente com você naquele dia. Você estava bêbada. Deveria ter deixado para falar outra hora.

— Eu não estava bêbada — resmunguei. — Talvez um pouquinho. Se serve de consolo, eu não queria te esfaquear. Não de verdade. Não sei o que deu em mim naquele dia.

— Eu sei — Pedro sorriu para mim. — Você nunca foi violenta. Era teimosa, mas ainda assim era a minha garotinha. Foi por isso que me aborreceu tanto o que haviam falado de você.

— Eu não estava me prostituindo — defendi-me.

Eu estava sendo promíscua. Era diferente, mas eu não iria dizer isso para ele.

— Eu deveria ter te escutado — ele sacudiu a cabeça. — Deveria ter acreditado em você.

— O que passou, passou — funguei, estava começando a ter um caso sério de alergia. — Eu fiz uma bagunça tão grande... Com a minha vida.

— Não chora, Aninha — o Pedro colocou a mão em cima da minha.

— Por que você precisaria me consolar? — funguei de novo. — Só porque o meu namorado terminou comigo?

— Foi por isso que você atravessou sem olhar?

— Eu estava chorando. Nem cheguei a ver carro nenhum — funguei e, dessa vez, tive que limpar uma lágrima nos meus olhos. — Eu não deveria ficar desse jeito... Achei que estava vacinada contra isso.

— Você gosta mesmo desse rapaz, então? Mais do que aquele outro?

Caramba! Eu tinha esquecido que o Pedro conhecia o Dado. Até tinha tentado me avisar que o Dado era velho demais para mim, mas naquela época meu relacionamento com o Dado era platônico.

Se eu fosse contar, também, o Dado não era muito mais velho que o Bruno. Talvez a diferença parecesse maior porque eu era muito jovem.

— Não. Dele eu não gostava tanto assim — falei e, dessa vez o Pedro teve que tirar o lenço do bolso para me oferecer. — O problema não foi o Bruno ter terminado comigo, mas o Lucas.

Fiquei surpresa que as lágrimas estivessem caindo tão grossas, mesmo que eu não estivesse com vontade de chorar. Estava deixando o lenço do Pedro todo úmido. O Bruno ter terminado tudo, não me machucava. O que me machucava era que eu não iria mais ver o Lucas. Era estranho e patético. Eu não havia sequer chegado a dormir com ele.

— Qual desses era o seu namorado? — Pedro parecia confuso.

— O Bruno.

— E o outro?

— É o irmão dele — respirei fundo e tive vontade de rir. — Caramba, Pedro. Minha vida é uma novela mexicana!

Não aguentei. Estava rindo e chorando ao mesmo tempo. Pedro me olhou como se não entendesse mais nada e achasse que eu havia ficado completamente pinel.

— Eu namorava o Bruno — repeti. — Mas acabei me apaixonando pelo irmão dele.

— Que tragédia! — ele murmurou. — E o que foi que aconteceu?

— Nenhum dos dois quis ficar comigo, no final das contas — respirei fundo, já estava conseguindo me controlar. — Ninguém fica comigo, Pedro. Devo ser bichada, sei lá.

— Você é muito nova para namorar a sério.

Eu não sabia se eu tinha mais vontade de chorar por tudo que havia acontecido, ou se era pela tentativa do Pedro em me consolar.

Era difícil acreditar que ele estivesse preocupado comigo a ponto de tentar fazer eu me sentir melhor.

Eu nunca gostei de ter o Pedro por perto, mas aquilo era o meu próprio preconceito. O fato de o Pedro ter tomado o lugar do meu pai nunca havia me descido. Mas eu nunca havia me colocado no lugar dele e pensado em como tinha sido para ele perder a mulher que ele amava e acabar com duas crianças que o detestavam.

O Pedro não era nenhum santo e nem precisava ser. Não existiam santos no mundo. Mesmo as pessoas que eram boas demais acabavam magoando as outras, como o Lucas havia me magoado. Apesar disso, o Pedro sempre esteve lá por nós. Mesmo que nós não o quiséssemos. Ele cuidou das coisas, às vezes não muito bem, mas ele havia tentado. Isso era o mais importante.

Como o Pedro precisava trabalhar, eu ficaria sozinha na enfermaria à noite. Quer dizer, tão sozinha quanto se poderia estar quando há outras famílias e doentes resmungando. Tive que insistir para que ele fosse trabalhar. Eu iria ficar bem.

A verdade era que eu estava precisando de espaço. Precisava de tempo para pensar em tudo. Não só sobre o Pedro, mas sobre tudo na minha vida. Mais do que qualquer coisa, eu estava confusa e perdida.

Foi uma surpresa quando eu vi o Dado entrar, carregando um buquê pequenininho de flores. Ele me viu logo ao entrar e abriu um sorriso largo.

— Oi, florzinha — ele me deu um sorriso franco. — Para você.

Entregou-me as flores e puxou a cadeira para perto da cama. Era típico do Dado, chegar de surpresa sem se importar se eu queria que ele estivesse ali, ou não.

— Falaram que você enfrentou um carro — ele disse, com um jeito tranquilo.

— O que é que você está fazendo aqui? — perguntei, assim que recuperei a minha voz.

— O Pedro ligou para a Marina, para avisar que você estava aqui e pediu para ela fazer uma visita. A Marina delegou. Ela sempre delega, você sabe — ele disse e puxou a cadeira para perto da cama. — Eu estava ficando com saudades de você. Você não aparece mais.

— Bom, eu tenho os meus motivos — resmunguei.

— Quais seriam eles?

— Eu não quero te ver — encarei. — É bem simples. Vocês dois estão juntos. Não existe lugar para mim.

Dado segurou a minha mão e beijou os nós dos meus dedos. Eu não puxei minha mão, eu não tinha problemas que ele demonstrasse afeto, não mais. Não era mais ele quem confundia a minha cabeça e que mexia com o meu coração. Ele era apenas uma sombra do passado.

— Eu poderia fazer a brincadeirinha que existe lugar para você, mas você deixaria de me respeitar — sorriu. — Isso é uma coisa que eu sempre gostei em você, Ana Maria, você decide alguma coisa e permanece fiel à sua escolha.

Dado levantou e pensei que ele poderia estar querendo ir embora. Pegou, então, um vaso de plástico que estava no criado mudo e foi até o banheiro para enchê-lo d'água. Voltou e ajeitou as flores dentro. Ficou um arranjo apresentável.

— Eu não podia ficar — foi só o que me ocorreu de dizer.

— É, eu sei.

Dado ainda estava de pé e mexeu no meu cabelo.

— Está embaraçado. A gente deveria arranjar um pente — ele disse.

— Eu não me importo.

— O rapaz não vai vir te visitar?

— A gente terminou.

— Que bom. A Marina vai ficar mais tranquila. Ela estava preocupada com você. Disse que o sujeito era um maluco.

— Um pouco maluco, um pouco só, um cara com problemas — suspirei. — Não faz mal, não faz diferença.

Ele tornou a sentar. Estava olhando para mim com uma expressão complacente. Não queria ver pena no olhar dele, mas eu estava com um pouco de pena de mim mesma.

— Eu fui apaixonada por você — achei que era uma hora tão boa quanto qualquer outra para me humilhar ainda mais.

A resposta que ele me deu, sem alterar a voz ou demonstrar alguma surpresa foi:

— Eu sei, Ana Maria.

Também não deveria ser uma surpresa que ele soubesse. Eu nunca tinha sido uma pessoa boa em esconder o que eu estava sentindo. Eu sempre imaginava se existiria alguma chance de eu superar o Dado, mas naquele instante eu acreditava que não havia maneira de eu superar o Lucas.

— Você sempre foi a minha garota favorita — ele apoiou o braço na cama. — Sempre me admirei em como você é forte.

— Não sou forte, sou só uma garota perdida — respondi.

— Você é forte, Ana Maria. Você não precisa de ninguém.

— Eu já precisei de você.

— Preciso, exatamente. Você não precisa mais de mim ou de pessoa alguma. Eu quis te salvar até o instante em que eu percebi que eu não precisava fazer isso. Você é uma batalhadora. Essa é a diferença entre você e a Marina, a diferença básica. A Marina é só uma garota mimada que a qualquer instante pode se quebrar. Ela

pensa que é forte, mas ela não sobreviveria ao que você passou.
Você é uma sobrevivente.

— Eu não quero sobreviver — retruquei. — Eu quero viver.

— Então, viva, Ana Maria — ele me deu um daqueles sorrisos
que há muito tempo eu tinha achado que poderia mover o mundo.
— Então, viva.

23. Colocando a casa em ordem

Voltar para casa foi uma coisa estranha, ainda mais com o Pedro cheio de cuidados em volta de mim. Eu não podia fazer muita coisa além de ficar com a perna em cima do sofá vendo televisão o dia todo.

Achei que iria virar uma criatura chorosa que não conseguia fazer nada, que iria me acabar em depressão porque tinha perdido o Lucas, mas não foi bem assim. Eu chorei, claro. Xinguei, também. Vi um monte de filmes melosos e li todos os livros água-com-açúcar que o Pedro havia comprado no sebo para mim. O que aconteceu foi que, quando as lágrimas secaram, sobrou muito tempo para pensar na minha vida.

Eu queria acreditar no que o Dado havia me falado. Queria acreditar que eu era corajosa, batalhadora e que sobreviveria. A questão era que eu estava tremendo feito uma vara verde. Eu não tinha nenhuma perspectiva de vida, eu não sabia o que aconteceria no futuro. Tudo que eu sabia é que eu queria que ele fosse diferente do que o passado havia sido. Eu não seria mais vítima de coisa alguma, inclusive de mim mesma.

Eu sempre havia me colocado em uma posição em que eu poderia ser a vítima. Tinha abusado da sorte mais vezes do que poderia contar e estava cansada disso. Era o que eu havia dito para o Dado: eu queria viver. Do jeito que eu estava, eu só existia. Eu precisava de mais do que aquela vidinha que eu vinha levando. Precisava fazer tudo diferente.

A primeira coisa que eu pensei foi que eu precisava voltar a estudar. Mudar de ares, mudar meu círculo de convivência, fazer novos amigos, eram essas coisas que eu estava precisando. Fiquei pensando no que eu poderia fazer e achei que Secretariado Executivo Bilingue pudesse ser uma boa ideia.

Sentei com o Pedro para falar sobre o assunto. Quer dizer, ele sentou. Eu já estava sentada. Não aguentava mais sempre ficar sentada por causa da perna. Às vezes, eu conseguia fingir que estava de férias por escolha e não de férias forçadas, mas a verdade era que a ociosidade estava me matando.

O Pedro gostou da ideia de eu voltar a estudar. Se eu fosse fazer isso, porém, eu iria ter que arrumar outro emprego. Trabalhar para a Sofia era legal, mas pagava muito pouco. Eu iria precisar ganhar mais, se eu fosse pagar as mensalidades.

— Ou você pode vender a casa — foi o que o Pedro me disse, pensativo. — Ficou grande demais só para nós dois, mesmo.

— Eu? Vender a casa? — estranhei. — Como é que eu iria fazer isso?

— Porque ela é sua — ele coçou a cabeça. — Ninguém nunca tinha te dito isso?

— Como é que é? — sacudi a cabeça, sem entender nada.

— Como o seu irmão sabia, eu achei que você também soubesse.

— Achei que meu pai tinha comprado essa casa para a minha mãe — hesitei. — Ele comprou para mim?

Pedro sorriu, mas não era um sorriso feliz. Parecia mais um sorriso de desgosto.

— Acho que ele pode ter comprado a casa para a sua mãe, mas ele a colocou no seu nome. Acho que se ela quisesse mesmo vender, poderia ter entrado na Justiça, ou qualquer coisa assim — Pedro encolheu os ombros. — Se ele tivesse continuado incomodando, talvez ela teria feito isso.

Fiquei olhando para ele, completamente embasbacada. Não conseguia acreditar no que ele estava dizendo. Aquela casa era minha? Eu sempre tinha pensado que eu tinha um quinhão da casa e o Pedro tinha outro. Estava sem palavras.

— Ao menos isso ele fez por você — o Pedro continuava com aquele jeito de quem havia tomado leite azedo.

— E você pagou todos os impostos, tudo, mesmo a casa não sendo em parte sua? — estava ainda tentando entender em que pé nós estávamos.

— Aninha, uma das coisas que eu prometi para a sua mãe era que eu nunca iria deixar você perder essa casa por negligência. Eu posso não ser a melhor pessoa do mundo para cuidar das coisas da casa, você sabe que eu sempre me perco com a data das contas, mas eu sempre paguei certinho os impostos — Pedro deu uma risadinha. — Este mês eu me lembrei das contas, já que você está impossibilitada de pegar o dinheiro na minha carteira.

Fiquei olhando para o Pedro, estava mais chocada ainda. Ele não se zangava por eu pegar dinheiro na carteira dele, ele sabia que eu fazia isso por causa das contas.

— Você sempre foi muito melhor para administrar dinheiro do que eu e o seu irmão — ele completou, com alguma tristeza.

Nunca pensei que o Pedro pudesse sentir falta do meu irmão. Nunca, também, tinha pensado que ele pudesse se sentir um pouco culpado com tudo aquilo. Eu nunca tinha pensado realmente que ele pudesse se sentir responsável por nós. Sempre tinha achado que nós éramos apenas um empecilho para ele.

Senti-me culpada por ter julgado o Pedro durante tanto tempo. Se eu tivesse parado para pensar no que ele poderia estar passando, talvez eu tivesse facilitado um pouco as coisas para ele.

Não podemos mudar o passado, mas podemos fazer um novo futuro.

Não voltei para o *Café*, depois que tirei o gesso. Nós havíamos colocado a casa a venda, mesmo que aquilo me doesse um pouco no coração. Eu tinha crescido naquela casa. Era o meu mundo, era

tudo que eu conhecia. Eram as lembranças de toda a uma vida e de pessoas queridas que eu havia perdido.

Pedro tinha me arranjado umas apostilas para eu estudar para o vestibular. Estudar acabou sendo uma boa distração. Eu lia até no ônibus, quando ia para a fisioterapia.

— Oi, Amélie! — escutei em um daqueles dias, no ônibus.

Levantei os olhos da leitura. Era meu amigo da locadora de vídeo.

— Otto! Há quanto tempo! — soltei, sem ao menos pensar.

Ele deu uma boa risada e pediu para sentar do meu lado. Concordei com a cabeça, fechando a apostila.

— Sabe? É a primeira vez que você acerta o meu nome! — ele disse, bem disposto. — Você sempre me chamava de Otis, ou de Otávio.

Sorri, meio sem graça. Queria dizer que eu estava brincando com ele, mas na verdade eu era péssima com o nome dele. Normalmente, eu não era ruim com nomes, mas eu não sabia porque eu sempre esquecia o nome dele.

— Seu pai disse que você tinha quebrado a perna — ele continuou falando, alheio.

— Resolvi enfrentar um carro e perdi. A moral da história é: carros são duros — sorri, sem jeito.

Estranhamente, não me incomodou tanto que ele dissesse que o Pedro era meu pai. Normalmente, eu me apressaria em corrigir. Agora, não me incomodava mais.

— Que mau — ele deu uma risadinha. — Vou tentar me lembrar disso.

Dei uma olhada para fora, para ver onde nós já estávamos. Fiquei pensando se não seria legal aprender a dirigir. Talvez o Pedro me deixasse pegar o carrinho velho de vez em quando.

Acabei lembrando que ele nos levava naquele carrinho, a Marina e eu, até o clube para tomar banho de piscina no verão. Ficava por perto e tomava cerveja, mas nunca se incomodou de ter que esperar. Pelo menos, nunca havia reclamado.

— Esquentou bastante, né? — Otto continuava tentando puxar assunto.

— É que o verão está quase chegando — observei.

O tempo definitivamente passava rápido quando se estava ocupado com alguma coisa. Estávamos mesmo quase no verão. Havia sido no outono que eu havia conhecido o Bruno. Duas estações tinham se passado nesse tempo, meio ano.

— Eu estava pensando — ele começou hesitante. — A gente poderia sair um dia desses.

Não era exatamente uma pergunta inesperada. Achei que ele deveria estar juntando a coragem fazia algum tempo. Eu não estava namorando ninguém. Poderia muito bem aceitar o pedido do Otis — ou Otto. Só que isso seria apenas tentar preencher um vazio. Eu não queria outro namorado. Do jeito que eu estava, ficaria feliz em virar solteirona.

Não era que eu não acreditasse no amor. Eu achava que ele pudesse dar certo, mesmo que eu não tivesse tido nenhum exemplo disso na minha vida. O problema era que o amor não era para mim. Eu era uma daquelas pessoas destinadas à solidão. Estava tudo bem assim, eu não queria precisar de ninguém.

— Ah, sabe o que é, Otto? Eu acabei de terminar com um namorado. Não estou no ânimo para sair com ninguém — foi a minha resposta.

Se ele ficou decepcionado, não demonstrou. Nós nos despedimos no centro da cidade e eu disse que um dia desses passaria na locadora para nós conversarmos. Era mentira, mas acho que ele sabia disso.

Eu não me lembrei de me despedir dele, também, antes de nós nos mudarmos. Talvez eu tenha esquecido de propósito. Ainda estava com medo de ter uma recaída e cair nos braços da primeira pessoa que me tratasse direito. O Otto merecia mais do que isso. Eu também merecia.

24. Enfrentando fantasmas

Quando você se mantém ocupada, as coisas andam bem rápido. Não sabia se elas estavam andando bem, ou não, mas eu estava tentando. Era mais do que eu já havia feito em minha vida, tentar. Geralmente, eu me via como se estivesse presa ao destino. Era a primeira vez que eu realmente estava pegando as rédeas e estava gostando disso.

A mudança ocupou bastante o meu tempo. Tive que decidir o que precisaria ir embora e o que iria ficar, já que o apartamento novo era pequeno em comparação com a casa. Foi um pouco difícil me desfazer de algumas coisas que havia sido minha mãe quem tinha comprado para casa. Coisas pequenas, como os patinhos de cristal, eu quis levar junto, mas muitos móveis, muitas coisas, tiveram que ser doadas.

O violão velho foi uma questão à parte. Eu não o queria mais. Tinha muitas lembranças atreladas a ele que não valiam a pena. É claro que ele carregava lembranças boas, também. Foi por isso que eu hesitei. Acabou que o Pedro arranhou de dar o violão para o filho de um colega que estava querendo aprender a tocar. O garoto passou na casa para pegá-lo, logo antes de nós nos mudarmos. Era um menino magrelo de dez anos. Achei que não havia pessoa melhor para levar aquela coisa embora.

Cortei o cabelo na semana antes de começar na faculdade. Foi um pouco radical, cortar na altura dos ombros, já que eu já tinha me acostumado há muito tempo com o cabelo mais comprido. O cabeleireiro tentou me convencer a fazer uma franja, mas eu não queria ser a Amélie Poulain de novo. Isso sem contar que franjas me deixavam com uma cara de menininha. Eu não queria mais ser menininha.

As aulas começaram em fevereiro. Era uma experiência completamente diferente do colégio. Para começar, eu era mais velha do que uma boa parte dos meus colegas, já tinha completado

vinte e um. Havia alguns que eram espetacularmente mais velhos do que eu, claro, mas eu não estava acostumada a ter tantas pessoas com idades tão diferentes em uma sala de aula.

Também não quis começar a namorar na faculdade. Se eu não estivesse tentando mudar tudo, *fazer* diferente, provavelmente teria feito o mesmo que eu fiz depois do Dado. Iria acabar sendo a garota mais popular entre os rapazotes de dezoito. Só que eu não queria repetir antigos erros. Era a primeira vez que eu estava realmente sozinha curtindo a minha fossa. Acabei ganhando uma fama de difícil pela primeira vez na minha vida.

Logo nas primeiras semanas de aula, tomei um susto no corredor.

— Mariazinha! — alguém me chamou e era a Samy.

A gente acabou se abraçando como se fôssemos velhas amigas, apesar de não termos tido exatamente uma amizade quando trabalhávamos juntas.

— Que bom te ver aqui! — ela disse e era tão espontânea que era impossível não sorrir. — Eu fiquei triste quando você não voltou para trabalhar. Quis te visitar no hospital, mas você já tinha ganhado alta e eu não sabia onde você morava.

— O que é que você está fazendo aqui, garota?

— Finalmente tomei rumo na vida! — ela deu uma risadinha. — Estou fazendo Psicologia.

— E o trabalho? — perguntei.

— Ah, larguei. Meu pai ficou tão feliz que eu passei no vestibular que disse que eu não preciso trabalhar até me formar. Vou viver de mesada. Curtir a vida — fez uma pausa e me olhou. — E o namorado? Como é que vai?

Era uma longa história e eu acabei derramando tudo para ela naquela noite mesmo, na cantina. A Samy gostava de escutar. As noções dela poderiam ser um pouco românticas, mas ela era uma

boa garota e eu estava querendo me cercar de pessoas boas e decentes. Quem sabe eu não poderia aprender com ela?

— Acho que nunca mais vou querer gostar de alguém — respirei fundo. — Eu não tenho sorte com os homens, não tem jeito.

— Eu acho que foi o seu destino que vocês se encontrassem — ela disse, com uma expressão pensativa. — Se vocês não tivessem se encontrado, você não teria dado essa reviravolta na sua vida. Você está parecendo completamente diferente, Ana Maria.

— É só o cabelo — eu sorri. — Eu acho que continuo igualzinha.

— Que nada! Você está com um jeito diferente. Mais calma, mais madura.

— Efeito colateral da dor de cotovelo? — acabei rindo.

Samantha passou a mão no meu braço, procurando me consolar.

— A gente deveria fazer o que eu sempre faço quando fico com dor de cotovelo — deu uma risadinha.

— Toma um porre? — hesitei, não estava planejando voltar a beber.

— Que nada! Eu vou ler a minha sorte! Conheço uma cartomante que é ótima. Ela sempre diz que eu vou me apaixonar por um cara decente, mas até agora nada. Não faz mal, porque eu pago é para ela me fazer sentir bem. Dar esperança, sabe?

— Samy, estou chegando à conclusão de que você sabe das coisas.

— Às vezes, tudo que a gente precisa é acreditar.

Samy era uma criança feliz. Acreditar na felicidade poderia mesmo tornar as pessoas mais felizes? Talvez fosse uma teoria que pudesse valer a pena testar.

Mesmo que eu houvesse dito para a Samantha que eu não queria namorar, ela ficou obcecada em me arranjar um namorado.

Ficava me fazendo propaganda dos amigos dela e todo tipo de coisa. De tanto ela tentar me convencer, eu acabei aceitando sair com a Samy, o namorico dela e um amigo dele.

Era um programa dos mais inocentes: almoço no shopping e cinema depois. Eu deveria estar de volta em casa até as sete da noite, se tudo corresse bem. Samy insistiu para que eu a encontrasse antes. Achei que ela queria me dar mais detalhes sobre o rapaz, que eu sabia que não iria ter nada em comum comigo, mas eu apenas estava indo para agradar a minha amiga. O que ela queria, porém, era ter certeza de que eu estaria usando maquiagem.

Acabou me fazendo usar batom e a sombra que ela tinha na bolsa, porque ela achou que eu não estava bonita o suficiente. Eu ri e tentei dizer a ela que não havia como eu ficar tão bonita quanto ela queria que eu ficasse, mas a Samantha não queria aceitar.

Entramos na praça de alimentação do shopping, as duas de braços dados e rindo. Ela estava descontraída, falando do filme que iríamos assistir, que era uma comédia romântica. Eu estava achando graça da empolgação dela, porque os rapazes provavelmente prefeririam assistir a um filme de ação. Pessoalmente, eu achava que os melhores filmes para encontros eram filmes de terror. Uma pessoa sempre pode fingir que está mais assustada do que realmente está para chegar mais perto da outra.

Eu estava escutando a Samy e os meus olhos passaram pela praça de alimentação e estacaram em uma mesa. Quando os olhos pararam, o resto do corpo achou conveniente parar também. Isso acabou dando um puxão do braço da minha amiga, nós ainda estavam com os braços enlaçados.

— O que foi? — a voz dela pareceu preocupada.

Eu não sabia se a expressão dela também estaria tão preocupada quanto a sua voz, porque eu não conseguia desviar o olhar.

— É o meu pai — minha voz parecia ter vindo de longe.

Deveria fazer uns quatorze anos que eu não via o meu pai. Eu não achava que conseguiria reconhecê-lo, se eu o visse, mas ele havia mudado muito pouco. O cabelo estava mais grisalho, mas o rosto, o sorriso era o mesmo. Ele não me viu e eu me perguntei se eu deveria falar com ele.

— O seu pai de verdade? — a Samantha perguntou, seguindo o meu olhar. — Aquele que se mandou?

Concordei com a cabeça. Aquele que tinha se mandado, ou que a minha mãe havia colocado para fora, eu não saberia dizer.

— Vai falar com ele — ela soltou o meu braço e me deu um empurrãozinho.

— Mas e o almoço? E o filme? — olhei para ela, talvez eu estivesse buscando uma desculpa para evitar aquele confronto.

— Você nem estava a fim de ir. Do jeito que eu vejo, essa é uma oportunidade que você não pode perder — sorriu. — Além do mais, eu sempre adorei reconciliações. Vai lá, Ana Maria, coragem!

Coragem era uma palavra fácil de falar, mas difícil de sentir. Se a Samantha não estivesse me empurrando, provavelmente eu teria ficado na metade do caminho. Depois disso, meus pés foram na sua própria velocidade.

Meu pai estava sentado em uma mesa, com uma bandeja a sua frente. Havia um homem sentado do outro lado da mesa, mas eu não estava vendo nada além do meu pai. Só consegui parar quando cheguei ao lado dele. Foi o outro que me viu primeiro.

— Jonas — ele disse e acenou com a cabeça na minha direção.

Meu pai levantou os olhos e me viu. Ele tinha olhos verdes, eu não conseguia me lembrar disso sobre ele. Na fotografia que eu tinha, os olhos dele pareciam escuros. Vi a expressão de choque nos olhos dele.

— Ana Maria — ele disse, havia me reconhecido.

Era estranho que ele conseguisse me reconhecer, se eu havia me tornado tão diferente daquela garotinha magrela que ficava tentando chamar a atenção dele.

— Não vai apresentar a belezinha, Jonas? — foi o homem que estava almoçando com ele quem rompeu a magia do momento.

— É a minha filha — meu pai disse sério e, olhando para mim, disse: —Você cresceu. Com quantos anos você está?

Típico, ele não sabia a minha idade.

— Vinte e um — respondi.

— Vinte e um... A última vez que eu te vi você tinha sete — o tom dele parecia um pouco perdido.

O homem que estava com ele levantou e me ofereceu a cadeira:

— Acho que vocês querem conversar.

Eu sentei e nem percebi que o outro estava se afastando. Apenas tinha olhos para o meu pai. Parecia que se eu tirasse os meus olhos de cima dele, desapareceria no ar. Não queria correr esse risco.

— Nossa, Ana Maria! Você está linda — meu pai sorriu. — Como está a sua mãe?

Ninguém nunca tinha avisado para ele o que havia acontecido? Ele estava para ter um choque e eu não estava com nenhuma vontade de amortecer as notícias.

— Ela morreu. Já faz dez anos — falei.

— Meus Deus... — ele pareceu chocado. — A última coisa que eu soube sobre ela era que ela estava se casando.

Percebi que havia um sentimento que estava borbulhando dentro de mim. Não era amor filial, nem compaixão. Era a pura, velha e simples raiva. Aquele homem havia me abandonado.

— Ela teve câncer — falei como se estivesse querendo colocar sal na ferida. — Perdeu todo o cabelo e, no final, ela não conseguia

nem comer. Nada foi a mesma coisa depois que ela morreu.

O olhar dele parecia triste, mas eu não iria sentir empatia por ele. Não estava disposta a isso.

— Meu irmão morreu também — eu não conseguia disfarçar a raiva na minha voz.

— Como? — a expressão dele ficou chocada.

Eu lembrava que o meu pai costumava gostar do meu irmão. Poderia não ser filho dele, mas ele não fazia muita distinção na hora de comprar brinquedos, ou nos levar para passear. Inclusive, as primeiras lições de violão havia sido ele quem havia dado.

— Overdose — respondi e era quase como se eu estivesse contando uma história que houvesse acontecido a outra pessoa. — Fez de propósito, queria morrer.

— Meu Deus, Ana Maria! Eu não sabia disso... — a voz dele foi sumindo.

— Você também não fez questão de saber — eu retruquei. — Colocou uma filha no mundo e não queria saber se o mundo dela estava desmoronando ou não. Não se interessou se eu tinha o que comer, ou se o meu padrasto estivesse me molestando, ou que eu precisasse de você.

Pedro não tinha me molestado e, mesmo que houvessem faltado algumas coisas em casa, eu nunca havia passado fome. Mas ele não precisava saber disso. Talvez eu estivesse sendo vingativa, querendo que ele sofresse, mas eu estava com muita raiva.

— Eu comprei aquela casa...

— Ah, sim, porque iria ficar tudo bem porque nós tínhamos um teto em cima das nossas cabeças? — dessa vez a minha voz se alterou. — Adivinha? Não ficou.

— Eu não sabia! — a voz dele soou estranhamente desamparada.

— Você nunca se interessou em saber! — eu gritei de volta. — Você foi embora e nunca mais voltou.

— Sua mãe não me queria por perto.

— Eu sou sua filha. Você nunca tentou me ver. Você nunca moveu um dedo.

— Eu não podia entrar na Justiça para fazer a sua mãe deixar eu te ver. Minha mulher iria descobrir se eu fizesse isso.

— Você é casado...

Aquilo para mim foi um choque por um instante. Depois, tudo fez sentido. Porque ele não ficava tanto tempo quando ele vinha, tinha outra família. Não podia ficar porque tinha outras pessoas esperando por ele. Nós éramos a família de brincadeira dele.

— Eu era casado.

— Você é um imbecil — levantei de supetão. — Um idiota que não se preocupa com nada que não seja o seu próprio umbigo. Eu ficava esperando que você viesse me buscar, depois que a mamãe morreu, mas sabe o quê? Você me fez um favor! Você não presta!

E eu saí naquela hora. Poderia ter ido com a Samy e os amigos dela, mas eu queria ir para casa. Ir para casa e para o Pedro. O quão bizarro poderia ser aquilo?

Queria contar para o Pedro o que havia acontecido e esperar que ele me consolasse. De todas as coisas que eu poderia esperar fazer na minha vida, essa era uma que eu não cogitaria alguns meses antes: que eu pudesse gostar mais do Pedro do que eu gostava do meu pai. Considerando o canalha que o meu pai havia sido, isso não era muito, mas já era alguma coisa.

25. Para o resto de nossas vidas

Samantha teve que insistir muito para me fazer tentar aquele encontro de novo. Ela queria dizer que o incidente da outra vez era um presságio, mas ela estava começando a pensar que o mundo deveria ser mais científico. Apesar disso, quando não rolou nenhuma atração entre eu e o amigo do namorado dela, ela teve que admitir que ter encontrado o meu pai da outra vez deveria ter sido um sinal.

Meu pai tentou entrar em contato e isso deveria ser um esforço admirável, porque ele nos encontrou no lugar onde nós estávamos morando. Chegou a conversar com o Pedro um dia, mas não tentou falar comigo. Pedro disse que ele estava com medo das verdades que eu pudesse dizer a ele em uma segunda conversa.

— Ele tem bastante dinheiro, você sabia? — Pedro perguntou.

— E daí? Eu não quero o dinheiro dele — resmunguei. — Se eu precisasse de um rim, você acha que ele me dava?

— Rim, Aninha? Por que um rim?

— Daí eu iria saber que ele me ama de verdade.

— Se ele te desse um rim? — Pedro não entendeu.

— É — falei, convicta de que aquela era a lógica perfeita. — Um rim pode fazer falta. A qualidade de vida dele iria para o inferno. Se ele me desse um rim, eu teria certeza.

— Você não precisa de um rim.

— Quando eu precisar, eu o perdoo se ele me der.

Pedro caiu na gargalhada naquela hora. Eu não sabia o que poderia ser tão engraçado, mas eu também estava sorrindo. Não que eu não quisesse perdoar o meu pai, era só que eu precisava de tempo e de empenho para que isso acontecesse. Talvez um pouco de convencimento. Afinal, eu conseguia guardar rancores longos, o Pedro era testemunha disso.

No final das contas, eu acabei telefonando para o meu pai. Foi nas férias do final do ano, quando eu decidi que voltar a trabalhar seria uma boa. Pedro havia me dito que o meu pai tinha uma empresa, mas eu não estava interessada em trabalhar para ele. Ao invés disso, eu pedi para ele me ajudar com o meu currículo.

Falei com ele pelo telefone, o que não foi a melhor coisa do mundo, mas era mais para tentar ter algum tipo de comunicação do que qualquer outra coisa. Depois que passou o susto inicial, nós conseguimos conversar um pouco. Não combinamos nenhum reencontro, nem novos telefonemas, mas acho que ele sabia que era uma questão de tempo — eu sempre precisaria de muito tempo.

Foi com o meu novo currículo em mãos que eu fui parar naquele prédio. Havia uma agência de empregos no décimo andar. Era uma volta rápida, depois eu iria voltar para casa para fazer o almoço. Não era que eu andasse boazinha com o Pedro, era que eu tinha pegado gosto por cozinhar de novo.

Entrei no elevador para descer e fiquei em um canto, evitando as outras pessoas. Tinha um sujeito no elevador que estava olhando para mim, mas eu estava evitando olhar na direção dele. Isso foi pelo menos até a pessoa que estava entre nós descer e ele dizer:

— Ana Maria.

Eu olhei, porque é sempre um reflexo olhar quando alguém chama o seu nome. A pessoa que estava me olhando era ninguém mais, ninguém menos, que o Bruno. Senti um frio no estômago naquela hora. Não estava esperando o ver ali, justamente em um elevador.

— Não sou um fantasma, não — ele sorriu para mim.

Ele estava bem vestido, calça e camisa social. Havia engordado um pouco, não muito, só o bastante para parecer mais saudável. Fora isso, estava barbeado e bem penteado.

— Você só me assustou. Não estava esperando — eu disse, um pouquinho só nervosa.

— Eu achei que era você, mas fiquei em dúvida. Você mudou o cabelo.

— Já faz meio ano — toquei o meu cabelo. — O cabeleireiro queria me fazer um *chanel*. Eu não quis. Iria ficar parecendo como se tivesse oito anos de idade.

— Achei que as mulheres quisessem parecer mais novas — ele riu.

O elevador chegou ao térreo. Pensei que cada um de nós iria seguir um caminho diferente, daquelas coisas de ex-amantes que se reencontram e cada um vai para um lado. Talvez fosse ironia poética, eu não sabia dizer.

— Você está com pressa? — o Bruno segurou a porta do elevador para eu passar.

— Não — admiti, mesmo não me sentindo exatamente confortável perto dele.

— Eu andei querendo conversar contigo. A gente pode tomar um café? — pediu.

Olhei para ele, sem saber o que responder. O olhar dele quase me implorava. Que mal um café poderia fazer? Por que eu tinha que ter um coração mole? Acabei aceitando.

Por sorte não precisamos ir muito longe. Havia um quiosque de uma cafeteria no saguão do prédio. Sentamos e eu pedi um cappuccino com creme, já que ele estaria pagando. Bruno pediu um expresso.

Bruno estava me olhando, como se estivesse tentando encontrar alguma coisa na minha cara.

— De onde é que alguém achou que você parecia com a Raquel? — disse e riu.

— Vocês todos pensaram, no ano passado — respondi e agradei o café que a garçonete havia colocado na minha frente.

— A gente precisava de óculos — Bruno sacudiu a cabeça e bebeu um gole do expresso. — Caramba... Isso parece que foi uma eternidade de tempo atrás.

Peguei um pouco de creme com a colher. Gostava de comer um pouco do chantilly, antes de misturar o resto com o café. Não era bonito, mas era gostoso.

— É. Foi em uma outra vida atrás — concordei.

— Sério, Ana Maria. Você parece muito bem — Bruno disse, com um tom de honestidade. — Eu fui a pior coisa que poderia ter acontecido para você no ano passado.

— Não foi tão mau — tentei contornar. Não sabia por que, mas não queria que se magoasse.

Não sabia se era por que eu ainda me preocupava com a saúde mental dele, ou se era porque eu me sentia de alguma forma grata a ele. Não pelo que ele havia me feito, mas que por causa dele, por nós haveremos nos conhecido, tudo tinha mudado.

— Eu precisava me desculpar contigo — ele bebeu mais um gole do café. — Por tudo que eu te fiz. Você nunca fez nada de errado e eu era o mais completo imbecil.

— Esquece, Bruno — eu falei e ele achou que eu estava me referindo a outra coisa, a não o perdoar. — Foi em outra vida. Não fica pensando em coisas que aconteceram em outra vida. A gente tem que seguir adiante. Ser positivo. Você está bem agora, não está?

Bruno sorriu.

— É, eu estou bem — disse e mexeu a xícara de café no pires. — Muitos remédios e muita terapia. Até consigo fingir que sou normal.

Isso me fez rir. Eu comecei a brincar com o creme do cappuccino. Quase que para não olhar para ele. Não havia como ver

o Bruno sem pensar no Lucas. Acho que ele sempre iria ser para mim o cara que não havia sido. Suspirei.

— Eu acho que eu tenho que te agradecer, sabe?

Bruno me olhou como se eu tivesse dito uma coisa completamente absurda e eu tive que tentar explicar o que era que eu estava realmente sentindo:

— Acho que antes de você chegar eu não fazia ideia do quanto minha vida era uma porcaria— tentei sorrir. — Eu não teria me esforçado tanto se não tivesse acontecido alguma coisa para mexer com tudo. A gente acaba se acomodando sabe? Tanto para as coisas boas, quanto para as ruins.

— De nada, então — ele sorriu. — Você está namorando alguém?

A pergunta me pegou de surpresa, então respondi de supetão e minha voz pareceu assustada:

— Não. Nem estou procurando.

— Eu não estou tentando te paquerar — ele riu. — Eu tenho uma namorada. Ela é ruiva. Assim ninguém pode me acusar de ela ser parecia com alguma ex-namorada, porque eu nunca havia namorado uma ruiva, antes.

Acabei tendo que sorrir. Era bom que ele houvesse continuado com a vida. Se eu não tivesse encontrado o Bruno ali, talvez eu passasse o resto da minha vida me perguntando o que teria acontecido com ele.

— Eu só precisei seguir ela por três meses, antes de ela aceitar sair comigo — brincou. — Sabe que eu fiquei me perguntando sobre você e o Lucas, depois.

— Eu não dormi com ele — respondi, sem ao menos pensar.

— Não isso, eu sei que não, o Lucas não mente nunca. Ele tem comichão se mente. É triste.

Eu não sabia dizer se ele estava falando a verdade, ou brincando comigo. Resolvi que ele estava brincando e sorri.

— O que eu estava tentando dizer era... Ele disse que gostava de você, mas você nunca disse que gostava dele. Foi isso que eu fiquei pensando, se você gostava dele, ou não — ele me olhou nos olhos. — Eu estou sendo invasivo, não estou? Minha psicóloga diz que eu preciso ser menos invasivo. Eu digo que eu não sou invasivo, eu simplesmente não tenho noção.

— Você virou piadista? — encarei.

— Responde a pergunta, Ana Maria — ele disse de um jeito leve.

— Eu gostava dele. Não consigo imaginar por que, mas eu gostava dele.

Honestidade me fazia ficar vermelha. Isso era novidade, para mim, enrubescer por uma bobagem como aquela.

Bruno olhou o relógio. Eu mesma olhei o meu. Estava quase na hora do almoço. Eu deveria estar indo para casa.

— Ei, almoça comigo — Bruno disse de supetão.

Lembrou-me a época em que ele não perguntava se eu queria fazer alguma coisa, que ele afirmava.

— Você está me enganando com o negócio da ruiva? — perguntei séria.

O Bruno pegou a carteira, abriu e tirou uma foto. Entregou para mim. Era uma ruiva, definitivamente. Com sardas e tudo. Ele não estava mentindo. Devolvi a foto para ele.

— Por que você quer almoçar comigo, então? — estranhei.

— Eu acho que café não é pedido de desculpas o suficiente. Uma refeição completa, é isso que você precisa. Está muito magrinha, também. Tem um restaurante italiano aqui perto. Eles chamam de "cantina", até. É muito bom. Deixa eu te pagar um almoço. Depois eu te deixo ir embora, nunca mais te procuro, a vida volta ao normal, blá, blá, blá.

Tive que aceitar. Deveria me lembrar que não tinha como dizer “não” para ele. Era impossível, ele simplesmente desconhecia essa palavra.

Fomos a pé até a tal cantina. Era um lugar pequeno e com uma decoração extremamente italiana. Até as toalhas das mesas pareciam gritar “Itália”, com sotaque, gestos de mão e tudo mais. Bruno escolheu a mesa, que era um pouco mais para o fundo, mas que tinha uma visão direta da porta.

Eu estava me sentando, quando ele começou a tatear os bolsos. Estava procurando por alguma coisa e não parecia estar encontrando.

— Esqueci o meu celular onde a gente tomou café — ele disse, finalmente. — Vou dar uma corrida para buscar.

Comecei a levantar para ir com ele, mas o Bruno me interrompeu:

— Eu vou correndo. Volto num instante.

Saiu apressado e eu fiquei sozinha na mesa, esperando. Não havia passado pela minha cabeça que o Bruno não fosse voltar, então não achei que ele estivesse demorando.

Como eu estava sentada de frente para a porta, pude ver exatamente o instante em que ele chegou. Só que não era o Bruno, era o Lucas. Quando entrou, deu uma parada e olhou em volta. Seus olhos passaram por mim, como se não houvesse me visto, em seguida olhou novamente com uma expressão surpresa.

Foi um daqueles momentos esquisitos, em que nós só ficamos nos olhando, quase como dois estranhos tentando se lembrar de onde conheciam aquela outra pessoa. Lucas veio na minha direção, com um passo meio hesitante. Achei que ele iria mencionar a coincidência, mas não eu não tinha certeza de que era uma.

— Bruno te chamou aqui? — fui eu quem perguntou.

Lucas pareceu perceber o que tinha acontecido e deu um suspiro.

— Ele é um idiota — seu sorriso era fraco. — Acho que ele queria que a gente se encontrasse.

Ficamos em silêncio mais uma vez. Ele estava ainda mais magro que antes. O cabelo dele estava um pouco mais comprido e tinha perdido o corte. Não era o bastante para dizer que ele estava fugindo do barbeiro, mas isso me lembrou o Bruno de quando eu havia o conhecido. A diferença era que o cabelo do Bruno era um pouco mais ondulado e o do irmão dele era completamente liso. E o Lucas não parecia maluco, também. Só parecia um pouco triste. Por um instante achei que ele inventaria uma desculpa para ir embora.

— Você está bem — ele me disse e apoiou as mãos no encosto da cadeira vazia.

— Senta — pedi. — Mesmo que ele tenha armado para a gente se encontrar, não quer dizer que eu não fique feliz em te ver.

Eu não sabia se isso era inteiramente verdade. Quando eu havia o visto, parecia que o meu coração tinha parado. Eu não tinha certeza se estava suando frio, ou não. Deveria estar em choque.

Lucas hesitou. Deveria estar pensando em tudo que havia acontecido, da mesma forma como eu também estava pensando nisso. Talvez estivesse ponderando se seria sábio sentar-se ou não. Decidiu ficar. Sentou-se na minha frente e nós ficamos em silêncio mais uma vez.

Eu estava tentando imaginar o que havia acontecido com ele naquele ano, julgando pela aparência dele, que não era das melhores.

— Seu cabelo fica bom assim — foi ele quem quebrou o silêncio.
— Fica bonito.

— Você está magro — escapou, antes que eu conseguisse evitar.
— Estava doente?

Não respondeu. Talvez não quisesse falar sobre isso. Talvez ainda estivesse doente e não quisesse ser lembrado. A expressão no rosto dele era tão séria que me dava calafrios. Senti medo que ele pudesse me dizer que estava morrendo, ou qualquer coisa do gênero.

— Eu só... — ele hesitou. — Não andei muito feliz nos últimos tempos. As coisas não andaram dando muito certo para mim.

— Mas está melhorando, agora?

— Sim — a resposta foi pronta e quase brusca. — Bruno está melhor e eu não tenho mais que me preocupar com ele.

— Eu não estou perguntando do Bruno. Eu quero saber de você.

Lucas não disse nada. Fiquei olhando para ele e pensei que ele parecia estar muito na defensiva. Talvez a melhor maneira para estabelecer um diálogo fosse falar de mim.

— Eu não estou mais trabalhando no *Café* — falei, procurando uma reação dele.

— Eu sei. Passei por lá, mas elas não quiseram me dizer se você estava trabalhando em algum outro lugar — ele mesmo se interrompeu, como se o pensamento estivesse entrecortado. — Eu quis te ver, depois que... mas... Eu demorei para juntar coragem. Só que você não estava nem morando no mesmo lugar.

— Eu vendi a casa. A gente se mudou para um apartamento perto da Universidade. Eu estou estudando.

— Sério?

— Secretariado — concordei com a cabeça. — Não é arquitetura, mas acho que combina mais comigo. O dinheiro da casa está pagando as mensalidades.

Lucas concordou com a cabeça, só para mostrar que estava escutando. Levantou a mão e chamou o garçom.

— O que você quer? — perguntou, enquanto o garçom vinha na nossa direção.

— Não sei. Escolhe para mim.

Fiquei olhando para ele, enquanto fazia o pedido. Lucas tinha um jeito fácil e confiável. Era por isso que eu tinha deixado ele se aproximar de mim com tanta facilidade. Era uma pena o que havia acontecido. Estava me lembrando, o que ele tinha dito. Que queria ter me conhecido antes do Bruno. Era uma burrice ficar acalentando o passado daquele jeito, mas eu tinha me feito aquela mesma pergunta tantas vezes naquele ano: e se ele realmente tivesse me conhecido primeiro?

— O que foi? — perguntou depois que o garçom saiu.

— Você ainda não me chamou pelo nome — reparei.

— Você acha que eu esqueci o seu nome?

— Não. Tenho um nome comum demais para ser esquecido — ri. — Só que você era a única pessoa que me chamava de Ana. Eu gostava.

— Ana — ele repetiu pensativo. — Eu gosto do nome. Quando eu tinha uns seis ou sete anos, eu era apaixonado pela babá. O nome dela era Ana.

— Sou sempre comparada a outras mulheres, não é? — olhei bem para ele.

Nós dois ficamos tensos naquela hora. Eu não queria ter lembrado a história do Bruno e ele também não. Aquele era um momento em que eu deveria ter mordido a minha língua e ficado quieta. Me arrependi de não ter feito isso.

— Ana... — ele disse, quase com um suspiro. — Você não parece com ninguém além de você mesma.

Eu senti um calafrio da maneira com que ele havia dito aquilo.

— Às vezes eu penso, sabe? Eu nunca deveria ter ido com o Bruno em primeiro lugar — sacudi a cabeça. — Não sei o que eu pensava. Acho que estava deprimida, mas não sabia. Deprimida demais para pensar que alguma coisa, qualquer coisa, pudesse me

fazer mal. Mas fez. Nunca fiquei tão mal com alguma coisa, quanto naquele dia. Eu me senti humilhada e...

— Eu não queria que acontecesse daquele jeito. Eu não sei como ele sabia...

— Não faz diferença. Eu era como uma criança mimada. Não me importava com as consequências. Eu nunca me arrependia de coisa alguma. Tudo isso me fez crescer. Se eu tenho um arrependimento é de... — hesitei, mas não havia realmente mais motivos para hesitar.

Aquilo tudo havia sido, havia passado. Não tinha por que falar o que eu queria dizer, mas também não havia motivos para não falar.

— Eu queria ter te conhecido antes — admiti. — Antes do Bruno, eu quero dizer. Queria que não existisse essa sombra entre a gente.

Lucas entreabriu os lábios, como se fosse dizer alguma coisa, mas também não soubesse como. Começou a mexer com o guardanapo de pano, estava evitando me olhar.

— Eu penso em você o tempo todo, Ana — disse e olhou para mim, quase timidamente. — Não penso mais naqueles termos de “e se”. O que me importa é que eu te conheci. Você tinha razão naquela época, também. Eu só gostei de você depois que eu pude te conhecer. Se não fosse tudo aquilo, eu não teria te conhecido de verdade. Se eu tivesse te visto primeiro, talvez nós não houvésemos nos aproximado. Eu era um imbecil. Acho que eu amadureci depois disso.

— Eu também cresci depois disso — falei quase me sentindo empolgada. — Parei de viver no passado...

Lucas me interrompeu bruscamente:

— Eu não posso me livrar do passado.

Olhei para ele, assustada. O jeito que ele havia dito essas palavras, cheio de angústia, fez gelar o meu sangue.

— Eu não consigo me livrar — ele repetiu mais baixo dessa vez. — Não consigo, Ana. No fundo, no fundo, eu sou tão obcecado

quanto o Bruno era. Ainda te amo.

Fiquei olhando para ele, boquiaberta. Não sabia o que dizer. Senti um calafrio no estômago tão forte que minhas mãos começaram a tremer.

— Foi por isso que o Bruno te fez vir aqui hoje, ele sabe que eu não deixei de gostar de você — Lucas continuou alheio ao que eu estava sentindo. — Não sei o que ele queria quando armou essa para nós, se ele queria se desculpar, ou se está preocupado comigo e quer que eu encerre esse assunto de uma vez. Eu não sei se eu consigo colocar uma pedra em cima de tudo isso, mas você não precisa se preocupar. Não vou ficar te seguindo ou atrapalhando a sua vida.

As palavras dele demoraram a fazer sentido para mim. Havia passado mais de um ano. Sim, eu ainda pensava sobre o que tinha acontecido. Ainda guardava aquele sentimento, mas nunca havia esperado ser confrontada por ele novamente. Isso me assustava, mas eu não era mais a mesma pessoa.

— Eu não vou mais tocar nesse assunto. Eu só queria que você soubesse... — ele disse e baixou o olhar.

Parecia não estar querendo me encarar naquela hora.

— Eu gosto de você — falei sem pensar, mas era o que eu sentia. — Isso me assusta.

— Por quê, Ana? — ele estava surpreso.

— Porque, se você me pedir, eu vou a qualquer lugar — baixei os olhos. — Não quero perder o controle de novo. Não quero me colocar nas mãos de mais uma pessoa que vá me machucar...

— Escuta — ele me interrompeu, estava levantando. — Eu nunca vou te machucar, Ana. Nunca. Eu te amo, droga. Eu te amo.

Veio até mim e me fez levantar. Estava tremendo. Seus dedos, quando se encostaram, em meu rosto estavam gelados. Eu tremi,

não porque o toque fosse desagradável, mas porque eu já estava me sentindo trêmula.

— Você me dá uma chance, Ana? Eu juro...

Não deixei que ele continuasse. Quando você realmente gosta de uma pessoa, quando você ama uma pessoa, você não precisa deixar que ela diga certas coisas. Você *sabe*. Eu o beijei. Estava apavorada, claro, mas eu não iria deixar o medo me dizer o que fazer ou não fazer. Eu havia gastado toda a minha sorte, mas eu não precisava de mais nenhuma. Eu tinha o Lucas. Era hora de recomeçar.

Notas

[1.](#) *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*, com Audrey Tautou de 2001. (Nota da Autora) [2.](#) A personagem na verdade se refere à torre de Pisa, campanário da catedral da cidade Pisa, na Itália, e que se inclinou durante sua construção. (Nota da autora) [3.](#) Personagem da série *Star Wars* do diretor George Lucas. A frase em questão foi dita no *Episódio IV: Uma Nova Esperança*. (Nota da autora)